



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS LIBRAS – BACHARELADO

Jaqueline Martins da Silva

Tradução e Ideologia em Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire

Ribeirão das Neves/MG

2020

Jaqueline Martins da Silva

Tradução e Ideologia em Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire

Trabalho apresentado à UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a conclusão de curso de Graduação Bacharelado em Letras Libras.

Professor Orientador: Prof. Me. José Ednilson Gomes de Souza Júnior

Ribeirão das Neves/MG

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Silva, Jaqueline Martins da Silva
Tradução e ideologia em pedagogia do oprimido de Paulo
Freire / Jaqueline Martins da Silva Silva ; orientador,
José Ednilson Gomes de Souza Junior , 2020.
163 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Comunicação e Expressão, Graduação em Letras LIBRAS,
Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Letras LIBRAS. 2. Tradução. 3. Ideologia. 4. Libras .
I. , José Ednilson Gomes de Souza Junior. II. Universidade
Federal de Santa Catarina. Graduação em Letras LIBRAS. III.
Título.

“Uns confiam em carros e outros em cavalos, mas nós faremos menção do nome do Senhor nosso Deus. Uns encurvam-se e caem, mas nós nos levantamos e estamos de pé.”

Salmo 20: 7-8.

RESUMO

Este trabalho é uma tradução comentada onde priorizamos, sobretudo fomentar mais produções acadêmicas tendo a tradução comentada tanto como metodologia e também campo teórico pesquisado para a base deste trabalho. A luz das Perspectiva Funcionalista em Nord, iremos traduzir e refletir sobre o capítulo primeiro - “Justificativa da pedagogia do Oprimido” obra de Paulo Freire, “Pedagogia do Oprimido” e analisaremos trechos com aspectos ideológicos. De modo objetivo definimos o ato de traduzir como o verter entre línguas: transpor, transladar. Este trabalho em sua dimensão e pesquisa objetivou analisar as tomadas de decisão da tradutora, em seu momento de tradução comentada da obra para a Língua Brasileira de Sinais. O processo de tradução comentada utilizou das bases teóricas, metodológicas e didáticas aplicada da tradução a qual reflete acerca das escolhas tradutórias, as tomadas de decisões, as dificuldades encontradas no processo, a preparação para traduzir, a organização, as críticas e comentários necessários e também de registros de notas em diário. Em uma análise descritiva explicativa consolidada com a tradução funcionalista orientada por Nord, elencamos as possibilidades de refletir sobre as tomadas de decisão, sobre as escolhas lexicais, os impasses no momento da tradução, análises prévias para o ato de traduzir e anotações em todos os momentos da tradução. Ao usarmos da Tradução Comentada como metodologia de pesquisa concluímos que a análise lexical é insuficiente para a produção de qualquer tradução, sendo a lealdade ao Skopo o fator base para qualquer tradução. A pesquisa mostra que todos os processos tradutórios estudados e que necessitam ser usados para que manutenção do texto alvo chegue com a mensagem do texto fonte.

Palavras-chave: ideologia freireana; língua de sinais; surdos; tradução técnica.

RESUMO EM LIBRAS

Link de acesso: <https://youtu.be/KcIOuBfN-1c>

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Paulo Reglus Neves Freire	32
Figura 2	Luminária (<i>ring light</i>) para gravação	46
Figura 3	Luminária confeccionada	46
Figura 4	Script para acompanhar a gravação	47
Figura 5	Imagem do canal no Youtube	49

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Edições do Livro Pedagogia do Oprimido em Línguas Estrangeiras	37
Tabela 2	Legenda com as cores das camisas para gravação	47

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Modelo de Tabela com Fatores Externos e Internos proposto por Nord.....	17
Quadro 2	Trecho do texto com aspecto ideológico I em Português	50
Quadro 3	Trecho do texto com aspecto ideológico II em Português	52
Quadro 4	Trecho do texto com aspecto ideológico III em Português	53
Quadro 5	Trecho do texto com aspecto ideológico IV em Português	54
Quadro 6	Trecho do texto com aspecto ideológico V em Português	56

LISTA DE SIGLAS

- AD - Análise do Discurso
- ET - Estudos da Tradução
- EI - Estudos da Interpretação
- EM - Esforço Mental
- LP - Língua Portuguesa
- LF - Língua Fonte
- LM - Língua Meta
- LSB - Língua de Sinais Brasileira
- TA - Texto Alvo
- TC - Tradução Comentada
- TF - Texto Fonte
- TPF - Teoria da Perspectiva Funcionalista

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
1.1 A Tradução Funcionalista a partir das pesquisas de Nord	16
1.2 Análise do Discurso	19
1.3 Ideologia	19
2 TRADUÇÃO E TRADUÇÃO COMENTADA NA PERSPECTIVA DE ALGUNS AUTORES	21
2.1 Entender da Tradução	21
2.2 Real processo da tradução e as possibilidades na LSB	22
2.3 Etimologia e principais teóricos dos Estudos da Tradução.....	23
2.4 Tradução Comentada	29
3 AUTOR E OBRA	32
3.1 Paulo Reglus Neves Freire	32
3.2 Vida profissional	33
3.3 Exílio	34
3.4 A obra	35
3.4.1 A Proposta do Livro	35
3.5 Dados da obra	36
3.5.1 Pedagogia Do Oprimido: O Realce Histórico	41
4 METODOLOGIA	43
4.1 Início	44
4.2 Gravação	45
4.2.1 Vestuário	47
4.2.2 O Processo de Edição	48
4.2.3 Inserção Dos Vídeos na Plataforma	48
5 ANÁLISE DE DADOS	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	62
APÊNDICE	68

Apêndice A: Glosa do capítulo 1 - “justificativa da Pedagogia do Oprimido”	68
Apêndice B: Diário de Tradução Capítulo 1 do livro “Pedagogia do Oprimido”	152
Apêndice C: Sistema de Transcrição para a Libras (FELIPE, 2005)	160

INTRODUÇÃO

O interesse em aprofundar nos estudos da tradução surgiu em 2016, durante o primeiro período do curso Bacharelado em Letras Libras, quando dispus contato com a disciplina Introdução aos Estudos da Tradução. Em meio às explanações concernentes ao conteúdo, o docente responsável discorria sobre a experiência em trabalhar como profissional intérprete de Libras e, sobretudo, como tradutor na embaixada de um país estrangeiro. Durante todo o percurso na disciplina, o meu interesse na área da tradução expandia a cada conhecimento adquirido, singularmente, durante a preparação do seminário ao final da disciplina supracitada que direcionava a origem dos tradutores e dos tipos de tradução.

A comunicação sabidamente desempenha um papel fundamental na sociedade: o homem não vive sem comunicação, já dizia Francisco Rudiger (2011). A comunicação é um processo que envolve a troca de informações entre dois ou mais interlocutores. Independentemente da modalidade de língua a que se faz uso, seja ela oral/auditiva ou viso/espacial, o ato de comunicar traz consigo a ideia de entender o discurso e fazer-se entendido. E ainda sobre comunicação vemos a tradução como elemento imprescindível na estrutura comunicacional. A tradução ocorre dentro da linguística intencionalmente para diminuir fronteiras na comunicação entre o leitor e o texto fonte, neste momento que a tradução se faz necessária. O ato de traduzir tem a magia (intenção) de fazer com que o texto escrito em determinado idioma se torne acessível a leitores em diversas línguas distintas de sua língua fonte (SARAMAGO, 1999).

Durante nossos estudos com destino a análise de dados, percorremos alguns caminhos que sinalizamos em capítulos desta produção. No capítulo 1 encontramos o diálogo entre autores que fundamentaram a tradução, desde o processo de surgimento de outras línguas até os Estudos da Tradução nos dias atuais. E discorrendo sobre a atualização dos estudos da tradução, encontramos no capítulo 2 a percepção da Tradução Comentada, inspirada por Christiane Nord e abarcamos a tradução funcionalista a partir de pesquisas elencadas durante os seus estudos. Qual a relação da Ideologia e a Tradução? Este é o tema que norteia o capítulo 3 dentro dele fazemos uma relação com “Análise do Discurso”, pois é analisando o discurso freireano que conseguimos refletir sobre esses dois assuntos: tradução e ideologia, que estabelece entre si uma argumentação imprescindível para análise dos dados

encontrados nesta pesquisa. A obra escrita por Paulo Freire é tema do 4º capítulo que aborda desde seu nascimento até sua morte e nesse intermédio a evidência da terceira obra mais comentada, "Pedagogia do Oprimido".

Este trabalho apresentou os procedimentos técnicos teóricos e práticos da tradução, as capacidades e as limitações lexicais entre o Texto fonte e o texto alvo que ocorrem nesse processo tradutório, as escolhas e transposições linguísticas entre a Língua Portuguesa para Língua de Sinais Brasileira, cooperando com os estudos da tradução levando a novas reflexões linguísticas e tradutológicas. Idealizamos que esta pesquisa acrescente ao acervo de produções acadêmicas em traduções comentadas; identificamos os problemas que ocorrem em cada etapa da tradução comentada, apresentando os recursos que possam facilitar a tradução de obras com essa temática e classificar os problemas que mais ocorrem em traduções nessa área, fazendo correlação com os estudos da tradução; mostramos à práxis de uma tradução comentada, e sobretudo, verificamos as variedades de escolhas que surgem no ato tradutório para manutenção do texto fonte.

Por fim, exploramos a metodologia descritiva explicativa para familiarizar com o tema proposto e realizar uma detalhada análise de dados pós-tradução. Através da metodologia descritiva podemos relacionar os três elementos fundamentais deste trabalho: o texto, os comentários e as escolhas tradutórias. Através desta metodologia apontamos resultados detalhados que obtivemos a partir da exploração do tema. O trabalho resultou na tradução comentada do capítulo 1 - "Justificativa do Oprimido" que foi minimamente registrado no diário de tradução todas as tomadas de decisões e reflexões da autora acerca do tema e material do texto fonte. Nos registros há análise de todos os dados do processo da tradução comentada, da preparação à entrega de material.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A tradução é uma investigação que não pode ser considerada contemporânea, pois uma das mais conhecidas e antigas obras foram realizadas pelo teólogo e tradutor São Jerônimo que consistiu na primeira tradução das Sagradas Escrituras do hebraico e do grego para o latim. Em nosso cotidiano estamos sempre fazendo uso da tradução, como por exemplo, no Google, em filmes e nas famosas séries. Um processo que naturalmente está incluído em nosso dia a dia e não paramos para refletir como ele acontece.

Vemos a evolução da tradução não somente dentro da Linguística, nos Estudos da Tradução, essa área tem estabelecido vínculos interdisciplinares como objeto de pesquisa, como por exemplo, nos Estudos Culturais na área da Antropologia. De acordo com as diversas possibilidades de análises e como requerido em cada disciplina, à tradução comentada é uma tratativa na qual tem sido investigada como produto e como processo.

O que é traduzir? Guerine e Costa (2007 apud SILVA, 2018, p.14) dizem que a palavra “traduzir” deriva-se do latim *traducere*, que significa “conduzir de um lugar para outro”. Passar um texto de uma língua para outra língua. Ainda assim, temos alguns autores que nos trazem uma reflexão sobre a tradução de uma forma mais complexa e nos leva a refletir sobre o desenrolar desse processo, antes visto somente como um produto acabado. Passamos por outras perspectivas como a “metodologia empírica” que leva aos processos mentais desenvolvidos durante o ato tradutório.

De forma geral, já temos uma ideia e experiências do que é tradução, devido à globalização e a facilidade tanto de informações quanto de acesso a textos estrangeiros, a tradução surge como elemento substancial não somente para entendimento, mas também para adaptação às contingências do presente. Inicio a fundamentação da minha pesquisa, não somente para este momento, todavia tenho como pilar que sustenta a assimilação: o significante e o significado de traduzir.

O tradutor Paulo Rónai (1975: 3-4) em sua obra “Tradução Viva” aprofunda-se ainda mais nesse conceito, trazendo-nos a reflexão de que “o sujeito desse verbo é o tradutor, o objeto direto, o autor do original a que o tradutor introduz num ambiente novo [...], mas a imagem pode ser entendida também de outra maneira, considerando-se que é ao leitor que o tradutor pega pela mão para levá-lo para outro meio linguístico que não é o seu”. Paulo Rónai

(1979, p.16) inicia sua abordagem considerando a rudez e frieza das definições encontradas em dicionários para definir traduzir e finaliza de modo poético a dizer que o tradutor é quem conduz o leitor “pela mão para levá-lo a outro meio”.

A abordagem de Rónai (1979) foi cronologicamente antecipada por entender que a abordagem trazida por ele nos fará refletir com o elo que trataremos no decorrer desta construção teórica. Susan Bassnett interpela que a definição de tradução não advém somente da transferência de textos, “ela é hoje corretamente vista como um processo de negociação entre textos e entre culturas, um processo em que ocorrem todos os tipos de transações mediada pela figura do tradutor (apud Guerrini, 2008, p.7)”.

Ainda refletindo sobre o processo tradutório, distinguir duas competências se torna relevante, como afirma Hurtado (2005) em sua obra *“A aquisição da competência tradutória: aspectos teóricos e didáticos que são: competência tradutória e competência comunicativa”*, confirmando essas ideias temos Pagano (2015) apresentando que o traduzir é mais do que algo automático de uma língua – fonte para outra – alvo, necessitando observar o meio bicultural e semântico onde o texto circula. Utilizamos a abordagem destes autores nessas duas competências específicas para destacar a eventualidade da atividade textual, comunicativa e cognitiva realizadas por falantes bilíngues. Mesmo o falante bilíngue dominando as línguas envolvidas no processo – competência comunicativa – não infere que este possua competência tradutória.

Após refletirmos sobre a tradução trazemos alguns dos vários conceitos de Tradução Comentada de que se trata esse trabalho. Os tradutores Freitas; Torres, Costa (2017, p.11) trata este ato de traduzir um texto, geralmente literário, inédito em português do Brasil e comentar a partir das teorias de tradução, não somente como observações no momento de traduzir. Comentários esses que são as particularidades de um tradutor mediante a análise que ele faz do texto, tentando reunir prática e teoria para que assim o tradutor possa ser percebido no processo de tradução. Seu comentário vem antecipado de uma leitura e releitura para interpretar o que o texto quer dizer. Segundo Williams e Chesterman (2002) Tradução Comentada é um tipo de análise de texto e tradução deve ser ao mesmo tempo introspectiva (uma investigação sobre o raciocínio do tradutor) e retrospectiva (após a tradução, é preciso olhar para o que foi feito) passos que são necessários para refletir o ato tradutológico e possíveis melhorias para as próximas traduções.

1.1 A tradução funcionalista a partir das pesquisas de Nord

A Perspectiva Tradução Funcionalista, doravante PTF, teve seu apogeu na Alemanha no início da década de 80 e perpetua até os dias atuais. O princípio da PTF como o próprio nome sugere, está firmado à regra da funcionalidade e oferece “lugar a uma perspectiva comunicativa, maleável, contextualizada e não arbitrária da língua” (POLCHLOPEK, 2011, p.67). Reiss (1971, 1984/1996) pioneira nesta linha de pesquisa, inaugurou a PTF nos Estudos da Tradução, ET, associando o Texto Fonte (TF) e o Texto Alvo (TA). Em 1971 Reiss sistematiza a tipologia textual relacionando cada a cada texto que melhor se convier.

A função comunicativa de um texto pode indicar quais são os elementos textuais que irão prevalecer e que determinarão a hierarquia de equivalência requerida no processo de tradução... dita equivalência inclui (com a situação) todos os fenômenos culturais (não somente verbais) dando a eles uma importância. (REISS & VERMEER, 1996, p.26)

Reiss argumenta que só existe equivalência textual se entre o Texto Fonte e o Texto Alvo cumprirem “a mesma função comunicativa em ambas as culturas.” (REISS & VERMEER, 1996, p.26). Vermeer, ensinado por Reiss, confronta seus estudos com a teoria de seu professor e cria a Skoposhteorie (REISS E VERMEER, 1996). Esta teoria defende a funcionalidade do tradutor como alguém que adapta ou adequa a tradução visando a finalidade e objetivo final, isto é, no processo tradutório a intenção é o que motiva a tradução acontecer, pois a partir desse momento o profissional tradutor - se transforma em um pesquisador - parte para conhecer as necessidades de seu público alvo levando em conta os aspectos culturais presentes. Tal abordagem corrobora com as defesas levantadas por Nord (1991):

[...] a produção de um texto alvo funcional, mantendo a sua relação com o texto fonte dado que é especificada de acordo com a função pretendida ou exigida do texto alvo (skopos/propósito da tradução). A tradução permite que aconteça um ato comunicativo o qual, em razão da existência de barreiras linguísticas e culturais, não seja possível sem a tradução. (NORD, 1991, p.28)

Tais como os pioneiros da TPF, Nord entende a tradução como um momento de comunicação real e que precisa de ter como elementos: fatores intratextuais - interno - e

extratextuais - externos. Nord (2009) aborda que a única forma de haver este processo de comunicação é encontrando os elementos, tais como:

Quadro 1: Modelo de Tabela com Fatores Externos e Internos proposto por Nord.

Fatores Intratextuais	Fatores Extratextuais
Emissor	Tema
Intenção	Conteúdo
Receptor	Pressuposições
Meio	Estruturação
Lugar	Léxico
Tempo	Sintaxe
Motivo (propósito)	Elementos suprasegmentais
Função textual	Efeitos do texto

Fonte: Nord (2009).

Conforme Nord (2009, p.112), para se conhecer o texto fonte e os elementos intratextuais presentes nele, existem alguns questionamentos que precisam ser respondidos: (i) o texto se refere a qual tema? (ii) quais são os conteúdos presentes? (iii) quais as ideologias estabelecidas pelo autor? (iv) em qual ordem o texto está estruturado? (v) quais são os elementos não verbais do texto? (vi) qual o nível dos léxicos? (vii) qual tipo de oração? e (viii) em qual tom se informa os dados?

Nord levanta uma única questão que fomenta uma inter-relação entre os fatores intratextuais e extratextuais: qual o efeito do texto? Nord (1991) postula a lealdade com o leitor e não com o texto, segundo a autora a fidelidade deve ser voltada para análise do escopo, é necessário entender o gênero a ser abordado para que este seja visto integralmente conforme o sentido proposto.

[...] suponhamos que se queira traduzir o Gênese com a função de texto ritual [...]. É importante reproduzir o texto o mais literalmente possível; seu sentido é secundário. Suponhamos que se queira traduzir a Bíblia com uma função estética. Será mais importante alcançar um valor estético, de acordo

com as expectativas da cultura final (!), que reproduzir o texto literalmente. Suponhamos que se queira traduzir a Bíblia com a função de texto informativo. O importante será que fique claro o sentido do texto (na medida do possível); nesse caso existem objetivos subordinados: para os teólogos, para os leigos na matéria etc. [...]. Portanto, não existe a (única forma de realizar uma) tradução de um texto; os textos-meta variam dependendo do escopo que se pretende alcançar (REISS e VERMEER, 1996, p.84).

O escopo da PTF é tratar o tema abordado como elemento central da tradução comentada e não como ferramenta de pesquisa. Para tanto, as perguntas supracitadas precisam ser respondidas para não perder o real sentido do processo tradutório que surge no TF. Em análise da pergunta, precisamos analisar os dados que compõem toda narrativa sem desprezar as pequenas informações que o TF fornece.

Identificar em qual tom as informações são veiculadas e com quais palavras são relatadas. A maneira como é organizada a estrutura sintática, os tipos de orações presentes no texto fonte não podem ser ignorados, visto que tecem a narrativa. Além de ser de suma importância perceber qual o efeito que o texto causa na audiência. Alusões, metáforas, sátiras, podem estar presentes no texto fonte, e o tradutor só perceberá estes recursos se transitar bem entre as duas culturas. (ROLÓN 2013, p.15)

Zipser (2002) estabelece uma interação em comum entre a ação jornalística e a tradutória, a disseminação deste seu argumento acontece quando o autor alemão Frank Esser (1985) escreve sobre a identidade nacional e a cultura de cada nação e que isto é explicitado no modo em que cada imprensa leva a notícia aos leitores/telespectadores.

Tradução é um texto destinado a funcionar para um determinado público [...] por outro lado, uma tradução é também uma espécie de representação que substitui, na língua e cultura meta, um texto produzido na língua e cultura de partida. Por isso, pode também cumprir funções diferentes em relação ao texto base. (NORD, 2009, p.226)

Durante o processo de procura por materiais, encontramos uma entrevista realizada por Anthony Pym em 26 de maio de 2006, onde Nord reflete sobre o processo intercultural das línguas envolvidas no processo de tradução e como isso deve ser levado em consideração para o início dos trabalhos.

É impossível o TF escolher como chegará ao TA, não é possível construir uma equivalência na cultura quando nos referimos ao TA, especialmente se a cultura de partida for muito distante da cultura de chegada ou quando se trata de textos históricos e bíblicos. Não existe qualquer coisa como um equivalente do discurso, sequer funcional, o público é diferente entre sim: o contexto, o conhecimento, a situação. Então, mesmo que o público consiga ler no original, eles leriam de uma forma diferente do escrito da época. (Nord, 2006)

Na PTF, Nord entende que o texto é uma composição que vai muito além de uma redação, é uma composição de sentidos que possui uma relevância superior aos léxicos que nele se integram. Tratado como um evento comunicativo, o tempo, o lugar e o interesse em comunicar são as principais peças que formam a Tradução Funcionalista.

1.2 Análise do discurso

A Análise do Discurso não atraiu apenas estudiosos do campo da linguística, existem também ciências sociais e humanas que a estudam. O diálogo entre essas áreas têm se auto configurado e feito com que Análise do Discurso ganhe cada vez mais espaço entre os estudiosos com uma ampla gama de métodos teóricos (GODOI, 2006). Sugerindo o estudo da linguagem interpelada em três níveis: o linguístico, o discursivo e o ideológico-cultural.

A relevância da Teoria Social do Discurso, que segundo Fairclough (2008) é um das Teorias da Análise do Discurso nas pesquisas linguísticas, focaliza-se na sua visão tridimensional: “texto” (preocupa-se com a análise linguística dos textos); “prática discursiva” (intenção, na concepção do texto e interação de discurso, especifica a natureza dos processos de produção e interpretação social), e “prática social” (cuida de interesses na análise social) Fairclough (2008). Percebe-se que a Análise do Discurso tenta focar-se em mostrar o que está implícito nos processos sociais estudando ideias sócio-ideológicas, abrindo caminho para que as ideologias “disfarçadas” no discurso e todos os seus vínculos de submissão veladas, sejam expostos. Fairclough (2003) sugere a análise textual como parte da ciência social.

1.3 Ideologia

Dentro da Ciência Social a ideologia é um conceito bastante controverso. Entendemos que suas origens procedem do marxismo e que alguns outros conceitos

“concorrentes” por questões que envolvem um discurso "político" foram surgindo e tentando substituir a sua forma original.

Karl Marx concebe a ideologia como “consciência falsa”, pois entende que o ser humano nada mais é do que um indivíduo que é completamente composto de informações recebidas de outros, e define falsa por se tratar de construções históricas em que o homem acredita no outro, resultando em ilusões ouvidas e não em experiências vividas. Para Althusser a ideologia é “um sistema de ideias, de representações que domina o espírito de um homem ou de um grupo social” (ALTHUSSER, 1958, p. 81). Sendo assim muito mais do que mera imaginação, se refere em trazer consigo toda sua percepção de sujeito ativo no mundo. Segundo Eagleton (1997:15) ideologia é a “legitimação do poder de uma classe ou grupo social dominante”, quem tem o poder controla o conhecimento e a geração de recursos materiais que podemos perceber em “Pedagogia do Oprimido” como “opressor” classe dominante e “oprimido” a classe dominada. Esse autor ainda defende a necessidade de “falar em ideologia com respeito aos usos específicos da linguagem”.

Em seu livro “Discurso e Mudança Social” encontramos Norman Fairclough (2003) dizendo: “entendo que as ideologias são as significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais)”, para ele não há uma dissociação entre ideologias e a realidade.

Thompson (1998:76) reformula seu conceito de ideologia conceituando como “pode ser empregado para se referir às várias maneiras como o sentido serve em circunstâncias particulares, para estabelecer e sustentar relações de poder que são sistematicamente assimétricas”, foca-se no uso de poder. O autor nota dois conceitos para ideologia: “neutro” e outro “crítico”. Quando se refere ao primeiro conceito é na tentativa de desvincular o termo ao “sistema de crenças”, “sistema de pensamentos” ou “sistemas simbólicos” que são notados nos estudos da ação social ou no meio da prática política. O conceito crítico é relacionado diretamente ao marxismo e às lutas de classes, aliás, todas as ideologias com sufixos “ismo” direciona a este conceito como sendo uma estrutura organizada por um líder ideológico que categoriza um sistema de pensamentos e crenças.

2. TRADUÇÃO E TRADUÇÃO COMENTADA NA PERSPECTIVA DE ALGUNS AUTORES

Escolhemos iniciar esta pesquisa refletindo sobre a atuação dos profissionais tradutores como construtores de uma história que entrelaça os Estudos da Tradução aos Estudos da Interpretação.

2.1 Entender da tradução

Pensar em tradução é um desafio. Refletir sobre as escolhas tradutórias de um autor é no mínimo inquietante, pois existem as incertezas. Compreender o porquê da sequência de palavras e o porquê daquelas palavras usadas pelo escritor é enigmático... e é para isso que o tradutor se revela.

Você em algum momento se perguntou “o que a pessoa quis dizer com isso?” após receber uma mensagem - escrita ou não. Se você já experimentou a dúvida de não entender de forma completa uma sentença, certamente você sentiu uma mínima parcela do desafio que é ser um profissional tradutor. Em dados momentos de nossa carreira refletimos sobre escolhas inapropriadas de sentenças que recebemos durante um discurso que nos causou um esforço mental maior para (tentar) entendermos com clareza o real objetivo daquelas palavras.

Refletir nos itens que configura o processo da tradução vai além de preocupar-se com a qualidade do seu trabalho ou com o produto final a ser consumido, esse processo vanguarda as escolhas lexicais e os elementos do discurso que construirá a sentença, para que as métricas entre a produção final do seu trabalho e o entendimento da sua produção por parte do leitor sejam reduzidos. O fragmento exposto encontrado nas pesquisas de Sweller e disseminado por outros pesquisadores da área da psicologia e neurociência, aponta para um fator presente e recorrente que precisa ser memorável por todos aqueles que produzem materiais de mídia - especialmente escritas - que tem como objetivo publicação. No tocante à mídia escrita, a pesquisa realizada por Mayer (2001) reitera ter uma maior propensão a haver mais ruídos e/ou

dificuldade de compreensão por utilizar apenas um canal sensorial - os olhos - e que neste há uma capacidade limitada de processamento de informação.

Em suma, o profissional tradutor dilige seu empenho lapidando todas as ferramentas e estratégias em punho visando o bom êxito do seu trabalho, e este não é concluído em sua mesa ou em sua biblioteca depois de publicado, mas no entendimento claro que o leitor faz da produção que alvejada pelo profissional, em seus vários momentos de trabalho enquanto versava entre suas técnicas e habilidades que trabalharam para este fim. O tradutor precisa de fato se responsabilizar pelo entendimento do outro que manuseará a sua produção que atingem léxicos e culturas a cada tomada de decisão, como abordaremos adiante.

2.2 Real processo da tradução e as possibilidades na LSB

Para de fato adentrarmos no processo que constitui a TC na perspectiva funcionalista de Nord, é necessário entendermos a precisão da tradução, os limites da tradução e os fundamentos que constituem LSB - Língua de Sinais Brasileira - uma língua que pode ser traduzida.

Diferentemente do que se defende ou que é pouco difundido, o processo de tradução versa não somente na necessidade de transladar entre línguas distintas, a tradução ocorre também dentro de uma mesma língua como defende Roman Jakobson (1975: 64-5) ao pontuar que a tradução intralingual, ou reformulação, consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua, como por exemplo, as várias edições do livro “Quem Mexeu No Meu Queijo?” traduzidos na língua portuguesa - tradução interlingual - e (re)traduzidos especificamente para públicos de diferentes faixas etárias, a saber: crianças, jovens e adultos utentes da LP.

Segundo a Oxford Languages, na Linguística, língua é um “sistema de representação constituído por palavras e por regras que as combinam em frases que os indivíduos de uma comunidade linguística usam como principal meio de comunicação e de expressão, falado ou escrito”, entre todas as definições apresentadas em artigos e dicionários consultados, em todos os quesitos propostos pré-estabelecidos, a LSB se enquadra, como podemos concluir na definição acima apresentada. A LSB possui uma estrutura completa como as demais línguas

existentes no mundo com estrutura morfológica, fonológica, sintática e semântica; inserida na categoria de modalidade visual-espacial por se basear nas interações culturais e experiências visuais das comunidades surdas, a LSB possui também o seu sistema próprio de escrita, desclassificando ser uma língua ágrafa, como propõe vários acadêmicos de outras áreas do conhecimento.

Permeando a LSB, encontramos conquistas e aquisição de direitos, como o reconhecimento da LSB como meio legal de comunicação e expressão por meio da Lei de nº 10.436 de 24 de abril de 2002, encontramos também os percalços da aceitação desta realidade gerando mitos pelo desconhecido como aborda as autoras Quadros&Karnopp (2004 p. 31-37) em sua pesquisa sobre os mitos e verdades

Em síntese, apropriar das vertentes que estrutura a LSB como uma língua assim como todas as demais línguas de sinais existentes - a saber: ASL (American Sign Language traduzido como Língua de Sinais Americana), BSL (British Sign Language traduzido como Língua de Sinais Britânica), LFS (Language Française de Signes traduzido como Língua de Sinais Francesa) e entre outras - é inevitável, assim sendo uma língua natural, corrobora os estudos linguísticos e tradutórios a luz de uma mesma teoria que se justapõe às demais LSB, como pode citar os achados de Stokoe (1960) estudados pelos acadêmicos neste curso e tendo uma numerosa frequência desta citação em artigos acadêmicos, palestras e congressos.

2.3 Etimologia e principais teóricos dos estudos da tradução

É preciso levar em consideração o surgimento da tradução que, segundo Vasconcellos e Bartholamei Junior (2008) em sua produção acadêmica informa que não se pode datar o início da tradução no mundo, sem embargo informa que todo este processo iniciara quando as línguas entraram em contato.

Falar sobre o surgimento da tradução, bem como Gille, pode ser considerada como uma variável matemática que pensa em valores que incluem aspectos sociais. Para chegar a uma resposta desta indagação, “precisamos levar em conta uma dimensão histórica” como afirma Oustinoff (2011, p. 8). Fora da perspectiva acadêmica, caso procuremos uma resposta, talvez encontremos de forma resumida que é uma transferência de texto ou de informações de

uma língua para a outra. Além do mais, podemos até mesmo ver as pessoas relacionando a tradução com a interpretação de modo a descartar o fato da escrita.

Sobre a escrita, aceitamos a definição de Higounet (2003, p.9) “um procedimento do qual atualmente nos servimos para imobilizar, fixar a linguagem articulada”. Neste sentido, não pode defini-la com um simples instrumento, pois ela “realiza o pensamento que até então permanece em estado de possibilidade”, pois em tempos longínquos não (re)encontramos as histórias, eram contadas e recontadas somente de forma oral. Nesta linha do tempo, inicia-se o processo de construção da escrita que começa a ser constituído num sistema de grafia que evoluiu até os nossos dias atuais. Acredita-se que o fato motivador da evolução deste processo seja inerente à cultura da oralidade que necessitava de registrar suas histórias, - até o momento as histórias eram passadas de geração para geração atrás da oralidade.

Após o marco deste novo tipo de registro num texto escrito, vê-se a possibilidade da perpetuação das ideias a alcançar novos povos em lugares distintos, a partir de então, a tradução - e/ou registro escrito - obteve mais campo. Bem como não há registro datado do início da tradução, também não encontramos qual foi e quem a realizou. Todavia, a referência que melhor pode representar este momento é o livro sagrado, a Bíblia, “impossível falar de tradução deixando de levar em consideração os textos bíblicos.” (OUSTINOFF, 2011 .12).

O primeiro registro de tradução bíblica é a Septuaginta - nome da Bíblia hebraica traduzida para o grego - que foi traduzida em Alexandria. Este material é tido como a mais antiga obra de tradução. Fato de grande relevância, é que na Bíblia encontramos o início da pluralidade linguística. No primeiro livro da Bíblia Sagrada, Gênesis, encontramos os descendentes de Noé construindo uma torre que logo é chamada Torre de Babel, como relata Santos (2019, p.24) em sua tese de mestrado. A partir de então, Deus assistindo tudo isto, interveio de modo a confundir as línguas de todos até que finalizasse a construção.

Derrida (2006) e Vasconcellos e Bartholamei Junior (2009) abordam tal fato como sendo um mito, pois a história possui poucos registros sobre o fato.

Assim sendo, a variedade de línguas e seus registros escritos vão se compondo historicamente. Devido ao processo histórico, social e religioso, a Bíblia, desde a sua primeira tradução, vem obtendo novos conceitos na literatura com suas várias traduções e adaptações - relata-se que ainda a Bíblia não fora escrita em todos os idiomas. Apontamos esses dados históricos no propósito de demonstrar que “uma formação universitária em tradução estaria incompleta sem uma disciplina de história da tradução.” (DELISLE 2016, p.10)

Existem alguns pontos que D'Hulst (1994, p.12-13 apud DELISLE, 2016) conceitua como necessidade de reflexão para os que entendem a relevância da História da Tradução, entre eles encontramos: (i) a reflexão da qualidade de disciplina que acadêmicos têm acesso; (ii) que o processo de tradução sofreu uma grande evolução desde os primórdios; e (iii) a partir de então, podemos ter novas perspectivas para analisar as possibilidades que temos se comparada com a antigas atividades de tradução.

Explicada a etimologia da tradução, abordaremos o processo formalizador do processo de tradução ao longo do tempo. Steiner (2005) sugere que a atividade de tradução é inferida através de uma linha do tempo que é dividida em períodos históricos. No primeiro período estabelecido por Steiner, as discussões surgiram do modo como se realizavam as traduções que, segundo ele versava entre tradução palavra-por-palavra - tradução literal como aborda os ET - e/ou a tradução pelo sentido. Um dos renomados autores dessa época foi Marco Túlio Cícero (106 a 43 a.C.) o qual foi referido por Furlan (1996) em *Brevíssima História da Tradução*, por Steiner (2005) em *Depois de Babel: Questões de Linguagem e Tradução* e por Oustinoff (2011) em *Tradução: história, teorias e métodos*.

Cícero definia o tradutor com orador, Furlan (1996 p.17) conta que assim Cícero definia, pois o profissional da época - tradutor - conservava “os mesmos pensamentos, formas e figuras no texto original” realizando a tradução em seu sentido, e não com intérprete (CÍCERO, 1996, p.38-40; V, 14; VII, 23 apud Furlan, 1996 p.17). Sobre este período, curioso saber que usada a tradução palavra por palavra, deveria ter igual a mesma quantidade (FURLAN, 1996, p.17) de léxico do TF e o TA, isto para o intérprete, pois o orador era responsável por fazer a tradução dos sentidos.

Steiner (2005) relaciona o segundo período como a teorização por intermédio da Hermenêutica, admitida como a “investigação do que significa compreender um fragmento de linguagem oral ou escrita e a tentativa de diagnosticar esse processo em termos de um modelo geral do significado” (STEINER, 2005, p.260). Nesta fase, a teoria e a prática estavam atreladas à tradução, e em vários momentos estes se organizavam para que, a partir de sua prática, os profissionais da época, estabelecessem regra, modelo ou uma receita para que os pretendentes à tradução tivessem uma estrutura tópica a seguir.

Iniciado o terceiro período, em meados do século XX, surge por meio do avanço da tecnologia as primeiras máquinas que faziam a tradução automática usando como base de

programação a tradução que já era realizada, palavra-por-palavra. O seu sistema basicamente era programado para substituir as palavras por outras como se fossem códigos.

Dessa forma, o processo de tradução estabeleceu os seus laços com a Linguística, consolidando o que Jakobson (1963) definiu como “Aspectos Linguísticos da Tradução”. O estudo era pautado na programação já pré-estabelecida pela tradução automatizada pelas máquinas já existentes e é neste momento que o autor estabelece três formas de realizar tradução:

- 1) A tradução intralingual ou reformulação (rewording) consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua.
- 2) A tradução interlingual ou tradução propriamente dita consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua.
- 3) A tradução intersemiótica ou transmutação consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não verbais. (JAKOBSON, 2010, p.65)

Factualmente, vemos que pautado na organização temporal de Steiner (2005), o ET tem sido uma área de busca e objeto de pesquisa por inúmeras outras áreas.

O questionamento que motivou a nossa pesquisa até este momento surge novamente, mediante a todo esse processo etimológico, o que é tradução? Partindo dos princípios fundamentalmente teóricos, encontramos vários autores tratando a tradução como particularidade de seus estudos, a tradução deixa de ser vista como um elemento e começa a ser considerada uma ação de pesquisa. E o que os teóricos afirmam?

Vinay e Darbelnet (1972, p.20) assemelham a tradução “a passagem de uma língua A para uma língua B para expressar essa realidade”. Se observarmos por um olhar crítico, veremos que a tradução definida se refere à tradução supracitada, a tradução palavra-por-palavra, e se ampliarmos um maior tempo analisando tal explicação perceberemos ainda que a definição é bastante rasa se comparada com as demais que surgiram em anos próximos.

Em 1965, Calford (p.22) explana que tradução é “substituição de material textual numa língua (LF) por material textual equivalente noutra língua (LA)”, ainda baseada na tradução palavra-por-palavra, a definição proposta ainda é rudimentar.

Na década de 70, Bassnett (2013) conceitua a tradução ainda como um elemento dos Estudos Linguísticos e que atua na transferência de material linguístico e textual, a partir de então, surge inicialmente tradução dos signos verbais e não verbais.

Passados dois anos, Holmes (1972) exibiu em um congresso o seu trabalho *The Name and Nature of Translation Studies*, que propôs a categorização da tradução como um

campo diferenciado. Holmes (1972) através de um esquema, sistematizado, organizou as áreas das disciplinas e definiu como ET. Este trabalho hoje é uma referência a criação da área de pesquisa dos ET, o sistema elaborado por ele é tido como o primeiro mapa do campo disciplinar:

A relevância de se fazer o mapeamento de um campo disciplinar pode ser argumentada em, pelo dois menos, dois aspectos: (i) a inserção do praticante em um campo disciplinar específico, contribuindo para a constituição de seu status de profissional, e (ii) a conscientização desse profissional com relação aos possíveis desdobramentos e expansões do campo disciplinar no qual está inserido.

Nesta mesma década, a tradução não é mais considerada apenas como um produto, Vázquez-Ayora (1977, p.221) diz que “[..] o processo tradutório consiste em analisar a expressão da língua original [...]”, ou seja é um processo que inicia na separação do texto até o encerramento do processo de tradução.

Paulo Rónai em sua obra de 1981, “A Tradução Viva”, pontua que:

Ao definirem “tradução”, os dicionários escamoteiam prudentemente esse aspecto e limitam-se a dizer que “traduzir é passar para outra língua”. A comparação mais óbvia é fornecida pela etimologia: em latim, *traducere* é levar alguém pela mão para o outro lado, para outro lugar. O sujeito deste verbo é o tradutor, o objeto direto, o autor do original a quem o tradutor introduz num ambiente novo [...] Mas a imagem pode ser entendida também de outra maneira, considerando-se que é ao leitor que o tradutor pega pela mão para levá-lo para outro meio lingüístico que não o seu (1976: 3-4).

Em sua feliz observação, Rónai demonstra o sujeito tradutor como o único responsável pela condução do leitor a um lugar que é desconhecido por ele e que precisa ser orientado - subjetivamente Rónai (1981) insere os seus fundamentos apontando para a tradução interlingual. Sutilmente o fator intercultural, que enraizado no tradutor, se revela a cada momento em que aproximamos o leitor - que terá acesso ao produto final - ao TF. O tradutor enquanto condutor, previamente prepara o caminho para o leitor. Em posse de suas ferramentas e equipado com os itens necessários, o tradutor deixa o seu espaço de trabalho se transformar num caminho de mata fechada a ser aberto sobre o seu domínio, segue a trilha das suas escolhas para avistar brevemente o campo que ele precisa desbravar. Quem conduz o caminho conhece as possibilidades e instabilidades do percurso. Em conformidade com Rónai, percebemos que mesmo no sentido metafórico, o que definimos desconhecido sendo algo sem familiaridade é na verdade a falta de contato experimental direto com a prática.

Partindo das pesquisas escaladas numa linha de tempo, percebemos que ao passar do tempo a forma de lidar e definir a tradução foi modificando e com o tempo agregando nas abordagens teóricas e no contexto sócio-histórico (HURTADO ALBIR, 2005, p.41). Posteriormente, Hurtado Albir faz a seguinte definição para tradução “um processo interpretativo e comunicativo que consiste na reformulação de um texto com os meios de outra língua, que se desenvolve em um contexto social e com uma finalidade determinada”, baseado nessa afirmativa, começamos a compreender que os ET começa a se inter-relacionar com os EI.

Em 2002, Williams e Chesterman (2002) propõem um segundo mapeamento no campo disciplinar que, como dito, já foi proposto por Holmes (1972), que foi publicado em *The Map*. Visto que Williams e Chesterman esmeraram nas pesquisas nos ET, publicaram o esquema onde elementam doze subáreas dentro da Pesquisa em Tradução, a saber: 1 - Análise de Texto e Tradução; 2 - Avaliação de Qualidade de Tradução; 3 - Tradução de Gênero; 4 - Tradução Multimídia; 5 - Tradução e Tecnologia; 6 - História da Tradução; 7 - Ética da Tradução; 8 - Terminologia e Glossários; 9 - Interpretação; 10 - O Processo da Tradução; 11 - Ensino de Tradução; e 12 - O Profissional de Tradução.

A conhecida Editora Saint Jerome Publishing, realizou um outro mapeamento sistematizado que, segundo Vasconcelos (2010, p.129-130) e Rodrigues (2013a, p.21-22) teriam as seguintes subáreas: 1. Tradução Multimídia e Audiovisual 2. Tradução Religiosa e Bíblica 3. Bibliografias 4. Interpretação para a Comunidade/ Interpretação de Diálogo/ Interpretação para Serviço Público 5. Interpretação Simultânea e de Conferência 6. Estudos Comparativos e Contrastivos 7. Estudos Baseados em Corpus 8. Interpretação Legal e Jurídica 9. Avaliação /Qualidade /Avaliação /Testes 10. História da Tradução e Interpretação 11. Estudos Inter-Culturais 12. Estudos de Interpretação 13. Tradução Literária 14. Tradução (auxiliada) por Computador 15. Trabalhos de Múltiplas Categorias 16. Estudos Orientados ao Processo 17. Metodologia de Pesquisa 18. Interpretação de Línguas Sinalizadas 19. Tradução Técnica e Especializada 20. Terminologia e Lexicografia 21. Gênero e Tradução 22. Tradução e Ensino de Línguas 23. Tradução e Política 24. Tradução e a Indústria da Língua 25. Políticas de Tradução 26. Teoria de Tradução 27. Formação de Tradutor e Intérprete;

Em regra, mediante estas diferentes perspectivas, entendemos que todas as esquematizações nos ET são facilitadores para aprofundar mais pesquisas de interesse linguístico e também de outras áreas do conhecimento. Vale salientar que as pesquisas sobre

os processos de tradução tem se destacado como um objeto de estudo, diretamente relacionado aos trabalhos dos ET.

2.4 Tradução Comentada

Neste subcapítulo (tentaremos) estabelecer as principais características da TC relativizada por autores consagrados que apontaram suas pesquisas para os ET de forma bem particular.

Em "Tradução Comentada", o comportamento do tradutor é analisado e discutido criticamente, considerando sua fluência, escolhas, clareza e lealdade do texto original, e discute com a literatura profissional para explicar a execução e seleção da tradução, que forneça materiais de referência apropriados e outros conteúdos fornecidos no curso. Este é o resultado desta pesquisa, para que a análise da tradução possa ser obtida de forma confiável.

A ênfase principal é colocada em considerar cada ato de tradução, observando e justificando as escolhas, levando em consideração os aspectos de análise da TC.

É possível definir TC levando em consideração a opinião de Williams e Chesterman (2002, p. 7):

“Uma tradução com comentários (ou traduções anotadas) é uma forma de pesquisa introspectiva e retrospectiva em que o tradutor traduz um texto e, ao mesmo tempo, escreve um comentário a respeito de seu processo de tradução”.

Empenhado em entender as definições que os autores trazem sobre a TC, voltamos para a articulação/organização em que a análise escrita parte dos elementos que estão compostos na sentença, objetivando a compreensão através da análise dos léxicos como um todo - através do sentido, do que se quer expressar - e não de forma solitária - palavra por palavra.

Quando delimitamos a TC como objeto de pesquisa e não como ferramenta, este acontecimento, bem como na linguagem, são ambivalentes em sua função: em um momento a função da tradução como ferramenta de traduzir entre/em línguas e/ou linguagens e noutro um vasto processo de busca de interpretações dentro de um mesmo elemento.

Enquanto gênero acadêmico-literário, consideremos como um objeto que não pode ser desassociado do seu produtor – autor – e de seu processo de construção. Deste modo, entendemos que cada texto é único em seu sentido e intenção, mesmo sendo reescrito pelo mesmo autor, existe uma peculiaridade do momento, que o transforma em único.

Motta-Roth (2003) confronta a estrutura que limita um artigo científico com os funcionamentos da TC, sobre o primeiro gênero, vemos a estruturação padrão: introdução, referencial teórico ou revisão, metodologia, análises e discussão dos resultados, conclusão e bibliografia. No que diz respeito à TC, Torres (2017, p18) elenca alguns itens que pode ser estabelecido como padrão estrutural em qualquer procedimento de TC, de poesia a artigo científico, são eles:

- O caráter autoral: o autor da tradução é o mesmo do comentário;
- O caráter metatextual: está na tradução comentada incluída a própria tradução por inteiro, objeto do comentário; a tradução está dentro do corpo textual (o texto dentro do texto);
- O caráter discursivo-crítico: o objetivo da tradução comentada é mostrar o processo de tradução para entender as escolhas e estratégias de tradução do tradutor e analisar os efeitos ideológicos, políticos, literários, etc. dessas decisões;
- O caráter descritivo: todo comentário de tradução parte de uma tradução existente e, portanto, reflete sobre tendências tradutórias e efeitos ideológico-políticos das decisões de tradução;
- O caráter histórico-crítico: todo comentário teoriza sobre uma prática de tradução, alimentando dessa forma a história da tradução e a história da crítica de tradução. (TORRES, 2017, p.18)

Williams & Chesterman (2010), citam em seu trabalho *Texts Analysis and Translation* que nas áreas de pesquisa nos ET, a TC é um tipo de análise de texto e tradução, nesta linha de pesquisa os autores definem a TC como sendo simultaneamente um campo de estudo e um método de pesquisa.

A tradução com comentário (ou tradução comentada) é uma forma de pesquisa introspectiva e retrospectiva em que o tradutor traduz um texto e, ao mesmo tempo, escreve um comentário a respeito de seu processo de tradução. Esse comentário inclui alguma discussão a respeito do encargo de tradução, uma análise de aspectos do texto fonte e justificativas bem fundamentadas dos tipos de soluções a que se chegou para tipos específicos de problemas de tradução (WILLIAMS & CHESTERMAN, 2002, p. 7)

Dado comentário, o profissional tradutor pode abordar “a tarefa de traduzir, análise do TF e do contexto em que ele foi escrito ou ainda justificativas sobre os problemas enfrentados e as soluções propostas no decorrer do processo tradutório” (ZAVAGLIA,

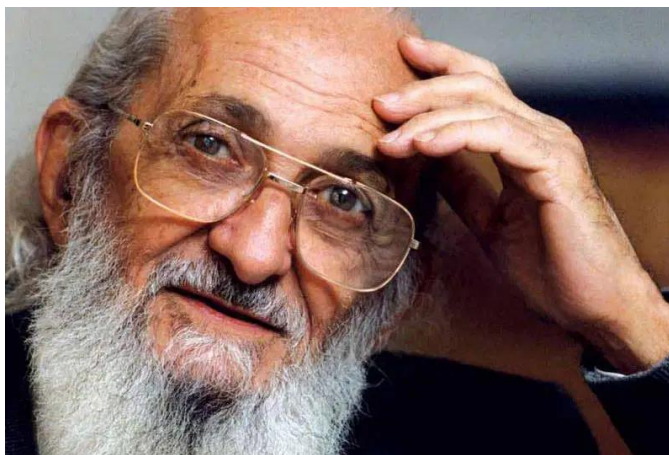
RENARD, JANCZUR, 2015, p.333) a fim de analisar os textos trabalhados naquele momento. A tarefa de traduzir e as soluções propostas devem ser analisadas minuciosamente, pois o processo da TC reflete diretamente nos materiais de análise do TF - pois, em seu momento de estudo considera-se os aspectos linguístico e extralinguístico, identificação do gênero discursivo do material a ser traduzido, isto é, as várias etapas que compõem o processo que através da descrição deste foi comentado pelo tradutor-pesquisador. (WILLIAMS & CHESTERMAN, 2002).

A partir desta reflexão, concluímos que a TC é composta pelo empenho desde a primeira leitura, o momento da tradução e o pós tradução. As fontes consultadas, as pesquisas envolvidas e todo enriquecimento no arcabouço teórico que precede a tradução, já compõem a tradução. Durante o processo tradutório, os problemas encontrados e as decisões tomadas são registrados como comentários no ato da tradução. Na prática, os segundos de pensamentos antes da tradução deve ser o principal motivo, seja implicitamente ou explicitamente. Para um bom êxito neste processo, a leitura, o comentário e a tradução precisam estabelecer uma relação harmoniosa, entre o comentário e a glosa. Álvarez (2007) define este item como motivo para definir este processo de pesquisa com uma metodologia de estudo de caso, como elencou Motta-Roth (2003). Assim, a TC possibilita compreender todas as nuances que surgem durante a interpretação, considerar e analisar o subjetivismo presente em um artigo tão bem contado.

3. AUTOR E OBRA

3.1 Paulo Reglus Neves Freire

Figura 1: Paulo Reglus Neves Freire



Fonte: Disponível em: <encurtador.com.br/KTWX1>. Acesso 18 out. 2020.

Reverenciado nacional e internacionalmente, Paulo Freire foi motivo de várias matérias e até mesmo em artigos acadêmicos encontramos relatos sobre a vida deste autor que inspira gerações. Afunilamos nossa produção sobre Freire na 23ª reimpressão do Livro *Pedagogia do Oprimido* feita pela Editora Paz e Terra (1987) e no resumo da *Pedagogia do Oprimido* feito por Carla Baena da Silva Marolato no site “Pedagogia ao pé da letra” (2012).

Nascido em 19 de Setembro de 1921 na capital de Pernambuco, a saber, Recife, Paulo Reglus Neves Freire, tendo como seus progenitores o senhor Temístocles Freire e a senhora Edeltrudes Neves Freire. Paulo Freire assim era chamado desde sua adolescência, tinha mais três irmãos, seu pai era oficial da polícia de Pernambuco e sua mãe era dona de casa.

Em Recife morava na Rua do Encantamento nº 724, onde viveu até se mudar para a cidade do interior, Jaboatão, quando já estava entrando na adolescência, isso ocorreu devido a crise de 1929 que abalou a economia mundial, afetando assim o Brasil. Jaboatão era cidade vizinha de Recife, a família de Paulo Freire se mudou acreditando que lá seria mais fácil enfrentar as dificuldades pelas quais estavam passando, mas infelizmente ali o menino

enfrentou o luto pela perda do pai e a situação financeira da família se agravou ainda mais, nesse período Paulo já tinha 13 anos. “Em Jaboatão me tornei homem, graças à dor e ao sofrimento que não me submergiram nas sombras do desespero.”

Sua família era de condições financeiras da classe média, até se tornarem “pobres” após todos os acontecimentos citados, na convivência com os mais necessitados em diversos lugares, Paulo Freire teve seu caráter forjado e seu olhar despertado aos menos favorecidos e citados em suas obras como “oprimidos”. Sobre aprender a dialogar, ele sempre citava seus pais como seus inspiradores a tal feito. No colégio “Oswaldo Cruz” o então diretor Dr. Aluizio ofereceu uma bolsa de estudos para Paulo Freire, após longa conversa com sua mãe dona Tutinha como era conhecida e então Paulo só saiu desse colégio para ingressar na faculdade de direito em Recife no ano de 1943.

3.2 Vida profissional

Paulo começou a fazer Direito na incerteza de que era aquilo mesmo que ele desejava fazer pelo resto de sua vida profissional, porém naquela época a única maneira de ingressar nas “ciências humanas” era através desse curso, pois os outros eram pré-admissionais para área médica e engenharias. Logo que se formou teve em mãos seu primeiro caso, se tratava de um dentista que se endividou ao montar seu consultório e o credor queria receber o valor dessa dívida, porém o jovem dentista não tinha como pagá-lo e ofereceu então os móveis de sua casa como pagamento da dívida, Paulo Freire se emociona com tudo aquilo e ali a certeza de que advocacia não era o que queria exercer, quando contara tudo a sua esposa Elza, ela logo o disse: _“É óbvio, eu sabia que você não tinha jeito para advocacia, você é professor!”

Após essa experiência Paulo é então escolhido em 1947 para ser diretor do setor de Educação e Cultura do SESI em Pernambuco, apoiado por sua família. De 1954 a 1957 assumiu a cadeira de superintendente da instituição. Foi também professor efetivo da Universidade de Recife atuando nas disciplinas de filosofia e história da educação, logo vem o convite pelo então prefeito de Pernambuco, Miguel Arraes para participar do MCP (Movimento de Cultura Popular de Pernambuco) tal grupo trabalhava com educação popular

das crianças, adultos e também usava o teatro popular como estratégia de ensino. Era uma associação autônoma com objetivo de alcançar as comunidades mais pobres e Freire percebeu então a oportunidade de colocar em prática as teorias das quais falava e defendia. Apoiado por uma equipe de estudantes universitários e secundaristas alfabetizou em 40 horas trabalhadoras de campos de algodão, essa região de Angicos era predominantemente rural. O método de Paulo Freire usava temas gerados e coletados dentro da comunidade, e assim a partir deles elaboravam-se exercícios para a prática da escrita e leitura, mas a principal ideologia era a conscientização das pessoas e a politização de seus educandos. Nas “fichas de cultura” eram registrados os costumes daquele povo, sua cultura e a partir desse pressuposto usava-se os termos gerados que eram base dos planos de aula. Alinhava-se imagem as palavras, com seu método Paulo Freire mostrou que era possível alfabetizar adultos sem uma discrepância de sua realidade e que o educando era cooperador ativo participante desse processo sendo contrário a educação, que até então, era dominadora no país onde o aluno era somente “depósito de conhecimento”. Levado por seus professores, assim se tem o início da educação emancipadora. Ainda em 1963 rumo ao “Plano Nacional da Alfabetização” algumas cidades do Rio Grande do Norte receberam essas ações, mesmo com todo reconhecimento de sua proposta educacional com a chegada do regime militar em 1964, Paulo Freire é condenado por subversão e então exilado.

3.3 Exílio

Sua primeira parada em setembro daquele mesmo ano foi na Bolívia, país ao qual não pode permanecer devido aos problemas de saúde causados pela altitude, ainda nesse momento difícil, Freire encontrava-se sozinho, sem sua família que havia deixado no Brasil, e só os reencontra tempo depois. Com a ascensão do socialismo no Chile e a vitória do então candidato socialista, proporcionou a Paulo Freire seu exílio no Chile em novembro de 1964 até abril de 1969. Sua estadia foi produtiva, além de seu trabalho no Instituto de Pesquisa e Treinamento em Reforma Agrária (Icira) e o Escritório Especial de Educação para Adultos, foi também professor na Universidade Católica de Santiago e também cooperou assessorando

na sede da UNESCO, regional nesta cidade. Estava conciliando a escrita do então “Pedagogia do Oprimido”, obra reconhecida em vários países e publicada em diversas línguas.

3.4 A obra

3.4.1 A proposta do livro e o contexto da época

O livro *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire, é referência mundial, sendo a terceira publicação mais citada de suas obras (GREEN, 2016). A primeira versão foi concluída em 1968 (FREIRE, 1968) e este é mais um texto de sua obra, a seguir publicações como *Education and Brazilian News* (FREIRE, 1959) e *Educação como prática de liberdade* (FREIRE, 1967). Alguns de seus princípios são discutidos e reconstruídos no livro *Pedagogia da Esperança* (FREIRE, 1992), mostrando que no seu trabalho o conhecimento está inacabado, discutido no livro *Pedagogia da Autonomia* (FREIRE, 1996a).

O contexto mundial em que o livro foi publicado, um momento do ápice de eventos e tensões sociais diante da burocracia em meio a ditadura de países polarizados política e economicamente entre as repúblicas socialistas soviéticas - socialistas, e os Estados Unidos - capitalistas. Vários movimentos universitários de diferentes países foram vítimas da repressão o exército e foram assassinados em defesa da democracia e contra Vietnã (Espanha, Alemanha, Itália, Paris, México, Estados Unidos e outros), com eventos críticos importantes, como "maio 68" (Paris) e a "Primavera de Praga" (Tchecoslováquia) (VENTURA, 2013).

A importância deste livro decorre de sua expressão pedagógica na arte e um projeto de humanização (educação e mudança), por meio da conscientização dos explorados contra o sistema (pedagogia de resistência), exigindo direitos e redução das desigualdades do lado dos excluídos (oprimidos pela exposição mundo da opressão); negando hospedar o próprio opressor, por superação de contradições e dependência dos oprimidos (libertação), para educação problemática e não reprodutiva (educação bancária) de acordo com dialogicidade e a busca de síntese; e pelo estímulo à criação, construção, autenticidade, para serem autores históricos (a pedagogia das pessoas através da prática no processo de luta contínua pela

libertação individual e coletiva). Isso não foi relatado apenas pelo primeiro introdutório/prefácio de R. Shaul (v English, Herder and Herder: New York, 1970) e E. M. Fiori (edição portuguesa: Paz e Terra: São Paulo, 1974), bem como por diversos pesquisadores GIROUX, 1983; GIROUX; MCLAREN, 1989; SCOCUGLIA, 1999 e 2015; SAUL, 2008; STRECK, 2009; WILSON; PARQUE; COLÓN-MUNIZ, 2010; KINCHELOE; MCLAREN; STEINBERG, 2011; GADOTTI, 2012; GHIRARDELLI Jr, 2012; ROMÃO, 2013; WOHLFART, 2013; ANTUNES, 2014; RODRIGUEZ, 2015; GADOTTI, 2016; MACEDO, 2016; SANTIAGO; BATISTA NETO, 2016.

Este apelo por mudança em benefício da sociedade resultou em uma proibição de livros matrizes em programa livre de circulação em todo o mundo. Nas décadas de 70 e 80 provocou, por exemplo, uma tentativa de revogação da Lei 12.612/2012 (que Paulo Freire, patrono da educação brasileira, declara), para Proposta de Emenda Constitucional (PEC), em tentativa reiterada retire os textos de Paulo Freire da história da educação, especialmente do livro *Pedagogia do Oprimido*, por exploradores, exclusiva, escravos e patrimoniais (MACEDO, 2017).

3.5 Dados da obra

O livro *Pedagogia do Oprimido* foi encontrado em 57 diferentes línguas, segundo as pesquisas utilizadas e dentre os 35 idiomas com *International Standard Book Number (ISBN)*, a saber: Alemão, Árabe, Azerbaijano, Bielo-russo, Búlgaro, Chinês, Coreano, Croata, Dinamarquês, Eslovaco, Esloveno, Espanhol, Estoniano, Finlandês, Francês, Grego, Hebraico, Holandês, Húngaro, Inglês, Islandês, Italiano, Japonês, Norueguês, Polonês, Português, Romeno, Russo, Sueco, Tailandês, Tcheco, Turco, Ucraniano, Uzbeque, e, Vietnamita; e 22 sem ISBN: Africânes, Albanês, Armênio, Birmanês, Bósnio, Canarês, Catalão, Cazaque, Cingalês, Curdo, Esperanto, Filipino, Georgiano, Hindi, Indonésio, Javanês, Letão, Lituano, Maltês, Maori, Nepalês, e, Sérvio.

Dentre as 57 publicações nas línguas estrangeiras, Santos (2020) elenca em forma de tabela as 12 edições mais vendidas mundialmente, analisando o número de tiragens relatadas

nos livros, temos a estimativa total de aproximadamente 800.00 a 1.000.000 exemplares em 200 edições.

Tabela 1: Edições do Livro Pedagogia do Oprimido em Línguas Estrangeiras

	<p>Título: Pedagogia del Oprimido Cidade/ País: Montevideú/ Uruguai Tradutor: Jorge Mellado Editora: Tierra Nueva Ano: 1970</p>
	<p>Título: De undertryktes Paedagogik Cidade/ País: Copenhague/ Dinamarca Tradutor: Christian Eliers Editora: Kobenhan Ano: 1972</p>
	<p>Título: Pedagogie van de onder drukten Cidade/ País: Baarn/ Holanda Tradutor: Ivan Illich Editora: Anthos Ano: 1972</p>

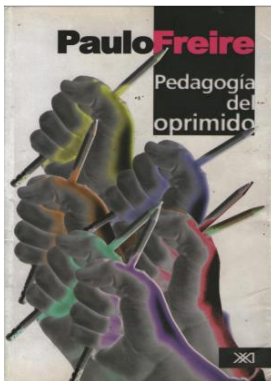


Título: Pedagogia do Oprimido

Cidade/ País: Porto/ Portugal

Editora: Afrontamento

Ano: 1972

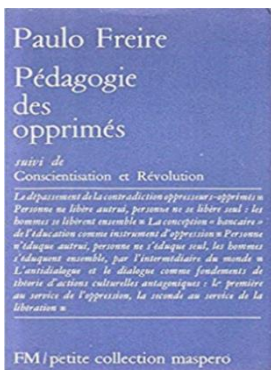


Título: Pedagogía del Oprimido

Cidade/ País: Buenos Aires / Argentina

Editora: Tierra Nueva

Ano: 1973



Título: Pédagogie des Opprimés

Cidade/ País: Paris/ França

Editora: Maspero

Ano: 1974



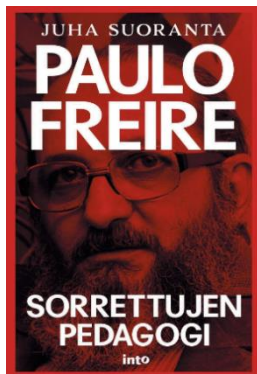
Título: Pädagogik der Unterdrückten

Cidade/ País: Stuttgart/ Alemanha

Tradutor: Kreuz-Verlog

Editora: Taschenbuch

Ano: 2002



Título: Sorrettujen Pedagogi
Cidade/ País: Tempere/ Finlândia
Tradutor: Juha Suoranta
Editora: Into
Ano: 2005



Título: La Pedagogia degli Oppressi
Cidade/ País: Milão/ Itália
Tradutor: Oscar Saggi Mondadori
Editora: Edizioni Gruppo Abele-EGA
Ano: 2011



Título: 抑圧された者の教育学
Yokuatsu as reta mono no kyōiku-gabu
Cidade/ País: Tóquio/ Japão
Tradutor: Yusaku Ozawa e Tetsu Yamamoto
Editora: Aki Shobo
Ano: 2011



Título: การสอนของผู้ถูกกดขี่
Kār s̄xn k̄hxng p̄hī th̄ūk kd̄khī
Cidade/ País: Bangkok/ Tailândia
Editora: Guanabara Koogan
Ano: 2013

Fonte: Santos (2020).

Este livro foi citado 487.113 vezes em textos de jornais e revistas semanalmente, em sites e blogs, e 82.978 vezes citados em publicações científicas (livros e capítulos; artigos em periódicos científicos; monografias e artigos de síntese do curso: monografias de graduação, dissertações e teses). Até 2017, um total de 570.091 citações. Esses dados incluem publicações científicas, demonstram a apropriação mundial do livro, tornando-o citação de longa data (OKUBO, 1997), ou seja, terá mais de 1000 citações por publicações científicas, como livros revoluções científicas (KHUN, 1963) e capital (MARX, 1867).

Nos primeiros anos de publicação, 1968 a 1977, o livro nas edições inglesa e espanhola foram os mais citados em publicações acadêmicas dos Estados Unidos, França e Reino Unido. Na segunda década de publicação, já tinham aproximadamente 15 mil citações do livro em toda a Europa, alcançando também o Chile e o Brasil que transitavam do período ditatorial para o democrático (GADOTTI, 2012). Atravessando a terceira década de publicação, mais de 15 países já presenciaram as 15 mil citações em cada país, desta vez avançando nas edições alemã, francesa, italiana, portuguesa e russa. O avanço das citações cresce disparadamente a cada década, o alcance encontra países africanos e orientais: África do Sul, China, Coréia, Índia e Japão. Concomitantemente surgem mais edições em línguas estrangeiras como árabe, chinês, coreano, finlandês, holandês entre outros. Na última década, dos 206 países participantes das Nações Unidas, 59% do total já notificou mais de 5 mil publicações por país.

Com o tempo, a aceitação e rejeição do livro foram observadas nas próprias citações. A aceitação dos autores, no que deram, é que o livro é um projeto de humanização, consciência, interpretação da leitura do mundo, transformação do sujeito ao seu percurso histórico (a construção de um ser estranho), contínuo diálogo e síntese para a libertação das relações oprimidas, experiências e reflexão como conhecimento básico (prática), tudo combinado com notas, citações e certificadas com as palavras mais citadas: humanização, transformação, libertação, diálogo, consciência, tema e experiência. A negação do livro não foi baseada na interpretação do texto, mas na desvalorização, descontextualização e fundamentalização da obra sem referência no texto, como se o livro fosse uma reprodução comunista e marxista de tal método a atrapalhar a economia, o trabalho, a globalização e, portanto, a produtividade do "homem moderno".

No livro *Pedagogia da Esperança* (FREIRE, 1992) Paulo Freire, e também descrito por Gadotti (2016), reconheceu dois outros pontos que pode ser tratado linguisticamente no

livro *Pedagogia do Oprimido: linguagem machista e hermenêutica*. Outro texto interpreta que o problema não é com o livro em si ou com as obras de Paulo Freire, que são textos que servem como elementos de discussão, mas na institucionalização do trabalho por este autor, por cientistas educacionais como se fosse para ser eles seguiram fielmente, causando opressão para citar ou interpretar estudiosos Paulo Freire (BRAYNER, 2017).

3.5.1 Pedagogia do oprimido: O Realce Histórico

Concebida no fim da década de 60, apoiado por sua esposa Elza Freire (1921 - 1997) e diversos amigos que fizera no exílio, foram importantíssimos para a preservação da obra até sua chegada ao Instituto Paulo Freire em 2000. O autor era cuidadoso com sua escrita, apesar de suas primeiras anotações surgirem de conversas informais com amigos e registros que ia fazendo em blocos de papéis, que sempre carregava no bolso. Sempre que chegava a casa os lia para sua esposa Elza. Paulo Freire era autocrítico e questionava-se sobre seus pensamentos que estavam sendo transcritos para que outras pessoas tomassem nota de suas ideias. Paulo Freire conta que levou cerca de 15 dias para escrever os três primeiros capítulos, isso ocorreu em julho de 1967 (id.,ib.,p.60). Em dezembro deste mesmo ano após receber a obra já com o prefácio e reler tudo novamente guardou o texto por dois ou três meses.

Paulo Freire propôs a explicação do significado e necessidade da pedagogia dialógica emancipatória dos oprimidos em oposição à pedagogia da classe dominante, que contribui para sua libertação e transformação em sujeito conhecedor e autor de sua própria história por meio da prática como uma unificação de ação e reflexão. Nessa pedagogia, o educador, por meio de uma educação dialógica participativa e problemática, baseada na confiança, na fé nas pessoas e na criação de um mundo em que todos sejam valorizados por quem são, onde a liberdade deve ir ao encontro da perspectiva do oprimido, não do perseguidor. Buscar sensibilizar e capacitar as pessoas para passar da consciência ingênua à consciência crítica com base nas bases lógicas dos oprimidos. Assim, se caracteriza pelo movimento de liberdade que nasce entre os oprimidos, com uma pedagogia orientada e concretizada junto com o povo na luta pela sua humanidade.

A obra está dividida em quatro partes, precedidas de uma breve introdução em que Paulo Freire chama a atenção para o medo da liberdade, ou seja, a radicalização crítica, criativa e conseqüentemente libertadora como unidade dialética entre subjetividade e objetividade que gera ação e pensamento específicos na realidade e sua transformação, que se torna uma ameaça à classe dominante, que através do sectarismo impede a emancipação das pessoas, transforma o futuro em algo pré-determinado em conjunto com a manutenção de formas de ação que negam a liberdade. A Pedagogia do Oprimido assume uma atitude radical e uma atitude baseada no encontro com as pessoas pelo diálogo como ferramenta metodológica que permite uma leitura crítica da realidade, a partir da linguagem das pessoas, dos seus valores e do conceito de mundo, transformando-a na luta pela libertação dos oprimidos.

Concluindo, a obra de Paulo Freire é uma obra de consciência, recomendada a todos os homens e mulheres que se preocupam com a sua existência e, em particular, a todos os educadores, porque é de natureza política porque se centra no valor emancipatório da educação. Como instrumento de libertação das consciências e da necessidade da ação humana na sua vida. Em sua própria vida, ele diz que os oprimidos não só têm uma consciência crítica da opressão, mas querem mudar a realidade. A educação problematizadora caracteriza-se pela intencionalidade, confirmando e justificando que a alfabetização visa sensibilizar quanto à capacidade de admirar, “objetificar”, desmistificar e criticar a realidade envolvente do mundo em que o homem, descobrindo-se como construtor, torna-se sujeito cultural e assim o confirma. como uma entidade livre contra quaisquer regimes de dominação de massa, na luta pela transformação e conquista.

4. METODOLOGIA

Como método de pesquisa utilizamos da análise descritiva explicativa para familiarização com os tópicos propostos e realizarmos uma detalhada análise dos dados. Através desta metodologia descritiva relacionamos três elementos fundamentais deste trabalho: o texto, os comentários e as escolhas tradutórias. Mostramos resultados minuciosos que alcançamos ao aprofundar nas análises que integra uma das subáreas do mapeamento de Williams e Chesterman (2002), a saber Análise de Texto e Tradução. O delineamento desta pesquisa fez uso do estudo de caso da TC estruturada no planejamento (pesquisas aprofundadas do tema) a forma de execução da pesquisa, preparação de todo material a serem utilizados no momento teórico da tradução (estudo exaustivo do material a ser traduzido), a sua concretização em formas de vídeo e posteriormente as análises do resultado da tradução feita pela tradutora-comentarista-pesquisadora.

O processo inicial para a tradução deste trabalho partiu da leitura de materiais concernentes à nossa pesquisa, fato esse que ocorreu antes do início do semestre em uma audição do livro em formato de áudio, logo após passamos a compreender e dominar mais sobre o TF e buscamos funções e ferramentas disponíveis e necessárias ao profissional tradutor no ato da execução de seu trabalho e que, neste caso, vai além da tradução “básica” - tradicional - já executada diversas vezes, incoativo no período acadêmico, pois trataremos de uma TC.

Para a eficácia precisa desta habilidade que Antonie Berman (1984) delimita como ação de transplantar entre culturas, é inevitável a busca por condicionantes que nos suportarão neste momento em que as escolhas lexicais e os comentários estabelecem entre si uma relação intrínseca de análises, comentários, críticas e traduções. A pesquisa explorou a TC como uma ferramenta usual de um profissional que entende que o ato de comentar, analisa e critica um material que ativa a função hipertextual que definimos como um texto dentro do texto, como por exemplo, as notas de rodapé. A pesquisa se ateve às definições que a autora Christiane Nord comenta a respeito da Tradução Funcionalista que afirma que, esta não pode ser compreendida de maneira isolada, precisa ser vista como um elemento - ou grande parte de um todo - no contexto comunicativo.

Paulo Reglus Neves Freire. Sobre traduzi-lo. O processo de traduzir e comentar trechos de suas ideologias e metodologias de trabalho defendidas no capítulo primeiro do seu livro *Pedagogia do Oprimido*, foi um processo desafiador, pois entender os seus princípios vai além de analisar léxicos e unidades de tradução a sua forma de escrita - elemento inerente ao trabalho do tradutor - é necessário conhecer a sua vivência, as ideologias, autores que o influenciou e todos os fatores elementares, como por exemplo, o que está implícito em vários trechos do capítulo e que contribuiu na construção social de sua cultura.

Após o entendimento responsivo da TC e a TPF, alcançadas as ideologias freireanas em sua obra, finalizamos o processo tradutório refletindo nas perguntas indicadas por Nord (2012, p.42) e análise dos dados a reduzir os possíveis erros tradutórios categorizados como erros pragmáticos, erros culturais e erros linguísticos sobre e possíveis erros no âmbito Didático da Tradução (Nord 1996).

4.1 Início

Para o desenvolvimento de nosso trabalho foi necessário adotarmos alguns procedimentos metodológicos. Como já discorremos anteriormente, o processo de tradução inicia a partir do momento em que o profissional tradutor aceita a proposta de trabalho, pelo presente elencamos um esquema norteador que executamos neste processo.

1. Aceite da proposta de trabalho;
2. Escolha do diário de tradução, onde as anotações das traduções ficavam registradas;
3. Preparação do TF:
 - a. Busca pelo material;
 - b. Leitura e análises textuais (contexto histórico-econômico);
 - c. Busca por materiais de apoio;
 - d. Compreensão da produção do texto fonte;
 - e. Problemas de tradução
 - f. Estratégias adotadas para as tomadas de decisão;
4. Registro da tradução:

- a. Prévias da tradução;
 - b. Envio para revisão;
 - c. Reflexão sobre a revisão;
 - d. Gravação oficial;
 - e. Envio do material para o editor;
 - f. Postagem na plataforma;
5. Análise da tradução;
 6. Comentários da tradução;
 - a. Revisões dos comentários;

4.2 Gravação

O registro em vídeo foi realizado por mim com itens que improvisaram um estúdio caseiro, uma vez que o Decreto Municipal de nº 419 de 21 de março de 2020 da Prefeitura de Ipanema/MG obrigou o fechamento de estabelecimentos públicos e suspendeu as atividades comerciais dos profissionais autônomos a fim de manter o distanciamento social e evitar a proliferação/contaminação do novo Covid-19, impedindo assim o acesso à uma gravação profissional em espaço adequado.

Para a confecção deste estúdio foi necessária a escolha do melhor ambiente, visto que meu apartamento possui poucas opções, optei pelo local de melhor iluminação - que foi a orientação recebida do profissional editor - e logo após a escolha deste espaço, recorri às melhorias necessárias para o início da gravação. Em momento de conversa com colegas de turma, recebi orientações para investimento na compra de tripé para elaborar uma iluminação caseira conforme um tutorial do Professor Rodrigo Custódio (<https://www.youtube.com/watch?v=cx10zMk5-Ts>) onde foi necessária a compra de luzes indicadas por ele - a iluminação natural não era o suficiente - e todos os materiais elencados para criação desse recurso.

Para o processo da produção do equipamento, contei com a ajuda de um profissional que realizou a instalação de uma luminária ring light e a confecção de outra luminária para dar suporte na iluminação:

Figura 2: Luminária (*ring light*) para gravação.



Fonte: Fonte: A Autora (2020).

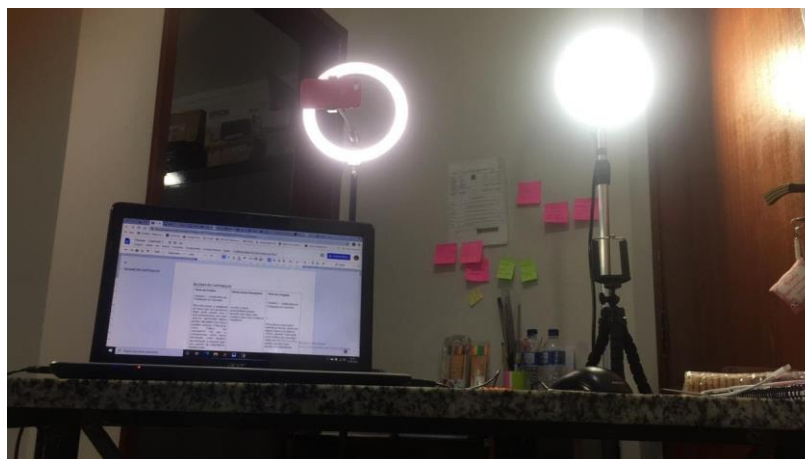
Figura 3: Luminária confeccionada



Fonte: Fonte: A Autora (2020).

Após a escolha do ambiente e a produção da luminária, gravei toda glosa em áudio para facilitar o processo de registro em vídeo e concomitante permanecia o arquivo da respectiva glosa aberto para qualquer possível eventualidade.

Figura 4: *Script* para acompanhar a gravação





Fonte: Fonte: A Autora (2020).

Para a gravação das imagens usei o smartphone iPhone SE que inserido ao “ring light” registrou com eficiência a sinalização da produção acadêmica. O áudio foi gravado no notebook Acer pelo programa Audacity que ficou sendo reproduzido durante a minha sinalização e para evitar qualquer contratempo, na tela exibia também a glosa do respectivo áudio. Para não perder o enquadramento no local de gravação, frente ao tricolore azul royal, demarquei no chão um ponto de referência para ser o local específico do meu posicionamento.

4.2.1 Vestuário

Para o profissional Tradutor Intérprete de Língua de Sinais a questão do vestuário é algo elencado até mesmo nos vários Códigos de Ética que permeiam as Associações e Sindicatos, por isso levamos em conta o contraste do tom de pele da intérprete com a sua roupa e assim optamos:

Tabela 2: Legenda com as cores das camisas para a gravação.

Tradução do texto do capítulo I “Justificativa do Oprimido”	
Tradução das notas de rodapé do capítulo I “Justificativa do Oprimido”	

Fonte: Fonte: A Autora (2020)

Conforme tabela, para os dias de gravação do texto foi usada blusa preta de malha com manga longa e para os vídeos de rodapé uma blusa branca com manga curta, a conclusão da gravação foi realizada em sete dias.

4.2.2 O Processo de Edição

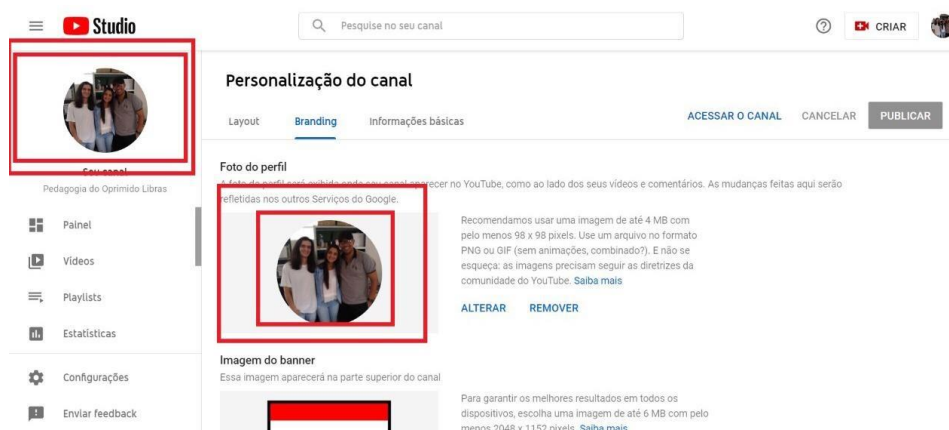
Ao final das gravações foram enviados para o profissional responsável pela edição dos vídeos os registros por meio do Google Drive juntamente com um documento que pontuava o tempo e as respectivas legendas. Ao final todos os vídeos foram depositados na plataforma do YouTube e revisados com todas as observações apontadas no documento.

4.2.3 Inserção Dos Vídeos Na Plataforma

Entre as diversas plataformas possíveis para receber os vídeos deste trabalho, acatei o conselho do meu orientador em descarregá-los no YouTube, além de ser um ambiente que possuo familiaridade é um canal de fácil acesso por todos.

Após a entrega dos arquivos finalizados pelo editor, extraí do HD externo os conteúdos e dispus para o carregamento na plataforma - upload. Usei para todos os vídeos o critério “não listado” de privacidade para que somente os leitores do trabalho tenham acesso ao mesmo através dos links. Em conjunto com demais colegas de curso criamos uma conta no YouTube com senha compartilhada para fazermos os envios de nossas produções em uma mesma conta por se tratar de várias Traduções Comentadas de um mesmo livro. Mesmo sendo uma conta de poucas movimentações, os vídeos estão dispostos na plataforma e serão preservados por tempo indeterminado, para que todos tenham independente da época, acesso integral a este trabalho de TC.

Figura 5: Imagem do canal do Youtube.


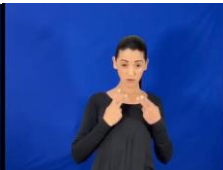
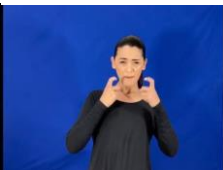









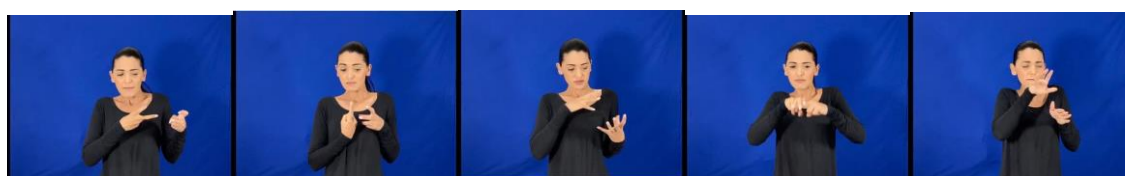
Fonte: A Autora (2020)

5. ANÁLISE DE DADOS

Ser investigador é uma competência necessária aos tradutores, sendo assim uma análise minuciosa do capítulo 1 da “Pedagogia do Oprimido” foi feita. Nord afirma que, “para finalidades diferentes exigem abordagens diferentes” e nesta PTF usamos uma Análise de Dados - AD - à luz das pesquisas que defende a tradução do sentido para entendimento do público e não tradução literal ou de palavra por palavra, mas, para que isso aconteça algumas questões devem conduzir o trabalho de um tradutor, a interpretação do TF, questões linguísticas, extratextuais, intertextuais são elementos imprescindíveis no processo tradutológico de textos. O intuito foi trazer ao leitor surdo a intenção de Freire, por isso usamos o modelo funcionalista.

Quadro 2: Trecho do texto com aspecto ideológico I em Português

Trecho do texto com aspectos ideológico I em Português:				
<i>“Mais uma vez os homens, desafiados pela dramaticidade da hora atual, se propõem, a si mesmos, como problema. Descubrem que poucos sabem de si, de seu “posto no cosmos” e se inquietam por saber mais. Estará, aliás, no reconhecimento do seu pouco saber de si uma das razões desta procura.”</i>				
Tradução para a Língua de Sinais Brasileira:				
				
NOVAMENTE	HOMENS	PREOCUPAR	PROBLEMAS	HOJE,
				
OLHAR	DENTRO	PROBLEMA	INQUIETAR	HOMEM.



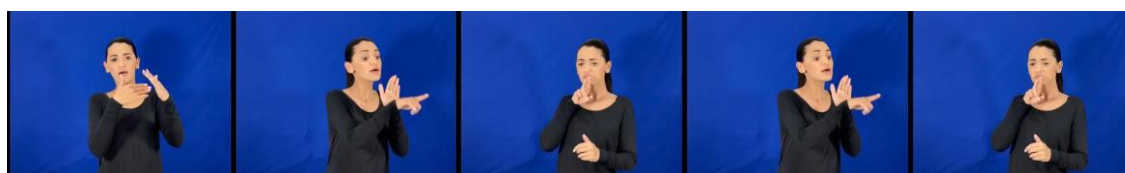
PERCEBER SOZINHO UNIVERSO, POR ISSO PESQUISAR



UNIVERSO COLETAR INFORMAÇÕES VIDA DESCOBRIR



QUASE NADA, ASSUSTAR, PREOCUPAR, PROBLEMA



EVOLUIR PERGUNTAR, RESPONDER, PERGUNTAR, RESPONDER.

Contextualizando o trecho:

Na visão marxista existe uma luta de classe e refletir sobre a responsabilidade de cada um nessa escala é necessário. Indagarmos sobre a nossa realidade, encontramos respostas e fazemos novas perguntas faz parte de um processo contínuo.

Comentário:

O tradutor notoriamente faz uma tradução segundo a perspectiva de Nord (2016) em que salienta a lealdade ao sentido e não exatamente à fidelidade na tradução. A tradução foi a mais clara possível dentro de todas as possibilidades que as línguas permitem. Para o trecho “*se propõem, a si mesmos, como problema*”, foi demandado um tempo de reflexão extenso, uma que o estudo necessitou de entender os significados hipertextuais. Bem como na frase anterior, o “*posto no cosmos*” também demandou um tempo expressivo em sua análise, o tradutor optou por referir ao universo, uma vez que a sinonímia traz esta definição. Inspirado em Ronai (1975), esta tradução foi além da perspectiva de “passar de uma língua para outra”,

ela se ateve de forma participativa aos aspectos linguísticos e culturais dos pares envolvidos.

Fonte: A Autora (2020)

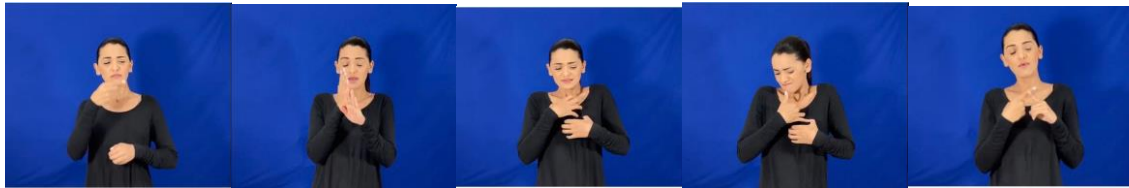
Fração do texto que Freire faz um interdiscurso com as ideologias marxistas, que afirma o “homem ser inconcluso”.

Quadro 3: Trecho do texto com aspectos ideológico II em Português

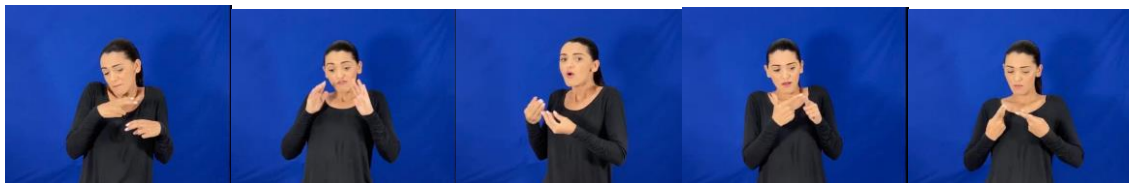
Trecho do texto com aspectos ideológico II em Português:

“É também, e talvez, sobretudo, a partir desta dolorosa constatação, que os homens se perguntam sobre a outra viabilidade – a de sua humanização. Ambas, na raiz de sua inconclusão, que as inscreve num permanente movimento de busca.”

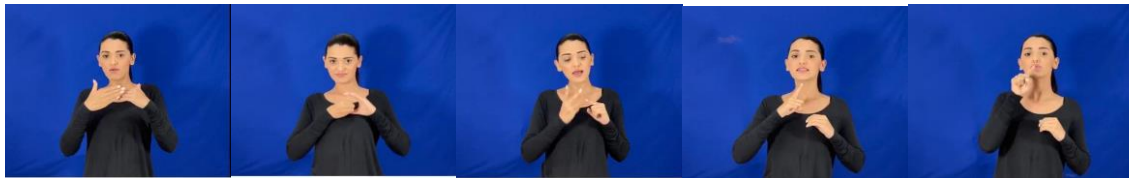
Tradução para a Língua de Sinais Brasileira:



DEPOIS DESCOBRIR, SENTIR TRISTEZA PORQUE



PERCEBER FOCAR COMO PROBLEMA PESSOA



EVOLUIR CARÁTER. SEMPRE TER DÚVIDA



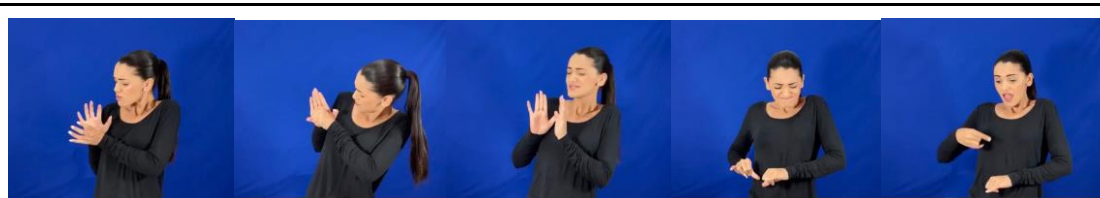
PORQUE	SEMPRE	PROCURAR.
Contextualizando o trecho:		
<p>“O homem está em constante movimento de busca.” O homem é consciente de sua inconclusão. É um ser inconcluso, é um ser histórico, é um social e age sobre a natureza para garantir sua subsistência. É um ser que compete com outros grupos. Na Pedagogia do Oprimido a desigualdade social é resultado de uma luta de classes historicamente construído. A natureza não escolhe as opções de cada um, somos resultados de uma busca - construção da história do homem. O homem vive diante das possibilidades: humanização (vocação do homem, viver uma vida humanizada, mas é negada na vida material - violência, opressão, injustiça) e desumanização (não é uma vocação é apenas uma possibilidade, não é um destino. É resultado de uma sociedade injusta, de uma ordem injusta - ação violenta os opressores).</p>		
Comentário:		
<p>Para a tradução deste trecho o tradutor buscou por léxicos que trazem clareza e coerência no TA tal qual ocorreu no TF. Partiu da tradução de significados e trabalhou o sentido como tema central, como defende Nord e define Jeronimo (1963 apud PENA, 2009), afirmando que a responsabilidade do tradutor não é se ativer à tradução palavra por palavra e sim ao significado da sentença e traduzir significados. O procedimento de equivalência (BARBOSA 2004) surge de modo a validar a tradução para a língua de sinais encontrada em alguns sinais, como: “descobrir”, “focar” e “dúvida”, respectivamente no TA, o tradutor equivale aos termos “constatação”, “viabilidade” e “inconclusão”. Baseado em Nord (2016) o tradutor deve se permitir ser guiado em sua tradução legitimando a sua estratégia de equivalência.</p>		

Fonte: A Autora (2020)

Escolhemos esse segmento por perceber nele o encorajamento que o autor propõe aos oprimidos, para ele o ser humano se torna “desumanizado”, mas pode lutar para reconquistar sua humanização (inata) é uma de suas propostas.

Quadro 4: Trecho do texto com aspectos ideológico III em Português

Trecho do texto com aspectos ideológico III em Português:
<p><i>“E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscar recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores dos opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos.”</i></p>
Tradução para a Língua de Sinais Brasileira:



GRUPO

SER MENOS

JÁ

SOFRER

ELES



IDEIA

MUDAR

Contextualizando o trecho:

Freire defende uma pedagogia “que faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação”. O foco central de Paulo Freire não é discorrer sobre libertação, mas traçar um “manual” que fará com que o oprimido se emancipe e o opressor seja liberto. Paulo Freire define a relação social em classes divididas financeiramente e subdivididas categoricamente e o resultado é: opressor x oprimidos.

Comentário:

A partir da elucidação deste trecho o tradutor faz escolhas que condensam de forma equivalente esta ideologia apontada. A omissão, estratégia elaborada por Barbosa (2004 apud SANTIAGO, [2013?]) foi usada para trazer uma compreensão mais condensada e menos insistente no TA, nota-se que para o sentido inicial da frase é preservado o eu lírico do escritor que diz sobre o despertar dos oprimidos para recuperar a sua humanidade. Santiago [2013?], defende que para ter uma maior funcionalidade na tradução final, tal qual para Nord, o texto deve ser funcional, sendo assim fiel à tradução se ter como base de coesão equivalência linguística.

Fonte: A Autora (2020)

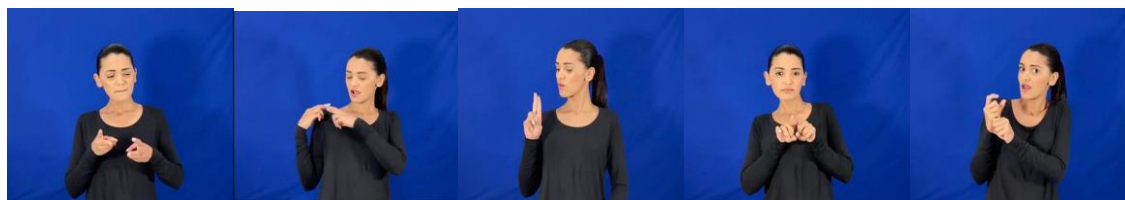
Encontramos aqui, talvez uma das grandes reflexões freireanas, onde o dever de casa dos oprimidos é conscientizar-se para sua libertação e assim desdobrando-se em libertar seu opressor.

Quadro 5: Trecho do texto com aspectos ideológico IV em Português

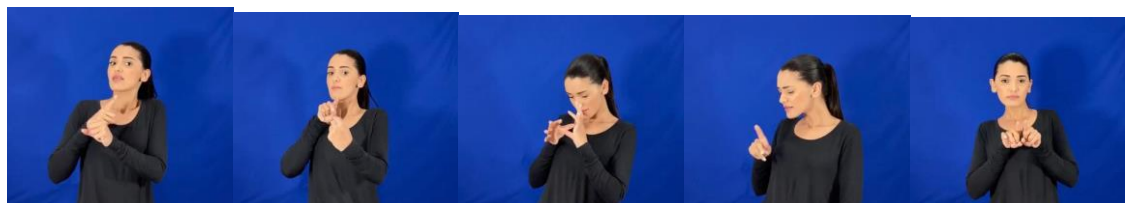
Trecho do texto com aspectos ideológico IV em Português:

“E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores.”

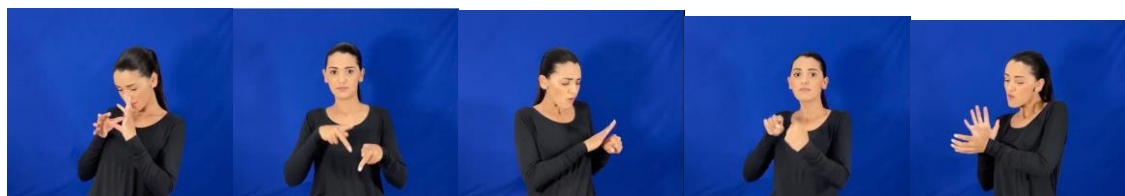
Tradução para a Língua de Sinais Brasileira:



PERCEBER RESPONSABILIDADE H-U-M-AN-I-D-A-D-E TAMBÉM HISTÓRICA



TER OBJETIVO LIBERTAR PRÓPRIO TAMBÉM



LIBERTAR PESSOA OPRESSORA. OBJETIVO GRUPO



OPRIMIDA AJUDAR LIBERTAR PESSOAS.

Contextualizando o trecho:

O problema da opressão é sentido diretamente pelos oprimidos. Quem luta pela liberdade é o oprimido - práxis da busca O oprimido que entende o significado da opressão. Os benefícios da libertação não ocorrerá senão houver força e isto é a práxis da busca - envolve luta e conflito. A luta do oprimido deve estar presente até mesmo nos momentos em que o opressor oferece uma “falsa” ajuda. O opressor não se vê como o oprimido porque ele não consegue

entender o que é ser oprimidos, é uma “falsa” generosidade porque o opressor não entende a complexidade da opressão. A pedagogia se refere à superação da contradição que é emancipar o oprimido e libertar o opressor.

Comentário:

O tradutor se atentou para o aspecto histórico em que é elencado neste processo de construção humanista. Analisando o TF, o tradutor escolhe pela fidelidade da tradução do léxico “humanista” adotando a datilologia em seguida da representação. de seu significado. A partir da primeira frase o tradutor usou de um dos procedimentos de tradução citado por Barbosa (2004): a equivalência. Para a proposta desta tradução, foi necessário dedicar um bom tempo a entender qual aspecto humanista e histórico é retratado, através das análises o tradutor escolhe o léxico acostumar trazendo a afirmação que isto se discorre acoplando ao costume. Analisando o aspecto histórico cultural, surge a definição “grupo egoísta” para definir os que oprimem, este resultado é refletido pelo histórico de característica descritas por Freire em que remete diretamente a tal significado.

Fonte: A Autora (2020)

Outra responsabilidade dos oprimidos após seu processo de libertação, é essa liberdade não ser somente com o objetivo de aquisição de bens materiais e essenciais, mas focando em um ser humano ativo na sociedade capaz de apoiar outras ações para novas “libertações”.

Quadro 6: Trecho do texto com aspectos ideológico V em Português

Trecho do texto com aspectos ideológico V em Português:

“É que esta luta não se justifica apenas em que passem a ter liberdade para comer, mas liberdade para criar e construir, para admirar e aventurar-se. Tal liberdade requer que o indivíduo seja ativo e responsável, não um escravo nem uma peça bem alimentada da máquina.”

Tradução para a Língua de Sinais Brasileira:



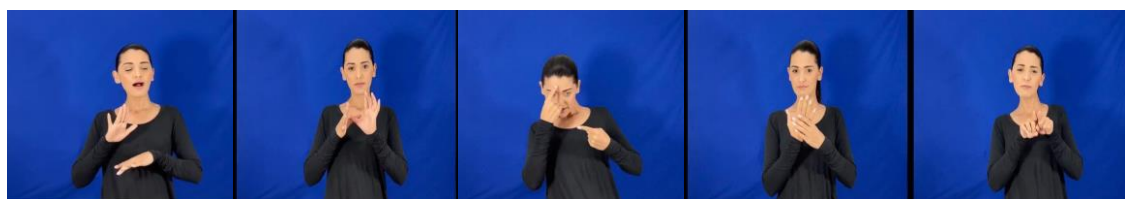
LUTAR

SÓ

LIBERDADE

COMER

NÃO



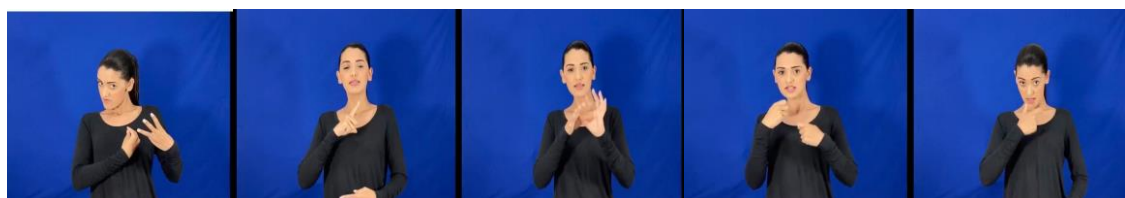
MAS

LIBERDADE

PENSAR

CRIAR

TAMBÉM



VIVER.

TER

LIBERDADE

PRECISAR

INDIVÍDUO



RESPONSÁVEL, ESCRAVO NÃO, MÁQUINA SER-NÃO.

Contextualizando o trecho:

Outros aspectos são fundamentais na abordagem de um problema social: política, cultura, educação. Desde os primórdios a economia é um fator majoritariamente para a constituição de classes sociais, contudo a reflexão defendida por Freire diz respeito ao ponto que o sujeito é um produto final de uma trajetória de cargas e depósitos. A política é a razão primordial das relações sociais, pois o momento político se constitui através do contato e troca, é alimentada pelo diálogo constante do sujeito em uma sociedade real e concreta e que precisa deste pressuposto para socializar. Ao passo que a política localiza o ser na sociedade, a cultura é o seu arcabouço de experiências e momentos ao longo de sua trajetória. A cultura do ser humano é definitivamente o ser humano, um homem sem cultura é um homem sem identidade que não possui referência de sua práxis. A educação, sobretudo é o elemento - pedagógico - libertador que através deste as pessoas poderiam transformar o mundo. A educação precisaria ser um elemento central que transformaria em uma arma que combate o regime da dominação, uma vez segundo as ideologias freirianas, o analfabetismo tem uma relação intrínseca das situações históricas de exploração e opressão de pessoas.

Comentário:

Para esta sentença especificamente o tradutor optou pelas escolhas fiéis da sentença, não pelas defesas de autores que assim defendem, mas pelas viabilidades permitidas. Não foi realizada a tradução literal que abarca palavra por sinal, contudo houve mudanças mínimas que

preservaram esta construção paralela da tradução dos pares. A função de comunicação entre receptores foi mantida, corroborando com as definições elencadas por Nord (2016) e Barbosa (2004).

Fonte: A Autora (2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo o material apresentado no decorrer deste trabalho foi com a proposta de uma tradução que levou em conta o contexto ideológico e perpassa em dois itens: o primeiro são as ideologias que Paulo Freire aborda no capítulo primeiro do seu livro. Das várias ideologias encontradas, afunilamos a AD em cinco trechos onde estão implícitas. Investigar as ideologias que Paulo Freire expõe requer um envolvimento histórico a fundo para entender cada texto citado no contexto específico. Levando em consideração que estamos frente a um texto que estabelece uma narrativa com aplicação em preceitos éticos e morais mediante a um tempo capitalista, Paulo Freire desbrava todo conteúdo abarcando a libertação dos opressores por seus oprimidos. Essa dialética é relevante ao passo que percebemos a presença dos oprimidos que logo são tratados como opressores, seguindo a suas pesquisas ideológicas nos indagamos: quem é o oprimido neste processo? Em sua narrativa, Freire conclui a fragilidade do ser humano no pouco saber de si, a inconclusão da autoconstrução do homem. Traçando uma linha analítica com os itens propostos, finalizamos a Análise de Dados com o último item da nossa pesquisa que corrobora com os demais: nem tudo gera em torno da economia.

As premissas abordadas são fluídas de análises com teor ideológico de uma das obras frequentemente usadas no contexto acadêmico, vale ressaltar que se trata de um material quase intocável, pois ainda não possui nenhuma versão para nenhuma Língua de Sinais. Visto que o leitor surdo se encontra cada vez mais inserido nesse contexto que perpetua o conhecimento, ter materiais acessíveis para este público é uma necessidade, não somente inclusiva, sobretudo, histórica. O patrono da educação traz suas convicções ideológicas de forma normativa, fazendo a reflexão para os personagens que compõem suas narrativas e que automaticamente faz-nos refletir também.

Em contrapartida, encontramos o segundo viés desta pesquisa: a tradução. Nas possibilidades que a tradução traz em “acolher” outra língua e a partir de então, traçar uma reflexão que leve a entender que ao traduzir de fato “acolhemos o outro e/em sua cultura”. As traduções é um meio de comunicar a outros em modalidades diferentes: as histórias, as culturas, as ideologias de outros povos em distintas partes do mundo, nada fica em um só determinado lugar quando se começa o processo de traduzir textos. Dentre as diversas linhas de pesquisas dos ET, usamos a TPF e a TC para tentarmos solucionar os problemas, lexicais,

extratextual percebidos durante o processo de tradução do referido capítulo é evidenciar todo ato comunicativo a qual o Freire desejava se fazer entendido através de seus escritos.

Frente às exposições ideológicas e tradutórias iniciadas neste trabalho nota-se primeiramente a escassez de pesquisas neste seio literário, a saber, ideologia e tradução, afirmo a produção desafiadora que a tradutora encontrou para este item que cruza os dois vieses deste trabalho: ideologia e tradução. A ideologia é uma circunstância do texto que precisa estar em evidência ao leitor através do tradutor, e o tradutor por sua vez inicia sua interpretação tentando não tendenciar para nenhum viés ideológico sendo leal ao “ato intencional” do TF esforçando-se em eliminar esses, mesmo se esmerando é possível encontrar sutilmente nas traduções as marcas do tradutor, criando uma “assinatura” na obra traduzida. Esta ação que por muitas vezes involuntária dada como “assinatura” inicia no primeiro contato que o tradutor tem com o TF, certamente no aceite do trabalho. Em análises tradutórias nas ideologias, o tradutor precisa compreender os conceitos fundamentais que fomentam o seu conhecimento e corrobora com a busca pelo firme fundamento do saber.

Concluimos que todo processo explorado na tradução é de inteira competência do profissional tradutor que deve se apegar às ferramentas necessárias para trazer a lealdade do texto ao TA, tal qual houve por parte do autor no TF. Constatamos que a TA apresenta uma clareza no entendimento que não encontramos com facilidade no TF, por isso o uso dos procedimentos técnicos tradutórios de omissões e especialmente equivalência. Produzimos a tradução de um material que agregou aos Estudos da Tradução a produção inédita de uma obra de um dos educadores brasileiros mais reconhecidos internacionalmente. A TC deste capítulo traçou um diálogo entre autores que representados pelas suas pesquisas, evidenciaram as suas defesas e trouxeram para os leitores, amadores e profissionais da área de tradução, uma reflexão acerca das metodologias e estratégias de tradução. As escolhas tradutórias foram pensadas e avaliadas através das anotações registradas no diário de tradução e justificadas nos achados funcionalistas. Foram feitas duas pré gravações, onde o revisor fez suas considerações indicando melhorias em minhas escolhas, organização da ordem sintática em algumas frases, assim sendo chegamos à versão final para o registro em vídeo.

Enaltecemos as ideologias de Paulo Freire que formaram opiniões durante o período ditatorial da época e perpassa multidões, visualizamos também alguns dos argumentos de Christiane Nord - e usamos da sua teoria para maior parte das análises deste trabalho - evidenciando especialmente a sua teoria funcionalista que diverge totalmente das traduções

comentes ensinadas em cursos tradicionais, e foi somente nesta teoria que começamos a compreender a fidelidade e a lealdade não mais como sinônimos, uma vez enquanto estudiosos do ET percebemos que a fidelidade, na maioria das vezes discorre na tradução literal, ao passo que Nord em sua TPF diz que a lealdade do tradutor é especificamente quando se pensa no sentido subjetivo do texto que não está explícito nas linhas. Por fim, afirmamos o compromisso da pesquisa em elaborar um material que atraia novos pesquisadores que dissemine nossas pesquisas e elabore produções a fim de trazer a visibilidade necessária desta obra que é uma das mais visualizadas, estimulando a prática da TC experiência ímpar vivenciada no decorrer dessa pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHUSSER, Lois. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**. In ZIZEK, Slavoj. Um Mapa da Ideologia. RJ. Contraponto I. 1996.
- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado**. Trad. Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Edições Graal. 1958.
- BERMAN, A. **La traduction au manifeste**. In: L'épreuve de l'étranger: Culture et traduction dans l'Allemagne romantique. Paris: Gallimard, p.11-24. 1984.
- BASSNETT, S. **Estudos de Tradução**. Fundamentos de uma disciplina. Tradução de Viviana de Pádua Figueiredo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 64-71. 2003.
- BORGES-OSÓRIO, Maria Regina; ROBINSON, Wanyce Miriam. **Genética humana**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- BRAYNER, Flavio Henrique Albert. **“Paulofreireanismo”: instituindo uma teologia laica?**. Revista brasileira de educação, v. 22, n. 70, p. 851-872, 2017. Doi: 10.1590/s1413-24782017227042.
- CAMPINAS, Universidade Estadual de. **O legado de Elza Freire: pesquisa mostra contribuição da educadora para teorias formuladas por paulo freire**. Jornal da Unicamp. Campinas, p. 1-2. 13 jul. 2009. Disponível em: https://www.unicamp.br/unicamp_hoje/ju/julho2009/ju435_pag12.php#. Acesso em: 13 out. 2020.
- COSTA, W. C.; GUERINI, A. **Introdução aos Estudos da Tradução**. Florianópolis: LANTEC/UFSC, v. 1. p.48. 2007.
- DELISLE, J. **História da tradução: sua importância para a tradutologia, seu ensino através de software multimídia e multilíngue**. Gragoatá, v. 7, n. 13, 2016.
- DELISLE, J. **L'analyse du discours comme méthode de traduction**. Ottawa: Éditions de l'Université d'Ottawa. 1980.

DERRIDA, J. **Torres de babel**. Ed. UFMG, 2002.

D'HULST, Lieven. **Why and How to Write Translation Histories**. Crop, v. 6, Número Especial: Emerging Views on Translation History in Brazil. Org. Jhon Milton, p. 21-32, 2001.

EAGLETON, Terry. **Ideologia. Uma introdução**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Editora Boitempo, 1997.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing Discourse – textual analysis for social research**. London and New York; Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

FREITAS, Luana Ferreira de; TORRES, Marie Hélène Catherine; COSTA, Walter Carlos (orgs). **Literatura traduzida: tradução comentada e comentários da tradução**. Fortaleza: Substância,. pp15-35. 2017.

FREIRE, Paulo. **Educação e atualidade Brasileira**. 1959. Tese de Concurso para a Cadeira de História e Educação - Escola de Belas Artes de Pernambuco, Recife. 1959.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Fac símile digitalizado (Manuscritos). São Paulo: Instituto Paulo Freire, 1968.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1952.

FREIRE, Paulo. **Pedagogy of the oppressed**. New York: Herder and Herder, 1970.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FURLAN, M. **Brevíssima história da tradução no Ocidente: Os romanos**. Cadernos de Tradução, p. 11-28 IN Cadernos de Tradução, v. 2, n. 8, Florianópolis, 2001.

- GREEN, Elliott. **What are the most-cited publications in the social sciences (according to Google Scholar)?**. Impact of social sciences. London: Blog, London School of Economics, 2016.
- GUERINI, Andréia. **Introdução aos estudos da tradução**. Florianópolis: CCE/UFSC, 2008.
- GODÓI, Ana Maria de. **Educação Infantil. Saberes e Práticas da Inclusão: dificuldades acentuadas de aprendizagem: deficiência múltipla**. 4.ed. Brasília: MEC, 2006.
- HIGOUNET, C. **História concisa da escrita**. São Paulo: Parábola, 2003.
- HOLMES, J. S. **The Name and Nature of Translation Studies**. In: Translated! Papers on Literary Translation and Translation Studies. Amsterdam: Rodopi. [1972] 1988.
- HURTADO ALBIR, A. **A aquisição da competência tradutória: aspectos teóricos e didáticos**. Competência em tradução: cognição e discurso. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 19-57, 2005.
- JAKOBSON, Roman. **Os aspectos linguísticos da tradução**. 20.ed. In: Linguística e comunicação. São Paulo: Cultrix, 1965.
- JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. Editora Cultrix: São Paulo, 2010.
- MAYER, Richard. **The promise of multimedia learning: using the same instructional design methods across different media**. Learning and Instruction 13, 125–139, 2003.
- MOTTA-ROTH, D. (org.). **Redação acadêmica: princípios básicos**. 3. ed. Santa Maria: UFSM, Imprensa Universitária, 2003.
- NORD, C. **El funcionalismo en la enseñanza de traducción**. Mutatis Mutandis: Revista Latinoamericana de Traducción, Medellín, v. 2, n. 2, p. 209-243, 2009. Disponível em: . Acesso em: 5 set. 2020.
- NORD, Christiane. **Text Analysis in translation**. Amsterdam; Atlanta: Rodopi, 1991.
- OUSTINOFF, Michaël. **Tradução: História, teorias e métodos**. Tradução: Marcos Marcionilo. – São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

- POLCHLOPEK, Silvana Ayub. **O mundo pós “11 de setembro”:** tecendo fios/textos entre **tradução e a narrativa jornalística**. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC. Florianópolis, 2011.
- QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. ArtMed: Porto Alegre, 2004.
- REISS, Katharina. **möglichkeiten und grenzen der übersetzungskritik**. Kategorien undmkriterien für eine sachgerechte beurteilung von übersetzungen. München: Hueber, 1971.
- FREIRE, Paulo. **Resumo do Livro: Pedagogia do Oprimido (Paulo Freire)**. Pedagogia ao Pé da Letra, 2012. Disponível em: <<https://pedagogiaaopedaletra.com/resumo-livro-pedagogia-do-oprimido-paulo-freire/>>. Acesso em: 18 de outubro de 2020.
- ROLÓN, Verônica Rosarito Ramirez Parquet. **Uma ponte entre culturas: A Tradução Funcionalista de notícias jornalísticas**. Revista Escrita. Gávea, ago. p. 1-15. 2013 Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/22361/22361>. Acesso em: 15 out. 2020.
- SARAMAGO, José: **uma homenagem**. São Paulo: EDUC, 1999. BRAGA, M. R. A concepção de língua de Saramago. São Paulo: Arte e Ciência, 1999.
- SCHNEIDER, W.; SHIFFRIN, R. M. **Controlled and Automatic Human Information Processing: I. Detection, Search, and Attention**. Psychological Review, 84 (1), 1- 66. 1977.
- STEINER, G. **Depois de Babel: questões de linguagem e tradução**. UFPR, 2005.
- STOKOE, William. **Sign Language structure**. Maryland: Linstok Press, 1960.
- SANTOS, Warley Martins dos. **A tradução Português-Libras em debates políticos televisionados no Brasil: intermodalidade e competência interpretativa**. Tese (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

- FELIPE, Tânia Amaral. **LIBRAS em Contexto**. Rio de Janeiro: FENEIS, 2005.
- THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- TORRES, Marie-Hélène Catherine. **Por que e como pesquisar a tradução comentada?** In: FREITAS, Luana Ferreira de; TORRES, Marie Hélène Catherine; COSTA, Walter Carlos (orgs). *Literatura traduzida: tradução comentada e comentários da tradução*. Fortaleza: Substância, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/181534/Literatura%20traduzida.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 21 jul 2019.
- VASCONCELLOS, M. L.; BARTHOLAMEI, L. A. J. **Estudos da Tradução I. Material didático do curso a distância Letras/Libras**. Florianópolis: UFSC, 2008.
- VASCONCELLOS, Maria Lúcia. **Tradução e Interpretação de Língua de Sinais (TILS) na Pós-Graduação**: a afiliação ao campo disciplinar “Estudos da Tradução”. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 2, n. 26, p. 119-143, out. 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2010v2n26p119/14226>>. Acesso em: 15 jan. 2020.
- VÁZQUEZ-AYORA, G. **Introducción a la traductología: curso básico de traducción**. Georgetown University Press, 1977.
- VERMEER, Hans J. **Esboço de uma teoria da tradução**. Lisboa: Edições ASA, 1996.
- VINEY, J. P.; DARBELNET, J. **Comparative stylistics of French and English: a methodology for translation**, trans. & ed. J. Sager & M. Hamel, Philadelphia: Benjamins, 1958.
- WILLIAMS, Jenny; CHESTERMAN, Andrew. **The Map: a beginner’s guide to doing research in Translation Studies**. Manchester: St. Jerome Publishing, 2002.
- ZAVAGLIA, Adriana; RENARD, Carla M. C.; JANCZUR, Christine. **A tradução comentada em contexto acadêmico: reflexões iniciais e exemplos de um gênero textual em construção**. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, [S.l.], v. 25, n. 2, p. 331-352,

dez. 2015. Disponível em:
<<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/8755>>. Acesso em:
07 set. 2019.

ZIPSER, M. E. Do fato à reportagem: as diferenças de enfoque e a tradução como representação cultural (tese de doutorado). Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2002.

6. APÊNDICE

Apêndice A: Glosa do capítulo 1 - “Justificativa da Pedagogia do Oprimido”

A glosa disposta nas seguintes páginas está organizada na ordem das páginas do manuscrito escrito por Paulo Freire. A tradutora optou por uma disposição pouco usada, em contrapartida, uma organização mais visível e de compreensão mais clara no que diz respeito à localização das Unidades de Tradução.

No cabeçalho há uma marcação numérica, que não se refere a contagem das páginas, esta aponta a ordem das páginas do manuscrito do livro “Pedagogia do Oprimido” escrito por Paulo Freire (1968), para esta tradução foi copilada a transcrição feita por MAFRA et al. (2018) e se comparada ao manuscrito original, percebemos total fidelidade à escrita.

Separado por um traço, as linhas em caixa alta é o material traduzido para a Língua de Sinais Brasileira que estão organizadas nas regras que compete ao tipo de tradução: caixa alta, arroba (@) quando não tem a definição do gênero do substantivo, verbos no infinito, organização sintática frasal podendo ser SOV, SVO e OVS. Posterior à tradução, encontra-se disponível o acesso à sinalização da respectiva glosa pelo link.

As notas de rodapé seguem o mesmo padrão supracitado, tenho a mesma estrutura: transcrição em português, tradução - glosa - em LSB, o link de acesso à sinalização. Vale ressaltar que o link nas notas de rodapé diz respeito somente àquela(s) nota(s) da respectiva página, mesmo não estando na primeira página, as notas de rodapé estará disponível sempre ao final da página onde finalizou a tradução.

I Capítulo

Justificativa da Pedagogia do oprimido.

A contradição opressores-oprimidos, sua superação.

A situação concreta de opressão e os opressores.

A situação concreta de opressão e os oprimidos.

Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho

– os homens se libertam em comunhão.

TÍTULO

CAPÍTULO 1

BOIA

1- PORQUE PEDAGOGIA DO OPRIMIDO;

2- CONTRADIÇÃO OPRESSOR-OPRIMIDO COMO SUPERAR;

3- EXEMPLO REAL OPRESSÃO- OPRESSORES

4- EXEMPLO REAL OPRESSÃO- OPRIMIDOS

5- NINGUÉM LIBERTAR NINGUÉM, NINGUÉM LIBERTAR SOZINHO,
HOMENS CONSEGUIR LIBERTAR JUNTOS, UNIDOS

Disponível em: <https://youtu.be/FcyCmZqMi-k>

1

Reconhecemos a amplitude do tema que nos propomos tratar neste ensaio, com o qual pretendemos, em certo aspecto, aprofundar alguns pontos discutidos em nosso trabalho anterior, “Educação como Prática da Liberdade”⁴. Daí que o consideremos como mera introdução, como simples aproximação a assunto que nos parece de importância fundamental.

Mais uma vez os homens, desafiados pela dramaticidade da hora atual, se propõem, a si mesmos, como problema. Descobrem que pouco sabem de si, de seu “posto no cosmos” e se inquietam por saber mais. Estará, aliás, no reconhecimento do seu pouco saber de si uma das razões desta procura. Ao instalar-se na quase, senão trágica descoberta do seu pouco saber de si, se fazem problema a êles mesmos. Indagam. Respondem e suas respostas os levam a novas perguntas.

O problema de sua humanização, apesar de sempre dever haver sido, de um ponto de vista axiológico, o seu problema central, assume, hoje, caráter de preocupação ineludível.

RECONHECER TEMA CAPÍTULO PROFUNDO, DENTRO TER ALGUNS TÓPICOS JÁ EXPLICAR LIVRO ANTERIOR (APONTAR LEGENDA: “EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE”). REFLETIR, PERCEBER ASSUNTO DESCONFIAR SIMPLES, MAS BASE ASSUNTO TER IMPORTÂNCIA.

NOVAMENTE HOMENS PREOCUPADOS PROBLEMAS HOJE, OLHAR DENTRO PERCEBER PROBLEMA DENTRO HOMEM. HOMEM PERCEBER SOZINHO DENTRO UNIVERSO+GRANDE, POR ISSO PESQUISA ANSIOSA COLETAR INFORMAÇÃO VIDA ESSÊNCIA POUCA. DESCOBRIR QUASE NADA, ASSUSTAR, PREOCUPAR, PROBLEMA SOBREPOR (EVOLUIR). PERGUNTAR, RESPONDER, PERGUNTAR, RESPONDER (CICLO).

ANTES DENTRO HUMANO TER VALOR, HOJE FOCO PROBLEMA OUTRO, PROBLEMA PREOCUPAÇÃO EVITAR PODER.-NÃO

Disponível em: <https://youtu.be/0RwNDbaMBgk>

⁴ Paz e Terra – Rio – 1967.

P-A-Z T-E-R-R-A - CIDADE RIO DE JANEIRO, ANO 1967

⁵Os movimentos de rebelião, sobretudo de jovens, no mundo atual, que necessariamente revelam peculiaridades dos espaços onde se dão, manifestam, em sua profundidade, esta preocupação em torno do homem e dos homens, como seres no mundo e com o mundo. Em torno do que e de como estão sendo. Ao colocarem em tela de juízo a civilização do consumo; ao denunciarem as “burocracias” de todos os matizes; ao exigirem a transformação das universidades de que resulte, de um lado, o desaparecimento da rigidez nas relações professor-aluno; de outro, a inserção delas na realidade; ao proporem a transformação da realidade mesma para que as universidades possam renovar-se; ao rechassarem velhas ordens e instituições estabelecidas, buscando a afirmação dos homens como sujeitos de decisão, todos êstes movimentos refletem o sentido mais antropológico do que antropocêntrico de nossa época.

⁵ATUALMENTE JOVENS PARTICIPAM GRUPOS REBELIÃO. APRESENTAR CARACTERÍSTICAS PECULIARES ESPAÇOS ACONTECER. TEMA: PREOCUPAÇÃO SER HUMANO MUNDO COMO RELAÇÃO ACONTECER DENTRO DO MUNDO. MOVIMENTO REBELIÃO REFLETIR O QUÊ? POPULAÇÃO MUNDIAL CAPITALISTA. ANÁFORA: ELES DENUNCIAM B-U-R-O-C-R-A-T-A-S TODOS NÍVEIS. EXIGINDO MELHORIA: 1-NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO DENTRO UNIVERSIDADE; 2- ACEITAR ESSA PROPOSTA, PROFESSOR ALUNO RELACIONAR. PROPOSTA TRANSFORMAR AMBIENTE UNIVERSIDADE RENOVAR-SE CONTRA REGRAS ANTIGAS DENTRO UNIVERSIDADES, LUTANDO MOSTRAR VERDADE SER HUMANO TER PODER ESCOLHA. TODOS OS GRUPOS REFLETEM FOCO A-N-T-R-O-P-O-L-Ó-G-I-C-O DO QUE A-N-T-R-O-P-O-C-Ê-N-T-R-I-C-O PERÍODO.

Disponível em: <https://youtu.be/CHBP9ECoZDM>

Constatar esta preocupação implica, desde logo, em reconhecer a desumanização, não apenas como viabilidade ontológica, mas como realidade histórica. É também, e talvez sobretudo, a partir desta dolorosa constatação, que os homens se perguntam sobre a outra viabilidade – a de sua humanização. Ambas, na raiz de sua inconclusão, que as inscreve num permanente movimento de busca. Humanização e desumanização, dentro da história, num contexto real, concreto, objetivo, são possibilidades dos homens como seres inconclusos e conscientes de sua inconclusão.

Mas, se ambas são possibilidades, só a primeira nos parece ser o que chamamos de vocação dos homens. Vocação negada, mas também afirmada na própria negação. Vocação negada na injustiça, na exploração, na opressão, na violência dos opressores. Mas afirmada no anseio de liberdade, de justiça, de luta dos oprimidos, pela recuperação de sua humanidade roubada.

A desumanização, que não se verifica apenas nos que têm sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam, é distorção da vocação do

É distorção possível na história, mas não vocação histórica.

ASSUMIR PREOCUPAÇÃO SIGNIFICA DESCOBRIR PROBLEMA COMEÇAR HISTÓRIA, SÓ TRADIÇÃO FAMILIAR NÃO, MARCO HISTÓRICO. DEPOIS DESCOBRIR, SENTIR TRISTEZA PORQUE PERCEBER TALVEZ PROBLEMA FOCAR COMO HOMEM EVOLUIR CARÁTER. SEMPRE TER DÚVIDA PORQUE SEMPRE PROCURAR. HOMEM EVOLUIR TAMBÉM AFASTAR HOMEM SOZINHO: HOJE OU PASSADO HISTÓRIA (ATÉ HOJE), MOSTRAR TALVEZ, TALVEZ... HOMEM SABER-NÃO RECONHECER OLHAR DENTRO NADA.

MAS, SE 2 OPÇÕES SÓ PRIMEIRA CERTA “VOCAÇÃO (DOM) PRÓPRIA HOMEM”. SE VOCAÇÃO ACEITAR-NÃO, MOSTRAR TAMBÉM PERFIL PRÓPRIA PESSOA. PESSOA ACEITAR-NÃO ERRO, ACEITAR-NÃO INFLUÊNCIA, ACEITAR-NÃO OPRESSÃO. SIGNIFICA PESSOA TER PERFIL LIBERDADE, GOSTAR JUSTIÇA, GOSTAR DEFENDER, MOSTRAR PASSADO PERFIL IGUAL HOJE.

D-E-S-U-M-A-N-I-Z-A-Ç-Ã-O NÃO-PRÓPRIO PESSOA PERFIL PERDER (PERSUASÃO), TAMBÉM TALVEZ ESTRANHO, PESSOA TER-NÃO CARÁTER, MOSTRAR VOCAÇÃO (DOM) (APONTAR LEGENDA: SER MAIS). DISTORCER (TRANSFORMAR MUITO) EDUCAÇÃO (COSTUME), MAS NASCER-NÃO PRONTO VOCAÇÃO (DOM) HISTÓRICO (COSTUME).

Disponível em: <https://youtu.be/8eXfSUC9Jxs>

“Na verdade, se admitíssemos que a desumanização é vocação histórica dos homens, nada mais teríamos que fazer, a não ser adotar uma atitude cínica ou de total desespero. A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como “seres para si”, não teria significação. Esta somente é possível porque a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é, porém, destino dado, mas resultado de uma “ordem” injusta que gera a violência dos opressores e esta o ser menos.

“SE FATO ACEITAR D-E-S-U-M-A-N-I-Z-A-Ç-Ã-O INATO HISTÓRICO SER HUMANO PRECISAR-NAO LUTAR DEIXAR (SINAL NA TESTA) OU FALSA ATITUDE MAIS DESESPERO FAZER O QUE? LUTA (MÃO DIREITA BATENDO NA ESQUERDA) 1-H-U-M-A-N-I-Z-A-Ç-Ã-O 2- TRABALHO LIVRE 3- AUTONOMIA 4- SER HUMANO SUJEITO DIREITOS SE ACEITAR NÃO TER SENTIDO (FOCO) LUTA. A LUTA É POSSÍVEL PORQUE A D-E-S-U-M-A-N-I-Z-A-Ç-Ã-O É REAL, MAS NÃO-É D-E-S-T-I-N-O PODE MUDAR. TAMBÉM PORQUE APONTAR ELA(ANÁFORA) CONSEQUÊNCIA SOCIEDADE IGUALDADE NÃO-TER E CRIADA HISTORIA (SINAL NO OMBRO) OPRESSOR + INTENSIFICADO PARA MOSTRAR A VIOLÊNCIA.

Disponível em: <https://youtu.be/OjhZtzg4T3g>

3

A violência dos opressores, que os faz também desumanizados, não instaura uma outra vocação – a do ser menos. Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fêz menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscar recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores dos opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos.

E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Êstes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos. Por isto é que o poder dos opressores, quando se pretende amenizar ante a debilidade dos oprimidos, não apenas quase sempre se expressa em falsa generosidade, como jamais a ultrapassa. Os opressores, falsamente generosos, têm necessidade, para que a sua “generosidade” continue tendo oportunidade de realizar-se, da permanência da injustiça. A “ordem” social injusta é a fonte geradora, permanente, desta “generosidade” que se nutre da morte, do desalento e da miséria. Que se nutre de tudo isto e a tudo isto nutre.⁷

OPRESSOR (MOVIMENTAR O SINAL PARA MOSTRAR A VIOLÊNCIA) MOSTRAR CARACTERÍSTICA PRÓPRIA PESSOA TER-NÃO EMPATIA MOSTRAR OUTRA “VOCAÇÃO” S-E-R M-E-N-O-S. DIFERENTE GRUPO SER MAIS (SENTIR SUPERIOR), GRUPO SER MENOS (SENTIR INFERIOR) TER IDEIA (INSIDE) PRECISAR MILITAR (LUTAR) CONTRA PESSOA INFLUENCIAR SENTIR INFERIOR. GRUPO OPRIMIDO ACOSTUMAR, AGUENTAR-NÃO SOFRER DE REPENTE (RÁPIDO) EXPLODIR PORQUE PESSOAS ACORDAR PRECISAR RESGATAR H-U-M-A-N-I-D-A-D-E. OPRIMIDOS NÃO QUERER IGUAL OPRESSOR, QUERER MOSTRAR TODOS IGUAIS, HUMANIDADE IGUAL.

PERCEBER RESPONSABILIDADE H-U-M-A-N-I-S-T-A (SIGNIFICAR FILOSOFIA FOCO ESTUDAR MORAL) TAMBÉM HISTÓRICO TER OBJETIVO LIBERTAR PRÓPRIO TAMBÉM LIBERTAR PESSOA OPRESSORA. OBJETIVO GRUPO OPRIMIDO AJUDAR LIBERTAR PESSOAS. GRUPO EGOÍSTAS HUMILHAR

(PRECONCEITO) POR CAUSA ORGULHO, TER-NÃO FORÇA CONSEGUIR AUTONOMIA LIBERTAR TAMBÉM PESSOAS OPRIMIDOS. SE MOMENTO PESSOAS OPRIMIDAS PERCEBER PERFIL FRÁGIL(FRACO) DEPOIS DESPERTAR (LUTAR) CONSEGUIR LIBERTAR AMBOS. TAMBÉM AJUDAR PESSOAS OPRESSORAS LIBERDADE CONSEGUIR. POR CAUSA OPRESSOR PERCEBER PERFIL FRÁGIL (FRACO) TENTAR AJUDAR OPRIMIDOS MOSTRAR FALSA GENEROSIDADE (MISERICÓRDIA). GRUPO OPRESSORES APROVEITAR MOSTRAR AJUDA PORQUE TER FALHA JUSTIÇA. JUSTIÇA PROBLEMA PERMANENTE (SEMPRE), PESSOA FALSA TER ESTRATÉGIA AJUDAR PORQUE OUTRO VIVER MISÉRIA (POBREZA). APROVEITAR FINGIR AJUDAR.

Disponível em: <https://youtu.be/Mq-IIJOiLO8>

“Talvez dêsmolas. Mas, de onde as tiras, senão de tuas rapinas crueis, do sofrimento, das lágrimas, dos suspiros? Se o pobre soubesse de onde vem o teu óbulo, êle o recusaria porque teria a impressão de morder a carne de seus irmãos e de sugar o sangue de seu próximo. Ele te diria estas palavras corajosas: não sacies minha sede com as lágrimas de meus irmãos. Não dê ao pobre o pão endurecido com os soluços de meus companheiros de miséria. Devolve a teu semelhante aquilo que reclamaste injustamente e eu te serei muito grato. De que vale consolar um pobre, se tu fazes outros cem?” São Gregório de Nissa [+ 194] Sermão contra os usurarios.

“FATO , SE ACEITAR D-E-S-U-M-A-N-I-Z-A-Ç-Ã-O INATO HISTÓRICO SER HUMANO PRECISAR-NAO LUTAR DEIXAR(SINAL NA TESTA), OU FALSA ATITUDE MAIS DESESPERO FAZER: LUTA(MÃO DIREITA BATENDO NA ESQUERDA): 1-H-U-M-A-N-I-Z-A-Ç-Ã-O 2- TRABALHO LIVRE 3- AUTONOMIA 4- SER HUMANO SUJEITO DIREITOS SE ACEITAR NÃO TER SENTIDO((FOCO) LUTA. A LUTA É POSSÍVEL PORQUE A D-E-S-U-M-A-N-I-Z-A-Ç-Ã-O É REAL, MAS NÃO-É D-E-S-T-I-N-O PODE MUDAR. TAMBÉM PORQUE APONTAR ELA(ANÁFORA) CONSEQUÊNCIA SOCIEDADE IGUALDADE NÃO-TER E CRIADA HISTÓRIA(SINAL NO OMBRO) OPRESSOR + INTENSIFICADO PARA MOSTRAR A VIOLÊNCIA.

Disponível em: <https://youtu.be/LQMvnOerSx8>

Daí o desespero desta “generosidade” diante de qualquer ameaça, embora tênue, à sua fonte. Não pode jamais entender esta “generosidade” que a verdadeira generosidade está em lutar para que desapareçam as razões que alimentam o falso amor. A falsa caridade, da qual decorre a mão estendida do “demitido da vida”, medroso e inseguro, esmagado e vencido. Mão estendida e trêmula dos esfarrapados do mundo, dos “condenados da terra”. A grande generosidade está em lutar para que, cada vez mais, estas mãos, sejam de homens ou de povos, se estendam menos, em gestos de súplica. Súplica de humildes a poderosos. E se vão fazendo cada vez mais mãos humanas, que trabalhem e transformem o mundo. Êste ensinamento e êste aprendizado têm de partir, porém, dos “condenados da terra”, dos oprimidos, dos esfarrapados do mundo e dos que com êles realmente se solidarizem. Lutando pela restauração de sua humanidade estarão, sejam homens ou povos, tentando a restauração da generosidade verdadeira.

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparando para entender o significado terrível de uma sociedade opressora?

Quem sentirá, melhor que êles, os efeitos da opressão? Quem, mais que êles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela praxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. Luta que, pela finalidade que lhe derem os oprimidos, será um ato de amor, com o qual se oporão ao desamor contido na violência dos opressores, até mesmo quando esta se revista da falsa generosidade referida.

A nossa preocupação, neste trabalho, é apenas

PESSOAS TER PERFIL VERDADEIRO GOSTAR AJUDAR TAMBÉM MILITAR
(LUTAR) SEMPRE FALSIDADE ACABAR. PESSOA FINGIR AJUDAR VIVE TER-
NÃO SEGURANÇA, SENTIR MEDO E SENTIR INFERIOR. OPRIMIDOS VIVER
MUNDO, PRECISAR MILITAR (LUTAR) NÚMERO REDUZIR PESSOAS VIVER
PEDIR AJUDA, PRECISAR DIMINUIR PESSOAS POBRES PEDIR AJUDA GRUPO
OPRESSOR. PRECISA AUMENTAR NÚMERO PESSOAS TRABALHAR FORTE.
PRECISAR COMEÇAR MILITAR PESSOAS VIVER PRECISAR AJUDA. PESSOAS

SEMPRE LUTAR TER CARÁTER JUNTO PESSOAS CONSEGUIR MOSTRAR AJUDA VERDADEIRA.

PESSOAS OPRESSORAS VIVER ACOSTUMAR CONHECER PROFUNDO SOFRER.

QUAL PESSOA CONHECER MAIS PROFUNDO SOFRER? QUAL OPRIMIDAS MAIS PRECISAR LIBERDADE? CONSEGUIR TER LIBERDADE SIMPLES NÃO, CONSEGUIR PORQUE NUNCA DESISTIR. CONSEGUIR LIBERDADE PORQUE MILITAR (LUTAR) DESEJO TER LIBERDADE. MILITAR (LUTAR) VENCER PORQUE OPRIMIDOS QUERER MOSTRAR AMOR, GRUPO OPRESSORES TER-NÃO AMOR, SÓ ESTRATÉGIA TENTAR AJUDAR.

Disponível em: https://youtu.be/jNepN_BZRY

apresentar alguns aspectos do que nos parece constituir o que vimos chamando de Pedagogia do Oprimido. Aquela que tem de ser forjada com êle e não para êle, enquanto homem ou povo, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará.

O grande problema está em como poderão os oprimidos, que “hospedam” ao opressor em si, participar da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia de sua libertação. Sòmente na medida em que se descubram “hospedeiros” do opressor poderão contribuir para o partejamento de sua pedagogia libertária. Enquanto vivem a dualidade na qual ser é parecer e parecer é parecer com o opressor, é impossível fazê-lo. A pedagogia do oprimido, que não pode ser elaborada pelos opressores, é um instrumento para esta descoberta crítica – a dos oprimidos por si mesmos e a dos opressores pelos oprimidos, como manifestações da desumanização.

Há algo, porém, a considerar nesta descoberta, que está diretamente ligado à pedagogia libertária. É que, quase sempre, num primeiro momento dêste descobrimento, os oprimidos, em lugar de buscar a libertação, na luta e por ela, tendem a ser opressores também, ou sub-opressores. A estrutura de seu pensar se encontra condicionada pela contradição concreta, existencial, em que se “formam”. O seu ideal é, realmente, ser homens. Mas, para êles, ser homens, na contra-

FOCO PESQUISA MOSTRAR SIGNIFICADO (APONTAR LEGENDA: PEDAGOGIA DO OPRIMIDO). PRECISAR JUNTOS APOIAR POVO OU PESSOA, MILITAR (LUTAR) SEMPRE RESGATAR PERFIL PERDER (SUMIR) JÁ. . PEDAGOGIA MOSTRAR REFLEXÃO PESSOAS JÁ VIVER SOFRER PRECISAR MOSTRAR FORÇA TENTAR LIBERDADE, PORQUE PEDAGOGIA ENSINAR.

PROBLEMA PRINCIPAL: COMO CONSEGUIR LIBERTAR PESSOAS JÁ ACOSTUMAR VIVER PRESA (INERTE). CONSEGUIR LIBERDADE VERDADEIRA DEPOIS LIMPAR MENTE COMPLETO. PESSOA VIVER SOFRER PENSAR PARCERIA OPRESSOR, IMPOSSÍVEL OPRESSOR TER LIBERDADE. OPRESSOR PODER-NÃO JUNTO ORGANIZAR PEDAGOGIA. MOMENTO DESCOBERTA PERCEBER DENTRO

PEDAGOGIA LIBERDADE PESSOA VIVER SOFRER TAMBÉM TER PERFIL OPRESSOR. ESTRUTURA PRÓPRIA DA MENTE AINDA ORGANIZANDO. OBJETIVO TER CARÁTER.

TER PONTO IMPORTANTE PRECISAR ATENÇÃO PORQUE DESCOBERTA TER RELAÇÃO PEDAGOGIA. MOMENTO OPRIMIDOS DESCOBRIR, PESSOAS OPRIMIDAS BUSCAR-NÃO LIBERTAÇÃO, MAS COMEÇAR INCORPORAR PERFIL OPRESSOR TRANSFORMAR S-U-B OPRESSORES. ESTRUTURA MENTE LIGADA (UNIDA) CONTRADIÇÃO (OPOSIÇÃO) CONCRETA (VERDADEIRA). CORRETO TER PERFIL HUMANO.

Disponível em: <https://youtu.be/IWem5ut6dKY>

6

dição em que sempre estiveram e cuja superação não lhes está clara, é ser opressores. Estes são o seu testemunho de humanidade.

Isto decorre, como analisaremos mais adiante, com mais vagar, do fato de que, em certo momento de sua experiência existencial, os oprimidos assumam uma postura que chamamos de “aderência” ao opressor. Nestas circunstâncias, não chegam a “admirá-lo” o que os levaria a objetivá-lo, a descobri-lo, como diz Fanon, fora de si.

Ao fazermos esta afirmação, não queremos dizer que os oprimidos, neste caso, não se saibam oprimidos. O seu conhecimento, contudo, de oprimidos, é ainda preponderantemente sensível. Falta-lhes a razão da opressão. “Reconhecer”-se, àquele nível, contrário ao outro, não significa ainda lutar pela superação da contradição. Daí esta quase aberração: um dos polos da contradição pretendendo, não a libertação, mas a identificação com o seu contrário.

O “homem novo”, em tal caso, para os oprimidos, não é o homem a nascer da superação da contradição com a transformação da velha situação concreta opressora, que cede seu lugar a uma nova, de libertação. Para eles, o novo homem são eles mesmos tornando-se opressores de outros. A sua visão do homem novo é uma visão individualista. A sua aderência ao opressor não lhes possibilitou a consciência de si como pessoa, nem a consciência de classe oprimida.

Querem a reforma agrária, neste caso, não para libertar-se, mas para passar a ter terra e, com esta, tornar-se proprietários ou, mais precisamente, patrões de novos empregados.

Raros são os camponeses que, ao serem “promovidos” a capatazes, não se tornam mais duros opres-

MAS PESSOAS CONHECER-NÃO SIGNIFICADO LIBERDADE SABER-NÃO COMPARAR CARÁTER. ISTO MOSTRAR EXPERIÊNCIA SOCIAL.

DEPOIS PESQUISA DETALHADAMENTE MOSTRAR EXPERIÊNCIA: MOMENTO GRUPO OPRIMIDO TER A-D-E-R-Ê-N-C-I-A(OU ADQUIRIR) MODELO PERFIL OPRESSOR, ADMIRAR-NÃO PERFIL OPRESSOR, MAS DESCOBRIR (AUTOR F-A--N-O-N).

PESSOA OPRIMIDAS TER CONSCIÊNCIA SIM, MAS CONHECIMENTO A
PRECISA ORGANIZAR, FALTAR SABER CERTO MOTIVO OPRESSÃO. NÃO
CONCORDAR PESSOA OPINIÃO DIFERENTE SIGNIFICA-NÃO MILITAR (LUTAR).
ABSURDO PESSOAS PERFIS DIFERENTES, MAS TER ESSÊNCIA IGUAL.

OPRIMIDOS PERCEBER MENTE OUTRA PESSOA TRANSFORMADA
MOMENTO CONSEGUIR ADQUIRIR LIBERDADE, ESQUECER PASSADO
OPRESSÃO. PESSOAS PERCEBER TRANSFORMAÇÃO MOMENTO MUDAR VIVER
OPRIMIR OUTRO. TRANSFORMAÇÃO PERFIL NOVO SIGNIFICA PERSPECTIVA
INDIVIDUALISTA. OPRIMIDO CAPAZ-NÃO TER CONSCIÊNCIA PRÓPRIA VIDA OU
CULTURA PORQUE COMBINAR PERFIL OPRESSOR.

QUEREM R-E-F-O-R-M-A A-G-R-Á-R-I-A TER LIBERDADE? NÃO. PORQUE
QUERER TER TERRA, SENTIR DONO E SENTIR SUPERIOR COMEÇAR TER
EMPREGADO.

QUASE PESSOA FUNCIONÁRIA SE CHEFE TER PERFIL IGUAL ANTES.
PESSOA MUDAR PERFIL COMEÇAR RÍGIDO.

Disponível em: <https://youtu.be/PqPOIBGJkXk>

sores de seus antigos companheiros do que o patrão mesmo. Poder-se-á dizer – e com razão – que isto resulta de que a situação concreta, vigente, de opressão, não foi transformada. E que, nesta hipótese, o capataz, para assegurar seu posto, tem de encarnar, com mais dureza ainda, a dureza do patrão. Tal afirmação não nega a nossa – a de que, nestas circunstâncias, os oprimidos têm no opressor o seu testemunho de “homem”.

Até as revoluções, que transformam a situação concreta de opressão em uma nova em que a libertação se instaura como processo, enfrentam esta manifestação da consciencia oprimida. Muitos dos oprimidos que, direta ou indiretamente, participaram da revolução, marcados pelos velhos mitos da estrutura anterior, pretendem fazer da revolução a sua revolução privada. Perdura neles, de certo modo, a sombra testemunhal do opressor antigo. Este continua a ser o seu testemunho de “humanidade”.

O “medo da liberdade”,⁸ de que se fazem objeto os oprimidos, medo da liberdade que tanto pode conduzi-los a pretender ser opressores também, quanto pode mantê-los atados ao “status” de oprimidos, é outro aspecto que merece igualmente nossa reflexão.

Um dos elementos básicos na mediação opressores-oprimidos é a prescrição. Toda prescrição é a imposição da opção de uma consciência a outra. Daí, o sentido alienador das prescrições

TER BASE EXPLICAR TER-NÃO TRANSFORMAÇÃO MENTE. PESSOA CONTINUAR CHEFE PRECISAR MUDAR MENTE: PERFIL NOVO, PRECISAR RÍGIDO IGUAL CHEFE ANTERIOR. EXPLICAÇÃO MOSTRAR PESSOA TER MODELO CHEFE HOMEM OPRESSOR.

TAMBÉM MOMENTO REVOLUÇÃO (GUERRA) ACONTECER: QUERER TER LIBERDADE, MAS TAMBÉM ACONTECER OPRESSÃO, TER CONSCIÊNCIA MARCADA. PESSOAS ASSISTIR JÁ, TAMBÉM EXPERIÊNCIA REVOLUÇÃO ADQUIRIR MODELO AGORA REFLETIR COPIAR QUERER USAR FUTURO. ADQUIRIR EXPERIÊNCIA OPRESSORA. ISTO MOSTRAR EXPERIÊNCIA JÁ ADQUIRIR.

“MEDO LIBERDADE” MOSTRAR 2 OPÇÕES.

1 - TER OBJETIVO QUERER TER PERFIL OPRESSOR OU

2 - CONTINUAR SEMPRE SOFRER.

OS DOIS PRECISAR REFLEXÃO.

OPRESSORES TAMBÉM OPRIMIDOS QUAL CONTATO? P-R-E-S-C-R-I-Ç-Ã-O (OU REGRA). COMO ENCAIXAR? COMEÇAR PERCEBER REGRA PESSOA TER MENTE TRANSFORMADA MENTE RECEBER: HOSPEDEIRA.

Disponível em: <https://youtu.be/fZg09isz1bY>

⁸ Este medo da liberdade também se instala nos opressores, mas, obviamente, de maneira diferente. Nos oprimidos, o medo da liberdade é o medo de assumi-la. Nos opressores, é o medo de perder a “liberdade” de oprimir.

⁸ MEDO LIBERDADE TAMBÉM TER OPRESSORES, MAS JEITO DIFERENTE. OPRIMIDOS MEDO SENTIR ACEITAR. OPRESSORES MEDO PERDER LUGAR S-T-A-T-U-S CONSEGUIR NÃO CONTINUAR OPRIMINDO.

Disponível em: https://youtu.be/OAX_zZGHrfQ

que transformam a consciência recebedora no que vimos chamando de consciência hospedeira da consciência opressora. Por isto, o comportamento dos oprimidos é um comportamento prescrito. Faz-se à base de pautas estranhas a eles – as pautas dos opressores.

Os oprimidos, que introjetam a “sombra” dos opressores e seguem suas pautas, temem a liberdade na medida em que esta, implicando na expulsão desta sombra, exigiria deles que preenchessem o “vazio” deixado pela expulsão, com outro “conteúdo” – o de sua autonomia. O de sua responsabilidade, sem o que não seriam livres. E a liberdade, que é uma conquista e não uma doação, exige uma permanente busca. Ninguém tem liberdade para ser livre, senão que, não sendo livre, busca a liberdade. Não é também a liberdade um ponto ideal, fora dos homens, ao qual inclusive eles se alienem. Não é idéia que se faça mito. É condição indispensável ao movimento de busca em que estão inscritos os homens como seres inconclusos.

Daí, a necessidade que se impõe de superar a situação opressora. Isto implica no reconhecimento crítico, na razão desta situação, para que, através de uma ação transformadora que incida sobre ela, se instaure uma outra, que possibilite aquela busca do ser mais.

No momento, porém, em que se comece a autêntica luta para criar a situação que nascerá da superação da velha, já se está lutando pelo SER MAIS. E, se a situação opressora gera uma totalidade desumanizada e desumanizante, que atinge aos que

POR CAUSA COMPORTAMENTO OPRIMIDO JÁ ACOSTUMAR. PERCEBER SOMENTE DIFERENÇAS SIMPLES.

PESSOAS VIVER INFLUÊNCIA ADQUIRIR JÁ IGUAL OPRESSOR MEDO LIBERDADE, PORQUE SE 2 GRUPOS: 1-OPRIMIDOS TAMBÉM 2- OPRESSORES LIMPAR MENTE PRECISAR SUBSTITUIR, MAS SUBSTITUIR PRÓPRIO AUTONOMIA. SÓ SENTIR LIVRE SE CRIAÇÃO AUTONOMIA. LIBERDADE PRECISA ADQUIRIR, TENTAR SEMPRE, DAR (ENTREGAR) CAPAZ-NÃO. TODOS BUSCAR LIBERDADE, SE AINDA TER-NÃO PRECISAR CONTINUAR TENTATIVAS. SE PESSOAS FOCAR LIBERDADE ACONTECER DISPERSÃO. VERDADE, MENTIRA NÃO. PESSOAS SEMPRE PROCURAR INFORMAÇÃO PORQUE AINDA TER-NÃO MENTE PRONTA.

POR CAUSA PRECISAR SUPERAR PESSOA OPRESSORA. PRECISAR REFLETIR, MOTIVO ACONTECER PROBLEMA, FAZER ESCOLHA, ABRIR MENTE CONTINUAR BUSCAR INFORMAÇÕES.

MOMENTO PESSOA MILITAR (LUTAR) ESQUECER PASSADO COMEÇAR HISTÓRIA DIFERENTE JÁ MOSTRAR (EXPLICAR) SER MAIS. SE MOMENTO SOFRIMENTO ESPALHAR, MILITAR (LUTAR) SÓ PESSOAS SOFRER-NÃO, PESSOAS ASSISTIR TAMBÉM PRECISAR MILITAR (LUTAR) JUNTAS.

Disponível em: <https://youtu.be/Ab2VyoKTxw8>

oprimem e aos oprimidos, não vai caber, como já afirmamos, aos primeiros, que se encontram desumanizados pelo só motivo de oprimir, mas aos segundos, gerar de seu ser menos a busca do ser mais de todos.

Êstes, contudo, acomodados e adaptados, imersos na própria engrenagem da estrutura dominadora, temem a liberdade, enquanto não se sentem capazes de correr o risco de assumí-la. E a temem também na medida em que, lutar por ela, significa uma ameaça, não só aos que a usam para oprimir, como seus proprietários exclusivos, mas aos companheiros oprimidos, que se assustam com maiores repressões.

Quando descobrem em si o anseio por libertar-se percebem que êste anseio sòmente se faz concretude na concretude de outros anseios.

Enquanto tocados pelo medo da liberdade negam-se a apelar a outros e a aceitar o apêlo que se lhes faça ou que se tenham feito a si mesmos, preferindo a gregarização à convivência autêntica. Preferindo a adaptação em que sua não liberdade os mantém à comunhão criadora a que a liberdade leva, até mesmo quando ainda sòmente buscada.

Sofrem uma dualidade que se instala na “interioridade” do seu ser. Descobrem que, não sendo livres, não chegam a ser autênticamente. Querem ser, mas temem ser. São êles e, ao mesmo tempo, são o outro introjetado neles, como consciencia opressora. Sua luta se trava entre serem êles mesmos ou serem duplos. Entre expulsarem ou não ao opressor de “dentro” de si. Entre se desalienarem ou se manterem alienados. Entre seguirem prescrições ou te-

SE MOMENTO SOFRIMENTO ESPALHAR, MILITAR (LUTAR) SÓ PESSOAS SOFRER-NÃO, PESSOAS ASSISTIR TAMBÉM PRECISAR MILITAR (LUTAR).

PESSOAS JÁ ACOSTUMAR PROBLEMA SOCIAL GRUPO OPRESSORES TAMBÉM GRUPO OPRIMIR TER MEDO LIBERDADE, PORQUE SENTIR CAPAZ-NÃO TER LIBERDADE. TODAS PESSOAS ASSISTIR MILITAR (LUTAR) TER MEDO, OPRIMIDOS TAMBÉM TER MEDO PORQUE PERCEBER AMEAÇA (PERIGO) IGUAL TAMBÉM OPRESSORES.

MOMENTO PERCEBER PRECISAR LIBERTAR MOSTRAR COMEÇAR DENTRO PROFUNDO.

MOMENTO SENTIR MEDO LIBERDADE COMEÇAR AFASTAR, LIBERDADE TAMBÉM ACEITAR-NÃO AJUDAR OUTROS, PORQUE PENSAR TODOS PRECISAR VIVER SINTONIA CONFORTÁVEL.

PESSOA ENCONTRAR DENTRO PRÓPRIO PERFIL 2: LIVRE-NÃO TER AUTONOMIA. TENTAR LIBERDADE, MAS MEDO.

1 - VONTADE PRÓPRIA, SEGUNDO ACOSTUMAR VIVER SOFRER. PERFIL

2 - COMEÇAR CONFLITO. DÚVIDA SE SIMULTÂNEO OU ESCOLHER QUAL.

Disponível em: <https://youtu.be/P1aDSLlqCdU>

rem opções. Entre serem espectadores ou autores. Entre atuarem ou terem a ilusão de que atuam na atuação dos opressores. Entre dizerem a palavra ou não terem voz, castrados no seu poder de criar e recriar, no seu poder de transformar o mundo.

Êste é o trágico dilema dos oprimidos, que a sua pedagogia tem de enfrentar.

A libertação, por isto, é um parto. E um parto doloroso. O homem que nasce dêste parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores-oprimidos, que é a humanização de todos.

A superação da contradição é o parto que traz ao mundo êste homem novo – não mais opressor, não mais oprimido, mas homem libertando-se.

Esta superação não pode dar-se, porém, em termos puramente idealistas. Se se faz indispensável aos oprimidos, para a luta por sua libertação, que a realidade concreta de opressão já não seja para êles uma espécie de “mundo fechado” (em que se gera o seu medo da liberdade) do qual não pudessem sair, mas uma situação que apenas os limita e que êles podem transformar, é fundamental, então, que, ao reconhecerem o limite que a realidade opressora lhes impõe, tenham, neste reconhecimento, o motor de sua ação libertária.

Vale dizer, pois, que reconhecer-se limitados pela situação concreta de opressão, de que o falso sujeito, o falso “ser para si”, é o opressor, não significa ainda a sua libertação. Como contradição do opressor, que tem neles a sua razão, como disse Hegel,⁹ somente superam a contradição em que

SEGUIR REGRA OU ESCOLHER? AUTONOMIA OU OBEDECER? EU PENSAR OU EU FAZER IGUAL PASSADO ACOSTUMAR? MILITAR (LUTAR) OU CONTINUAR ACOSTUMAR? CONTINUAR CALADO OU DESPERTAR, A-G-I-R?

TODAS DÚVIDAS PRÓPRIA PESSOAS OPRIMIDAS PRECISAR SUPERAR.

PESSOA CONSEGUIR ADQUIRIR TOTAL LIBERDADE IGUAL MÃE SOFRER PARTO. LIMPAR MENTE TAMBÉM MULHER SOFRER, NASCER HOMEM LIMPO CULTURA PORQUE VENCER CULTURA SOFRER, MOSTRAR TODOS IGUAIS.

VENCER PROBLEMA IGUAL PARTO, HOMEM MENTE LIMPA IGUAL BEBÊ. OPRIMIDAS NÃO, OPRESSOR NÃO, HOMEM LIMPO PORQUE ESQUECER CULTURA.

PESSOA CONSEGUIR-NÃO VENCER SE CONTINUAR FIRME IDEIA ÚNICA. PRECISAR TODOS PARTICIPAR LIBERDADE ACONTECER IGUAL FOCO TODOS. MOMENTO OPRESSÃO IGUAL FECHAR (TAPAR) OLHOS (PORQUE TER MEDO OLHAR (ATENÇÃO) LIBERDADE, VIVER OBEDECER SEMPRE, OPRIMIDAS PENSAR PERFIL SIMPLES, SABER-NÃO DENTRO TER FORÇA (COMO SINAL ÓDIO SURGINDO DENTRO DO PEITO) TRANSFORMAR MUNDO. PRECISAR BOAS INFLUÊNCIA COMEÇAR LIBERDADE ADQUIRIR.

IMPORTANTE MOSTRAR MOMENTO PESSOA VIVER PRESO (OLHAR FIXO) INFLUÊNCIA GRUPO OPRESSOR, PESSOA PERFIL FALSO QUERER-NÃO AJUDAR. OPRIMIDA CONSEGUIR LIBERDADE MOMENTO PERCEBER VIVER PRESO (PARADO) POR CAUSA INFLUÊNCIA FALSA AJUDA.

Disponível em: <https://youtu.be/IeyEVmHWNRk>

º “Fenomenologia del Espiritu” – Fondo de Cultura – México.

º F-E-N-O-M-E-N-O-L-O-G-I-A (APONTAR LEGENDA: FRASE EM ESPANHOL).

Disponível em: https://youtu.be/E6d_Ss_ZNA

se acham quando o reconhecer-se oprimidos os engaja na luta por libertar-se. Daí que êste reconhecer-se oprimidos ultrapasse a percepção sensível, experiencial, da opressão e chegue à razão da opressão. Mesmo que esta jamais pudesse existir sem aquela, que sendo humana, como adverte Marx,* é prática.

Não basta saber-se numa relação dialética com o opressor – seu contrário antagônico – descobrindo, por exemplo, que sem êles o opressor não existiria, (Hegel) para estarem de fato liberados.

O mesmo se pode dizer ou afirmar com relação ao opressor, tomado individualmente, como pessoa. Descobrir-se na posição de opressor, mesmo que sofra por êste fato, não é ainda solidarizar-se com os oprimidos. Solidarizar-se com êstes é algo mais que prestar assistência a 30 ou a 100, mantendo-os a todos, contudo, na mesma posição de dependência. Solidarizar-se não é ter a consciência de que explora e “racionalizar” sua culpa paternalistamente. A solidariedade, exigindo de quem se solidariza que “assuma” a situação de com quem se solidarizou, é uma atitude radical.

Se o que caracteriza os oprimidos, como “consciência servil”, submetidos à consciência do senhor, é fazer-se “coisa” e transformar-se, como salienta Hegel, em “consciência para outro”, a solidariedade verdadeira com êles está em com êles lutar para a transformação da realidade objetiva que os faz êste “ser para outro”.

O opressor só se solidariza com os oprimidos quando o seu gesto deixa de ser um gesto piegas e sentimental, de caráter individual, e passa a ser um ato de amor àqueles. Quando, _____

OPRIMIDOS REFLETIR, ANALISAR EXPERIÊNCIA, DEPOIS CONSEGUIR ENTENDER CLARO SIGNIFICADA O-P-R-E-S-S-Ã-O. POR QUE EXISTE O-P-R-E-S-S-Ã-O? PORQUE É PRÁTICA PRÓPRIA.

OPRESSOR TER PORQUE PRECISAR CLASSE SUPERIOR. SE VIVER SOZINHO NÃO TER -SUPERIOR AUTOR (H-E-G-E-L).

OPRESSOR RECONHECER DENTRO TER SENTIMENTO SUPERIOR SIGNIFICAR-NÃO AJUDAR. AJUDAR OPRESSOR MAIS IMPORTANTE AJUDAR 30 OU 100 PESSOAS. AJUDAR SIGNIFICAR-NÃO MOSTRAR PESSOA DEPENDÊNCIA

TER IGUAL PAI. SE OBRIGAR OPRESSORES AJUDAR OUTRO OPRIMIDO SIGNIFICA IGNORANTE.

OPRIMIDOS PENSAR AJUDAR OUTRO IGUAL “C-O-N-S-C-I-Ê-N-C-I-A S-E-R-V-I-L”, PESSOA PENSAR AJUDAR OUTRO IGUAL TRANSFORMAR, PESSOAS CONHECER VERDADEIRO SIGNIFICADO SOLIDARIEDADE PORQUE TER DENTRO TAMBÉM EXPERIÊNCIA.

OPRESSOR PENSA AJUDAR BOBAGEM, MAS SE AMOR ADQUIRIR CONHECER SIGNIFICADO PROFUNDO SOLIDARIEDADE.

Disponível em: <https://youtu.be/ebEjwGqldHw>

para êle, os oprimidos deixam de ser uma designação abstrata e já são os homens concretos, injustiçados e roubados. Roubados na sua palavra, por isto no seu trabalho comprado, que significa a sua pessoa vendida. Só na plenitude dêste ato de amar, na sua existencição, na sua praxis, se constitui a solidariedade verdadeira. Dizer que os homens são pessoa e, como pessoa, são livres, e nada concretamente fazer para que esta afirmação se objective, é uma farsa.

Da mesma forma como é, em uma situação concreta – a da opressão – que se instaura a contradição opressor-oprimidos, a superação desta contradição só se pode verificar objetivamente também.

Daí, esta exigência radical, tanto para o opressor que se descobre opressor; quanto para os oprimidos que, reconhecendo-se contradição daquele, desvelam o mundo da opressão e percebem os mitos que o alimentam – a radical exigência da transformação da situação concreta que gera a opressão.

Parece-nos muito claro, não apenas neste, mas noutros momentos do ensaio que, ao apresentarmos esta radical exigência – a da transformação objetiva da situação opressora – combatendo um imobilismo subjetivista que transformasse o ter consciência da opressão numa especie de espera paciente de que um dia a opressão desapareceria por si mesma, não estamos negando o papel da subjetividade na luta pela modificação das estruturas.

Não se pode pensar em objetividade sem subjetividade. Não há uma sem a outra, que não podem ser dicotomizadas.

A objetividade dicotomizada da subjetividade, a negação desta na análise da realidade ou na ação sôbre ela, é objetivismo. Da mesma forma,

OPRESSOR ENTENDER CLARO PESSOA IGUAL NÃO (NÃO É) O-B-J-E-T-O, TER SENTIMENTO TAMBÉM SENTE INFERIOR. PESSOAS VIVER LESADOS (PERDER) DIREITO. AMAR, PRATICAR, EXPERIÊNCIA, ABRIR MENTE ENTENDER CLARO SIGNIFICADO S-O-L-I-D-A-R-I-E-D-A-D-E VERDADEIRA. SÓ FALAR PESSOA LIVRE E FAZER NADA, MOSTRAR SÓ OPINIÃO.

IGUAL OPRESSOR PRECISAR TER CONSCIÊNCIA, OPRIMIDO TAMBÉM PRECISA TER OBJETIVO.

MOMENTO OPRESSOR DESCOBRIR PERFIL SUPERIOR, TAMBÉM OPRIMIDO DESCOBRIR SENTIR PRESO, MOSTRAR DEPENDÊNCIA, OBRIGAR CORTAR VÍNCULO MOSTRA INFLUÊNCIA FORTE OU OPRESSÃO.

ENTENDER CLARO OBRIGAR TRANSFORMAÇÃO TAMBÉM EVITAR DEPENDÊNCIA SIGNIFICA TRANSFORMAR MENTE PRECISAR ESPERAR, DEPENDÊNCIA ACABAR, MAS PRECISAR CONTINUAR MILITAR MUDAR ESTRUTURA.

PODER-NÃO PENSAR FOCO SE NÃO DESCONFIAR. OBJETIVO SOZINHO NÃO, SEMPRE OBJETIVO ATRÁS DESCONFIAR.

OBJETIVO JUNTO DESCONFIAR, SE ACEITAR-NÃO SIGNIFICA O-B-J-E-T-I-V-I-S-M-O.

Disponível em: https://youtu.be/uxVoUcX_k8U

a negação da objetividade, na análise como na ação, conduzindo ao subjetivismo que se alonga a posições solipsistas, nega a ação mesma, por negar a realidade objetiva, desde que essa passa a ser criação da consciência. Nem objetivismo, nem subjetivismo ou psicologismo, mas subjetividade e objetividade, simplesmente opostas entre si mas numa permanente dialeticidade.

Confundir subjetividade com subjetivismo, com psicologismo e negar-lhe a importância que tem no processo de transformação do mundo, da história, é cair num simplismo ingenuo. É admitir o impossível: um mundo sem homens, tal qual a outra ingenuidade, a do subjetivismo, que implica homens sem mundo.

Não há um sem os outros, mas ambos em permanente interação.

Em Marx, como em nenhum pensador crítico, realista, jamais se encontrará esta dicotomia. O que Marx criticou e cientificamente destruiu não foi a subjetividade, mas o subjetivismo, o psicologismo.

A realidade social, objetiva, que não existe por acaso, mas como produto da ação dos homens, também não se transforma por acaso. Se os homens são os produtores desta realidade e se esta, na “inversão da praxis”, se volta sobre eles e os condiciona, transformar a realidade opressora é tarefa histórica, é tarefa dos homens.

Ao fazer-se opressora, a realidade implica na existência dos que oprimem e dos que são oprimidos. Êstes, a quem cabe realmente lutar por sua libertação juntamente com os que com eles em verdade

TAMBÉM ACEITAR-NÃO O-B-J-E-T-I-V-I-D-A-D-E COMEÇAR (SURGIR) OUTRA IDEIA INDIVIDUAL, SE ACEITAR-NÃO O-B-J-E-T-I-V-I-D-A-D-E SIGNIFICA CRIAÇÃO PRÓPRIA MENTE. OBEDECER-NÃO PADRÃO, EGOÍSMO NÃO, INFLUENCIAR MENTE NÃO S-U-J-E-T-I-V-I-D-A-D-E TAMBÉM OBJETIVIDADE OPOSTAS, MAS SIMULTÂNEO.

PENSAR S-U-B-J-E-T-I-V-I-D-A-D-E IGUAL S-U-B-J-E-T-I-V-I-S-M-O TAMBÉM P-S-I-C-O-L-O-G-I-S-M-O (MARCAR ESPAÇO DOS 3) MISTURAR-NÃO, ACEITAR 3 DIFERENTES OU SE PENSAR 3 IGUAIS PESSOA (ENTENDER-NÃO) INGÊNUO. SE PENSAR IGUAL SIGNIFICA PENSAR IMPOSSÍVEL ACONTECER

SEMPRE, ACREDITAR MUNDO VIVER TER-NÃO HUMANO OU HUMANO NÃO VIVER DENTRO DO MUNDO.

MUNDO NÃO PESSOA ÚNICA, MUNDO PESSOAS INTERAGIR SEMPRE.

AUTOR M-A-R-X ÚNICO HOMEM PENSADOR CRÍTICO (OPINAR), ACREDITAR-NÃO SIMULTÂNEO IDEIAS. HOMEM PENSADOR DESPREZAR EGOÍSMO TAMBÉM INFLUENCIA MENTE, FOCA OBEDECER PADRÃO.

MOMENTO HOMEM VIVER, ESPAÇO SOCIAL, SURGIR NÃO INÚTIL. SE PESSOAS ACREDITAR MOMENTO DIFERENTE, POR TRÁS COMEÇAR PENSAR OPRESSÃO PRÓPRIA HISTÓRIA TAMBÉM RESPONSABILIDADE PRÓPRIA PESSOAS.

SE ACREDITAR O-P-R-E-S-S-Ã-O SURGIR, COMEÇAR DEFENDER PRECISAR SURGIR GRUPO 2: OPRIMIDOS TAMBÉM OPRESSORES PESSOAS ESFORÇAR TER LIBERDADE JUNTO PESSOAS AJUDAR JÁ, PRECISAR COMEÇAR ABRIR MENTE CONSCIÊNCIA CRÍTICA ACONTECER OPRESSÃO.

Disponível em: https://youtu.be/_-0T1WakxE

se solidarizam, precisam ganhar a consciencia crítica da opressão, na praxis desta busca.

Êste é um dos problemas mais graves que se põem à libertação. É que a realidade opressora, ao constituir-se como um quase mecanismo de absorção dos que nela se encontram, funciona como uma força de imersão das consciências.¹⁰

Neste sentido, em si mesma, esta realidade é funcionalmente domesticadora. Libertar-se de sua força exige, indiscutivelmente, a emersão dela, a volta sobre ela. Por isso é que, só através da praxis autêntica, que não sendo bla-bla-bla nem ativismo, mas ação e reflexão, é possível fazê-lo.

“Hay que hacer la opresión real todavia más opresiva añadiendo a aquélla la conciencia de la opresión, haciendo la infamia todavia más infamante, al pregonarla.”¹¹

Êste fazer “a opressão real ainda mais opressora, acrescentando-lhe a consciência da opressão”, a que Marx se refere, corresponde à relação dialética subjetividade-objetividade. Sòmente na sua solidariedade, em que o subjetivo constitui com o objetivo uma unidade dialética, é possível a praxis autêntica.

A praxis, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimidos.

Desta forma, esta superação exige a inserção crítica

LIBERTAÇÃO PROCESSO, DENTRO DE TER PROBLEMA GRAVE:
(APONTAR LEGENDA: ABSORÇÃO NATURAL OU AUTÔNOMA).

ESTUDO MOSTRAR ACONTECER NATURAL. LIBERDADE SIGNIFICA SUPERAR, POR CAUSA SOMENTE DEPOIS EXPERIÊNCIA-NÃO SÓ MILITAR (LUTAR), MAS IMPORTANTE SABER PRECISAR REFLEXÃO PODER ACONTECER AQUISIÇÃO.

(APONTAR LEGENDA: TEXTO ESPANHOL)

OPRESSÃO AUMENTAR SE ADQUIRIR CONSCIÊNCIA OPRESSORA. M-A-R-X EXPLICA SIMULTÂNEA DESCONFIAR JUNTO SOLIDARIEDADE CONSEGUE TER EXPERIÊNCIA.

P-R-À-X-I-S SIGNIFICA RESPONSABILIDADE HOMEM TER CONSEGUIR TRANSFORMAR MUNDO. SE TER-NÃO, IMPOSSÍVEL O-P-R-I-M-I-D-O GRUPO O-P-R-E-S-S-O-R SEPARAR .

ENTÃO, OPRIMIDOS PRECISAR ANALISAR SIMULTÂNEO INFLUÊNCIA.

Disponível em: <https://youtu.be/HZPUNiIjOec>

¹⁰ A ação dominadora, entretanto, não supõe esta dimensão com a mesma necessariedade, pois a própria funcionalidade mecânica e inconsciente da estrutura é mantenedora de si mesma e, portanto, da dominação.” De um trabalho inédito de José Luiz Fiori, a quem o autor agradece a possibilidade da citação.

¹⁰A-Ç-Ã-O LIBERDADE PRECISAR MOMENTO CONSCIENTE TAMBÉM VONTADE, PROLONGANDO(FAZER O SINAL PARA FRENTE)SEMPRE. AÇÃO DOMINAR NÃO TER CONSCIENCIA PROCESSO, PORQUE JÁ ACOSTUMAR ESTRUTURA HISTÓRICA. AUTOR: J-O-S-É L-U-I-Z F-I-O-R-I AGRADEÇO POSSIBILIDADE CITAR.

¹¹ Marx, Engels – “La Sagrada Familia y otros escritos” – Grijalbo Editor – S.A. México – 1961 – pag.6 – o grifo é nosso.

¹¹ (LEGENDA FRASE ESPANHOL)

Disponível em: <https://youtu.be/mMdeNuBZY>

dos oprimidos na realidade opressora, com que, objetivando-a, simultaneamente atuam sobre ela.

Por isto é que, inserção crítica e ação já são a mesma coisa. Por isto também é que o mero reconhecimento de uma realidade que não leve a esta inserção crítica – ação já – não conduz a nenhuma transformação da realidade objetiva, precisamente porque não é reconhecimento verdadeiro.

Êste é o caso de um “reconhecimento” de caráter puramente subjetivista, que é antes o resultado da arbitrariedade do subjetivista o qual, fugindo da realidade objetiva, cria uma falsa realidade em si mesmo. E não é possível transformar a realidade concreta na realidade imaginária.

É o que ocorre, igualmente, quando a modificação da realidade objetiva fere os interesses individuais ou de classe de quem faz o reconhecimento.

No primeiro caso, não há inserção crítica na realidade, porque esta é fictícia; no segundo, porque a inserção contradiria os interesses de classe do reconhecedor.

A tendência dêste é, então, comportar-se neuròticamente. O fato existe, mas é preciso que não exista. Daí que seja necessário, numa indiscutível “racionalização”, não pròpriamente negá-lo, mas vê-lo de forma diferente. A “racionalização”, como um mecanismo de defesa, termina por identificar-se com o subjetivismo. Ao não negar o fato, mas ao fazer a “racionalização” das verdades do fato, êste “perde” ou dele se retira a base objetiva. Deixa de ser êle concretamente e passa a ser um mito criado para a defeza da classe do que fêz o reconhecimento que se torna falso.

I-N-S-E-R-Ç-Ã-O C-R-I-T-I-C-A TAMBÉM AÇÃO (ACONTECER) IGUAIS. SE CONHECER SOCIAL, MAS TER-NÃO EXPERIÊNCIA, MOSTRAR QUE CONHECIMENTO VERDADEIRO-NÃO.

CONHECER SIMPLES, TER-NÃO PROFUNDO MOSTRAR EXEMPLO S-U-B-J-E-T-I-V-I-S-T-A SIGNIFICAR DESCONFIAR, FINGINDO CONHECER PROFUNDO. PODER-NÃO TRANSFORMAR VIDA PORQUE SOMENTE ILUSÃO.

SE INSULTAR GRUPO IDEIAS DIFERENTES PESSOA OU GRUPO, SIGNIFICAR GRUPO UNIDO NADA .

MOMENTO 1 TER-NÃO INSERÇÃO PORQUE SOMENTE PENSAMENTOS, MOMENTO 2 PORQUE PESSOA PRECISA ENTENDER CLARO ESCOLHER.

PESSOA COMEÇAR TER COMPORTAMENTO ALEATÓRIO. ACONTECER, MAS ANTES PODER EVITAR. PRECISAR REFLETIR ENTENDER R-A-C-I-O-N-A-L-I-Z-A-Ç-Â-O, ANALISAR MOSTRAR IDEIA DIFERENTE. SE PESSOA ANALISA MOSTRAR DEFESA PORQUE DESCONFIA. SE ACEITAR-NÃO PONTOS, MAS SE ANALISAR PONTOS PERDER FOCO. COMEÇAR MOSTRAR PERFIL DIFERENTE, MITO TRANSFORMAR MATERIAL DEFESA PRÓPRIO FALSO.

Disponível em: <https://youtu.be/5v2snGuFMdo>

Assim, mais uma vez, é impossível a inserção crítica, que só existe na dialeticidade objetividade-subjetividade.

Aí está uma das razões para a proibição, para as dificuldades – como veremos no último capítulo dêste ensaio – no sentido de que as massas populares cheguem a “inserir-se”, criticamente, na realidade.

É que o opressor sabe muito bem que esta inserção crítica das massas oprimidas, na realidade opressora, em nada pode interessar a êle opressor. O que lhe pode interessar é a permanência delas em seu estado de imersão.

Apesar de haver Lucáks afirmado que “o reconhecimento de um fato ou de uma tendencia como existentes não deve ser reconhecido como realidade determinante da ação”, afirmou também que... “êle (o partido) deve, para empregar as palavras de Marx, explicar às massas sua própria ação, não sòmente para assegurar a continuidade das experiências revolucionárias do proletariado, mas também para ativar conscientemente o desenvolvimento ulterior destas experiências”.¹²

Se a ação se explicasse por si mesma não haveria necessidade de explicar às massas a sua própria ação para, inclusive, “ativar conscientemente o desenvolvimento ulterior destas experiências”.

Ao afirmar esta necessidade, Lucáks coloca a questão da inserção crítica a que nos referimos.

Não se poderia dizer que, ao pôr como um dever do partido revolucionário a necessidade de “explicar às massas a sua própria ação para inclusive ativar

DE NOVO MOSTRAR TER-NÃO SIMULTÂNEA.

MOTIVO TER PROIBIÇÃO, POR CAUSA TER DIFICULDADE – EXPLICAR ÚLTIMO CAPÍTULO – EXPLICAR PESSOAS ENTENDER SIGNIFICA INSERIR DENTRO SOCIAL.

OPRESSOR CONHECER COMO GRUPO OPRIMIDOS VIVER, VIVER OPRIMIDOS, OPRESSOR TER-NÃO INTERESSE. TER INTERESSE GRUPO OPRIMIDOS CONTINUAR QUIETOS (PARADOS) SEMPRE OBEDECENDO. AUTOR L-U-C-Á-K-S EXPLICAR “RECONHECER ACONTECIMENTO OU T-E-N-D-Ê-NC-I-A

VERDADE PODER-NÃO FALAR SEMPRE PORQUE PODER MUDAR.” AUTOR
TAMBÉM EXPLICAR: CONCORDAR HOMEM M-A-R-X EXPLICAR JÁ POSTURA,
NÃO-SÓ CONTINUAR INCENTIVO REVOLUÇÃO, MAS TAMBÉM INCENTIVAR
DESPERTAR PORQUE DEPOIS TER EXPERIÊNCIAS.

SE PESSOAS A-Ç-Ã-O PERCEBER ENTENDER CLARO, TUDO
ACONTECER, PESSOAS CONSCIÊNCIA DESENVOLVER.

SE ASSUMIR RESPONSABILIDADE L-U-C-Á-C-K-S RESUMIR TUDO: I-N-S-
E-R-Ç-Ã-O C-R-Í-T-I-C-A.

CONCORDAR-NÃO RESPONSABILIDADE PRÓPRIA P-A-R-T-I-D-O
EXPLICAR GRUPO ITENS (TÓPICOS) RESPONSABILIDADE PRÓPRIA DELES,
MOSTRAR DESENVOLVIMENTO EXPERIÊNCIAS,

Disponível em: <https://youtu.be/k-iW3SPliVc>

¹²Lucáks, Jorge – “Lénine” – Études Et Documentation Internationales, 29rue Decartes – Paris v[?] –
1965 – pags. 38-39-62. Os grifos são nossos.

¹³LUCÀKS, JORGE. APARECER LEGENDA FRASE EM INGLÊS.

Disponível em: <https://youtu.be/v0S5LFIONMw>

conscientemente o ulterior desenvolvimento das experiências das massas”, Lucáks não estaria propriamente referindo-se ao “reconhecimento de um fato ou de uma tendência como existentes”, capazes de “determinar a ação”. Que estaria simplesmente referindo-se à ação das massas que deveria “ser explicada a elas para que ativassem conscientemente” o futuro desenvolvimento de sua experiência. E não se poderia afirmá-lo na medida em que a ação das massas é um quefazer que não se dá no ar, mas na e sobre a realidade objetiva, como resposta a um desafio, ou a um fato desafiador.

Explicar, portanto, às massas a sua ação é esclarecer e iluminar a ação. É aclarar o fato que a provoca do que deve resultar, na própria afirmação de Lucáks, “ativar conscientemente o desenvolvimento ulterior de suas experiências”. É que não haveria ação humana se não houvesse uma realidade objetiva, um mundo como “não eu” do homem, capaz de desafiá-lo; como também não haveria ação humana se o homem não fosse um “projeto”, um mais além de si, capaz de captar a sua realidade, de conhecê-la para transformá-la.

Num pensar dialético, ação e mundo, mundo e ação, estão intimamente solidários, Mas a ação só é humana quando, mais que um puro fazer, é um quefazer, isto é, quando também não se dicotomiza da reflexão. Esta, necessária à ação, está implícita na exigência que faz Lucáks da “explicação às massas de sua própria ação – como está implícita na finalidade que ele dá a essa explicação – a de “ativar conscientemente o desenvolvimento ulterior da experiência”.

AUTOR L-U-C-Á-K-S ACEITAR-NÃO RECONHECER ACONTECIMENTO SIGNIFICA ACEITAR A-Ç-Ã-O. OPRIMIDO PRECISAR APRENDER “ATIVAR (DESPERTAR) CONSCIÊNCIA DEPOIS TER EXPERIÊNCIA”. PODER-NÃO ACEITAR AÇÃO IGUAL ALGO SIMPLES, MAS ACEITAR REALIDADE PORQUE TER DESAFIO.

EXPLICAR MOTIVO SIGNIFICA ABRIR MENTE. EXPLICAR ACONTECIMENTO COMO SURGIR PROBLEMA CONCORDAR OPINIÃO LUCÁKS “ATIVAR (DESPERTAR) CONSCIÊNCIA DEPOIS TER EXPERIÊNCIA”. SE TER-NÃO CONTATO HUMANO, TAMBÉM TER-NÃO FOCO, SE MUNDO TER-NÃO HOMEM

INFLUÊNCIA NÃO-TER EVOLUÇÃO; SE HOMEM INERTE (FOLGA) IGUAL PROJETO TER-NÃO EVOLUÇÃO, CAPAZ-NÃO TRANSFORMAR.

PENSAR SIMULTÂNEO A-Ç-Ã-O M-U-N-D-O (ME PERGUNTA COMO SINALIZAR) AMBOS AFINIDADE, SÓ PODER ACONTECER VERDADE SE ANTES FAZER REFLEXÃO. POR MOTIVO, LUCÁKS EXPLICAR SEMPRE PRECISAR GRUPO PORQUE IMPORTANTE AÇÃO NATURAL, POR ISSO INSIDE DEPOIS TER EXPERIÊNCIA.

Disponível em: <https://youtu.be/DVwFyf93XMY>

Para nós, contudo, a questão não está em explicar às massas, mas em dialogar com elas sobre a sua ação. O dever que Lucáks reconhece ao partido revolucionário de “explicar às massas a sua ação” coincide, exatamente, com a exigência que fazemos da inserção crítica das massas na sua realidade, pelo fato de nenhuma realidade se transformar a si mesma.¹³

A pedagogia do oprimido, que, no fundo, é a pedagogia dos homens empenhando-se na luta por sua libertação, tem suas raízes aí. E tem que ter, nos próprios oprimidos que se saibam ou comecem criticamente a saber-se oprimidos, um dos seus sujeitos.

Nenhuma pedagogia realmente libertaria pode ficar distante dos oprimidos, quer dizer, pode fazer deles seres desditados, objetos de um “tratamento” humanitarista, para tentar, através de exemplos retirados de entre os opressores, modelos para a sua “promoção”. Os oprimidos não de ser o exemplo para si mesmos, na luta por sua redenção.

A pedagogia do oprimido, que busca a restauração da intersubjetividade, se apresenta como pedagogia do Homem. Somente ela, que se anima de generosidade autêntica, humanista e não “humanitarista”, pode alcançar este objetivo. Pelo contrario, a pedagogia que, partindo dos interesses egoístas dos opressores, egoísmo camuflado de falsa generosidade, faz dos oprimidos objetos de seu humanitarismo, mantém e encarna a própria opressão. É instrumento de desumanização.

NÓS FOCAR-NÃO SÓ EXPLICAR GRUPOS, MAS TAMBÉM EXPLICAR AÇÃO NATURAL. OPINIÃO LUCÁKS IGUAL IDEIA INCLUSÃO, PORQUE EVOLUÇÃO NÃO PARAR, SEMPRE TRANSFORMAR.

TEMA (APONTAR LEGENDA: PEDAGOGIA DO OPRIMIDO) ATRÁS MOSTRAR HOMEM MILITAR (LUTAR) LIBERDADE ADQUIRIR TER ESTRUTURA IGUAL. DENTRO GRUPO OPRIMIDOS PRECISAR COMEÇAR AUTO-REFLEXÃO.

SE PEDAGOGIA FOCO ESTUDO L-I-B-E-R-T-Á-R-I-A DESPREZAR-NÃO OPRIMIDO, PORQUE NÃO-É OBJETO. OPRIMIDOS ANALISAR DEPOIS ENTENDER CONSEGUIR ABRIR MENTE.

SE PEDAGOGIA DO OPRIMIDO TENTAR RELAÇÃO HOMEM TAMBÉM OBJETO PORQUE TER FOCO HOMEM, SE OBEDECER CONSEGUIR DISSEMINAR GENEROSIDADE NATURAL PRÓPRIO CONSCIÊNCIA. MAS, SE ESTUDAR

PEDAGOGIA TER FOCO FALSA SOLIDARIEDADE ATRÁS EGOÍSMO HOMEM
TRANSFORMAR OBJETO SEMPRE VIVER OPRESSÃO.

Disponível em: https://youtu.be/2_n2DhCcfy0

Esta é a razão pela qual, como já afirmamos, esta pedagogia não pode ser elaborada nem praticada pelos opressores.

Seria uma contradição se os opressores, não só defendessem, mas praticassem uma educação libertaria.

Se, pois, a prática desta educação implica no poder político e se os oprimidos não o têm, como então realizar a pedagogia do oprimido antes da reforma das estruturas?

Esta é, sem dúvida, uma indagação da mais alta importância, cuja resposta nos parece encontrar-se mais ou menos clara no último capítulo deste ensaio.

Ainda que não queiramos antecipar-nos, poderemos, contudo, afirmar que um primeiro aspecto desta indagação se encontra na distinção entre educação sistemática, a que só pode ser cambiada com o poder e os trabalhos educativos que devem ser realizados com os oprimidos, no processo de sua organização.

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertaria, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e comprometendo-se, na praxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação.

Em qualquer destes momentos, será sempre a ação profunda, através da qual se enfrentará, culturalmente, a cultura da dominação. No primeiro momento, por meio da mudança da percepção do mundo opressor por parte dos oprimidos; no segundo, pela expulsão dos mitos criados e desenvolvidos na estrutura opressora e que se preservam como espectros míticos, na estrutura nova que surge da transfor-

POR MOTIVO ESTE ESTUDO PODER-NÃO OPRESSORES ORGANIZAR.

IDEIA CONTRÁRIA SE OPRESSOR PRATICAR TAMBÉM DEFENDER LIBERDADE.

SE OPRESSOR TER-NÃO FORÇA, TER-NÃO PODER, COMO PEDAGOGIA CONSEGUIR REFORMAR (TRANSFORMAR) ESTRUTURA?

PERGUNTA INTERESSANTE TAMBÉM IMPORTANTE, ÚLTIMO CAPÍTULO EXPLICAR RESPOSTA CLARA.

NÃO EXPLICAR AGORA, MAS RESUMO SIMPLES QUE PONTO 1 TER RELAÇÃO (APONTAR LEGENDA: EDUCAÇÃO SISTEMÁTICA), SÓ TER SUCESSO SE CONTATO TRABALHOS EDUCATIVOS JUNTO OPRESSORES

PEDAGOGIA DO OPRIMIDO FOCO ESTUDAR HOMEM TAMBÉM LIBERDADE, TER 2 MOMENTOS. PRIMEIRO: OPRESSORES COMEÇAR ABRIR MENTE PERCEBER COMPORTAMENTO, SEGUNDO: DEPOIS CONSEGUIR TRANSFORMAR REALIDADE, ESTUDO COMEÇA DISSEMINAR TAMBÉM TENTAR SEMPRE FOCAR PROCESSO SEMPRE LIBERDADE.

2 MOMENTOS SEMPRE TER CULTURA SUPERIOR. PRIMEIRO PORQUE GRUPO OPRIMIDO CONSEGUIR MUDAR MENTE OPRESSOR; SEGUNDO: PORQUE LIMPAR CULTURA OPRESSÃO ACABAR MENTIRA, TRANSFORMAÇÃO SURGIR.

Disponível em: <https://youtu.be/BIsPCMclesU>

mação.

No primeiro momento, o da pedagogia do oprimido, estamos frente ao problema da consciência oprimida como ao da consciência opressora; dos homens opressores e dos homens oprimidos, em uma situação concreta de opressão. Frente ao problema de seu comportamento, de sua visão do mundo, de sua ética. Frente à dualidade dos oprimidos. E é como seres duais, contraditórios, divididos, que temos de encará-los. A situação de opressão, de violência em que se “formam”, em que “realizam” sua existência, os constitui nesta dualidade.

Tôda situação em que, nas relações objetivas entre “A” e “B”, “A” explore a “B”, em que “A” obstaculize “B” na sua busca de afirmação como pessoa, como sujeito, é opressora. Esta situação, implicando no estrangulamento desta busca, é, em si mesma, uma violência. E violência, não importa que muitas vezes adocicada pela generosidade falsa a que já nos referimos, porque fere a ontológica e histórica vocação dos homens – a do Ser Mais.

Estabelecida a relação opressora, está inaugurada a violência. Daí que jamais tenha sido esta, até hoje na história, deflagrada pelos oprimidos.

Como poderiam os oprimidos dar início à violência, se eles são o resultado de uma violência?

Como poderiam ser os promotores de algo que, ao instaurar-se objetivamente, os constitui?

ANÁLISE ANTERIOR: PEDAGOGIA OPRIMIDO ACONTECER MOTIVO CONSCIÊNCIA OPRESSOR, GRUPO OPRESSORES TAMBÉM OPRIMIDOS JUNTOS (UNIDOS). POR CAUSA CULTURA TAMBÉM PERSPECTIVA, TAMBÉM POR CAUSA ÉTICA. OPRIMIDOS TER PERFIL 2: 1-OPINIÕES DIFERENTES, MAS PRECISA ORGANIZAR MENTE, 2-TER VIOLÊNCIA SURGIR EVOLUÇÃO.

SE AQUELE GRUPO PRECISAR SENTIR SUPERIOR TER OPRESSÃO. SIGNIFICA VIOLÊNCIA. SE TER VIOLÊNCIA JUNTO FALSA AJUDA, MOSTRAR MARCA TRADIÇÃO TAMBÉM HISTÓRIA, JÁ EXPLICADO – SENTIR SUPERIOR.

SE TER CLASSE SUPERIOR TER VIOLÊNCIA.

COMO OPRIMIDO ATACAR SE NÃO TER FORÇA?

COMO CRIAR ALGO JÁ PRONTO DENTRO SI?

Disponível em: <https://youtu.be/puNI3dY4bGg>

Não haveria oprimidos, se não houvesse uma relação de violência que os conforma como violentados, numa situação objetiva de opressão.

Inauguram a violência os que oprimem, os que exploram, os que não se reconhecem nos outros; não os oprimidos, os explorados, os que não foram reconhecidos pelos que os oprimiram como outro.

Inauguram o desamor, não os desamados, mas os que não amaram, porque apenas se amaram.

Os que inauguram o terror não são os débeis, que a êle são submetidos, mas os violentos que, com seu poder, criam a situação concreta em que se geram os demitidos da vida, os esfarrapados do mundo.

Quem inaugura a tirania não são os tiranizados, mas os tiranos.

Quem inaugura o ódio não são os odiados, mas os que primeiro odiaram.

Quem inaugura a negação dos homens não são os que tiveram a sua humanidade negada, mas os que a negaram, negando também a sua.

Quem inaugura a fôrça não são os que se tornaram fracos sob a robustez dos fortes, mas os fortes que os debilitaram.

Para os opressores, porém, na hipocrisia de sua “generosidade”, são sempre os oprimidos, que êles jamais òbviamente chamam de oprimidos, mas, conforme se situem, interna ou externamente, de “essa gente” ou de “essa massa cega e invejosa”, ou de “selvagens”, ou de “nativos”, são sempre os oprimidos os que

SÓ TER MOMENTO VIOLÊNCIA OPRESSÃO

PORQUE TER RELAÇÃO 2: OPRIMIDO TAMBÉM OPRESSOR.

VIOLÊNCIA TER DENTRO: OPRESSOR GOSTAR VIOLÊNCIA, OPRIMIDO TAMBÉM PESSOA CONCORDAR-NÃO TER VIOLÊNCIA DENTRO; OPRIMIDO PERFIL OUTRO, PERFIL PESSOA SUGADA PORQUE IGUAL OBJETO.

DESCOBRIR D-E-S-A-M-O-R (AMOR DIMINUIR) OU PESSOA TER-NÃO EMPATIA, PORQUE PESSOAS AMAR-NÃO OUTRO, SÓ OLHAR DENTRO SI.

OPRESSOR INFLUENCIAR T-E-R-R-O-R PESSOAS FRACO NÃO, VIOLENTO SIM POR CAUSA TER PODER. TER ESTRATÉGIA PORQUE PESSOAS DEPENDER.

OPRESSÃO COMEÇAR MOMENTO PESSOA PERFIL T-I-R-A-N-O COMEÇAR INFLUÊNCIA, OPRESSÃO COMEÇAR-NÃO POR CAUSA GRUPO OPRIMIDO

ÓDIO COMEÇAR MOMENTO PESSOA TER ÓDIO, NÃO OPRIMIDO ÓDIO.

PESSOA PERDER CARÁTER NÃO SER PESSOA VIVER ABAIXO, MAS SIM PESSOA SENTIR SUPERIOR.

PESSOA TER-NÃO FORÇA PESSOA PESSOA COMEÇAR SUGAR FORÇA OUTRO, MAS PESSOA INFLUENCIA NÃO-CRESCER.

GRUPO OPRESSORES AJUDAR GENEROSIDADE ATRÁS FALSA AJUDA, PRECISAR AJUDAR GRUPO OPRIMIDOS, MAS GRUPO OPRESSORES A-P-E-L-I-D-A-R GRUPO OPRIMIDOS “PESSOAS INVEJA TER” OU DESPREZAR PORQUE INÚTIL (FAZER NADA).

Disponível em: <https://youtu.be/ZcrAHKOFW5Q>

desamam. São sempre eles os “violentos”, os “bárbaros”, os “malvados”, os “ferozes”, quando reagem à violência dos opressores.

Na verdade, porém, por paradoxal que possa parecer, na resposta dos oprimidos à violência dos opressores é que vamos encontrar o gesto de amor. Consciente ou inconscientemente, o ato de rebelião dos oprimidos, que é sempre tão ou quase tão violento quanto a violência que os cria, êste ato dos oprimidos, sim, pode inaugurar o amor.

Enquanto a violência dos opressores faz dos oprimidos homens proibidos de ser, a resposta dêstes à violência daqueles se encontra infundida do anseio de busca do direito de ser.

Os opressores, violentando e proibindo que os outros sejam, não podem igualmente ser; os oprimidos, lutando por ser, ao retirar-lhes o poder de oprimir e de esmagar, lhes restauram a humanidade que haviam perdido no uso da opressão.

Por isto é que, sòmente os oprimidos, libertando-se, podem libertar aos opressores. Êstes, enquanto classe que oprime, nem libertam, nem se libertam.

O importante, por isto mesmo, é que a luta dos oprimidos se faça para superar a contradição em que se acham. Que esta superação seja o surgimento do homem novo – não mais opressor – não mais oprimido, mas homem libertando-se. Precisamente porque, se sua luta é no sentido de fazer-se Homem, que estavam sendo proi-

SEMPRE FALAR QUE GRUPO OPRIMIDO TER-NÃO AMOR. SE GRUPO OPRIMIDO TENTAR MILITAR (LUTAR) PORQUE QUER TER LIBERDADE, SÃO VIOLENTOS, COVARDES, MAU TAMBÉM RAIVOSOS.

PARECER CONTRÁRIO, MAS ANALISAR VIDA OPRIMIDO NÓS PERCEBER AMOR TER. TALVEZ CLARO OU ESCONDIDO, OPRIMIDOS QUERER TER LIBERDADE PRECISAR MILITAR VIOLÊNCIA IGUAL OPRESSORES FAZER, MAS MOMENTO OPRIMIDOS MOSTRAR SIGNIFICAR AMOR NASCER.

OPRESSORES TER VIOLÊNCIA DENTRO MAS NÃO IGUAL. OPRIMIDOS PRECISAR VIOLÊNCIA, MAS MOMENTO PERCEBER VIOLÊNCIA DIMINUIR SENTIR DENTRO CARÁTER SURGIR, DISSEMINAR (ESPALHAR) H-U-M-A-N-I-D-A-D-E.

POR CAUSA SOMENTE PESSOAS VIVER SOFRER PODER AJUDAR LIBERDADE OPRESSORES. GRUPO OPRESSORES VIVER PRESO PORQUE CAPAZ-NÃO LIBERTAR.

GRUPO OPRIMIDOS PRECISAR MILITAR (LUTAR) TRANSFORMAR MENTE. PESSOA CONSEGUIR TRANSFORMAR MENTE – ACABAR GRUPO OPRESSORES – TER-NÃO OPRIMIDO, TODOS LIBERDADE. PORQUE SE MILITAR (LUTAR) MOSTRAR CARÁTER PESSOA PRECISA TER, PORQUE PESSOA CONSEGUIR-NÃO MOSTRAR PERFIL, CONSEGUIR-NÃO PORQUE ENTENDER-NÃO CLARO RELAÇÃO DOIS GRUPO.

Disponível em: <https://youtu.be/hZsNI5d4ECM>

bidos de ser, não o conseguirão se apenas invertem os termos da contradição. Isto é, se apenas mudam de lugar, nos polos da contradição.

Esta afirmação pode parecer ingenua. Na verdade, não o é.

Reconhecemos que, na superação da contradição opressores-oprimidos, que somente pode ser tentada e realizada por êstes, está implícito o desaparecimento dos primeiros, enquanto classe que oprime. Os freios que os antigos oprimidos devem impor aos antigos opressores para que não voltem a oprimir não são opressão daqueles a êstes. A opressão só existe quando se constitui em um ato proibitivo do ser mais dos homens.

Os oprimidos de ontem, que detêm os antigos opressores na sua ânsia de oprimir, estarão gerando, com seu ato, liberdade, na medida em que, com êle, evitam a volta do regime opressor. Um ato que proíbe a restauração dêste regime não pode ser comparado com o que o cria e mantém; não pode ser comparado com aquele através do qual alguns homens negam às maiorias o direito de ser.

No momento, porém, em que o novo poder se enrigesse em “burocracia” dominadora, se perde a dimensão humanista da luta e já não se pode falar em libertação.

Daí, a afirmação anteriormente feita, de que a superação autêntica da contradição opressores-oprimidos não está na pura troca de lugar, ou na passagem de um polo a outro. Mais ainda: não está em que os oprimidos de hoje, em nome de sua libertação, passem a ter novos opressores.

Mas o que ocorre, ainda quando a superação da contradição se faça em termos autênticos, com

SOMENTE MUDAR OPINIÃO, MAS GRUPOS CONCORDAR-NÃO.

EXPLICAR IGUAL PARECER SIMPLES OU TER-NÃO ESSÊNCIA, MAS TER SIM.

PERCEBER SE GRUPOS (DOIS GRUPOS) VÍNCULO CORTAR SE OPRESSOR PERCEBER CARÁTER OPRIMIDOS. ELES OPRIMIDOS PRECISAR-NÃO MOSTRAR HISTÓRIA OPRESSÃO. PORQUE OPRESSÃO ACONTECER SE TER PESSOA OBRIGAR OU PROIBIR.

OPRIMIDO JÁ CONSEGUIR LIBERDADE TER VONTADE OPRIMIR OPRESSORES, OPRIMIDOS MOMENTO MILITAR (LUTAR) MOSTRAR GRUPO SIGNIFICADO LIBERDADE PORQUE MILITAR (LUTAR) ACEITAR-NÃO REGRA MANDAR. MILITAR (LUTAR) NÃO-É

IGUAL SENTIR SUPERIOR, PORQUE REGRA ANTES ESCONDER DIREITO, AGORA TODOS IGUAIS.

SE FOCAR SOMENTE MILITAR (LUTAR) SEMPRE PERDER ESSÊNCIA CARÁTER PESSOA HUMANA.

POR CAUSA AGORA EXPLICAR IGUAL ANTES, SUPERAR OU VENCER IGUAL NÃO SUPERIOR, PORQUE SE GRUPO SENTIR SUPERIOR ACONTECER IGUAL ANTES, TER OPRIMIDOS TAMBÉM OPRESSORES, SÓ TROCAR LUGAR MAS CONTINUAR IGUAL.

Disponível em: <https://youtu.be/kiXybRHI0EE>

a instalação de uma nova situação concreta, de uma nova realidade inaugurada pelos oprimidos que se libertam, é que os opressores de ontem não se reconheçam em libertação. Pelo contrário, vão sentir-se como se realmente estivessem sendo oprimidos. É que, para eles, “formados” na experiência de opressores, tudo o que não seja o seu direito antigo de oprimir, significa opressão a eles. Vão sentir-se, agora, na nova situação, como oprimidos, porque, se antes podiam comer, vestir, calçar, educar-se, passear, ouvir Beethoven, enquanto milhões não comiam, não calçavam, não vestiam, não estudavam nem tampouco passeavam, quanto mais podiam ouvir Beethoven, qualquer restrição a tudo isto, em nome do direito de todos, lhes parece uma profunda violência a seu direito de pessoa. Direito de pessoa que, na situação anterior, não respeitavam nos milhões de pessoas que sofriam e morriam de fome, de dor, de tristeza, de desesperança.

É que, para eles, pessoa humana são apenas eles. Os outros, estes são “coisas”. Para eles, há um só direito – o seu direito de viverem em paz, ante o direito de sobreviverem, que talvez nem sequer reconheçam, mas somente admitam aos oprimidos. E isto, ainda, porque, afinal, é preciso que os oprimidos existam, para que eles existam e sejam “generosos”...

HOJE CONTINUA OCORRE (ACONTECER), SE AINDA-NÃO VENCER C-O-N-T-R-A-D-I-Ç-Ã-O VERDADEIRAMENTE, ANTES OPRIMIDOS AGORA ADQUIRIR JÁ LIBERDADE SURGIR OUTRO PROBLEMA PORQUE AINDA CONSCIÊNCIA ACEITAR-NÃO L-I-B-E-R-T-A-Ç-Ã-O. SENTIR COMO OPRIMIDOS VERDADE. PORQUE GRUPO JÁ “FORMADOS” ACOSTUMAR SEMPRE OPRESSORES, SE DIFERENTE ANTES PORQUE AGORA PODER-NÃO OPRIMIR, AGORA SENTIR OPRIMIDOS. MOMENTO GRUPO OPRESSORES PERCEBER MUDAR COSTUME: ANTES COMER, VESTIR, CALÇAR, EDUCAR, AUTONOMIA ESCOLHER VONTADE, GRUPO DIFERENTE TER-NÃO NADA: COMER-NÃO, VESTIR-NÃO, CALÇAR-NÃO, EDUCAR-NÃO, NÃO-TER DIREITO ESCOLHER NADA PORQUE AGORA TODOS IGUAIS, OPRESSORES ENTENDER TRANSFORMAR OPRIMIDO OU OPRIMIDO.

PORQUE FOCAR PESSOA HUMANA SOMENTE SI PRÓPRIO. OUTRAS PESSOAS IGUAIS OBJETOS. PENSAR TER SOMENTE DIREITO VIVER PAZ,

TRANQUILO OPRIMIDOS PRECISAR TENTAR VIVER. TAMBÉM PENSAR
PRECISAR TER OPRIMIDOS PORQUE MOSTRAR AJUDAR ATRÁS FALSA.

Disponível em: <https://youtu.be/1BBASd0D3y0>

Esta maneira de assim proceder, de assim compreender o mundo e os homens [que necessariamente os faz reagir à instalação de um novo poder] explica-se, como já dissemos, na experiência em que se constituem como classe dominadora.

Em verdade, instaurada uma situação de violência, de opressão, ela gera toda uma forma de ser e comportar-se nos que estão envolvidos nela. Nos opressores e nos oprimidos. Uns e outros, porque concretamente banhados nesta situação, refletem a opressão que os marca.

Na análise da situação concreta, existencial, de opressão, não podemos deixar de surpreender o seu nascimento num ato de violência que é inaugurado, repetamos, pelos que têm poder.

Esta violência, como um processo, passa de geração a geração de opressores que se vão fazendo legatários dela e formando-se no seu clima geral. Este clima cria no opressor uma consciência fortemente possessiva. Possessiva do mundo e dos homens. Fora da posse direta, concreta, material, do mundo e dos homens, a consciência opressora não se pode entender a si mesma. Não pode ser. Dela, como uma consciência necrófila, diria Fromm que, sem esta posse, “perderia o contacto com o mundo”¹⁴ Daí que a consciência opressora tenda a transformar tudo que a cerca em objeto de seu domínio. A terra, os bens, a produção, a criação dos homens, os homens

JEITO VIVER, JEITO ENTENDER TAMBÉM JEITO ACREDITAR RELAÇÃO
MUNDO JUNTO PESSOAS MOSTRAR IGUAL ANTES EXPLICAR C-L-A-S-S-E D-O-
M-I-N-A-D-O-R-A.

PERCEBER SE TER VIOLÊNCIA PRECISAR TODOS TER ESTRATÉGIA
COMO CONTINUAR. OPRIMIDO TAMBÉM OPRIMIDO. ALGUNS AQUI TAMBÉM
ALGUNS LÁ PORQUE TODOS TER EXPERIÊNCIA LEMBRAR SEMPRE.

ANALISAR MOMENTO ACONTECER PROBLEMA ACONTECER
OPRESSÃO, NÓS PRECISAR SEMPRE ATENÇÃO HOMENS PODEROSOS TER
MOMENTO VIOLÊNCIA, PODER-NÃO PENSAR NORMAL.

MOMENTO VIOLÊNCIA ACONTECER POR CAUSA OPRESSOR GERAÇÃO
(TRADIÇÃO). HISTÓRIA FAMÍLIA FAZER GRUPO OPRESSORES VONTADE

POSSESSIVA. QUERER TER MUNDO TAMBÉM PESSOAS. SE NÃO TER NADA (MÃOS LIMPAS) OPRESSOR CAPAZ-NÃO ENTENDER. PESSOA PERDER SEU PERFIL. IGUAL PESSOA PROBLEMA TER N-E-C-R-O-F-I-L-I-A PESSOA PERDER OBJETIVO VIDA, HOMEM F-R-O-M-M EXPLICAR JÁ. POR CAUSA OPRESSOR TENTAR TRANSFORMAR TUDO OBJETO SENTIMENTO NÃO-TER, POR EXEMPLO: TERRA, DINHEIRO, DESENVOLVIMENTO, CRESCIMENTO HUMANO, TUDO PENSAR PODER MANDAR.

Disponível em: <https://youtu.be/v0S5LFIONMw>

¹⁴Fromm, Erich – “El corazón del hombre”

¹⁴F-R-O-M-M, E-R-I-C-H (APONTAR LEGENDA: FRASE EM ESPANHOL)

Disponível em: <https://youtu.be/vNgEf5dWBas>

mesmos, o tempo em que estão os homens, tudo se reduz a objeto de seu domínio.

Nesta ânsia irrefreitada de posse, desenvolvem em si a convicção de que lhes é possível transformar tudo a seu poder de compra. Daí a sua concepção estritamente materialista da existência. O dinheiro é a medida de tôdas as coisas.

Por isto é que, para os opressores, o que vale é ter mais e cada vez mais, à custa inclusive do ter menos ou do nada ter dos oprimidos. Ser, para êles é ter e ter sozinhos ou como classe que tem.

Não podem perceber, na situação opressora em que estão como usufrutuários que, se ter é condição para ser, esta é uma condição necessária a todos os homens. Não podem perceber que, na busca egoísta do ter sozinho ou como classe que tem, se afogam na posse e já não são. Já não podem ser.

Por isto tudo é que a sua generosidade, como salientamos, é falsa.

Por isto tudo é que a humanização é uma “coisa” que possuem como direito exclusivo. Como atributo herdado. A humanização é apenas sua. A dos outros, dos seus contrários, se apresenta como subversão. Humanizar é, naturalmente, subverter e não ser mais, para a consciência opressora.

Ter mais, na exclusividade, não é um privilégio desumanizante e inautêntico dos demais e de si mesmos, mas um direito intocável. Direito que conquistaram com seu esforço, com sua coragem de correr risco...

VONTADE SEMPRE QUERER, ACREDITAR SEMPRE PODER COMPRAR TUDO. MENTE MATERIALISTA. DINHEIRO PODER TRANSFORMAR.

POR CAUSA OPRESSOR PENSAR IMPORTANTE BOLSO ENCHER MAIS, SUGAR OPRIMIDO OU PESSOA TER NADA. PENSAR CARÁTER IGUAL RIQUEZA, IMPORTANTE CONSEGUIR SOZINHO.

NÃO CONSEGUIR ENTENDER CLARO MOMENTO INFLUÊNCIA PRECISAR TODOS TER CONSEGUIR VIVER, TODOS IGUAIS PRECISAR TER. CAPAZ-NÃO PERCEBER BUSCAR SOZINHO OU GRUPO IGUAL EGOÍSMO, SE FOCAR SOMENTE DINHEIRO PERDER JÁ ESSÊNCIA VIDA.

POR CAUSA AJUDAR, ISTO FALSA.

POR CAUSA H-U-M-A-N-I-Z-A-Ç-Â-O DIREITO PRÓPRIO, IGUAL RECEBER PRESENTE. PRÓPRIA ESPECIAL SEE. PRESENTE PRÓPRIO OUTRAS PESSOAS, NÃO-COMBINAR IGUAL. EMPATIA PRÓPRIO HUMANO, GRUPO OPRESSOR NÃO-ACEITAR PERFIL OUTRO.

EVOLUIR RIQUEZA NÃO OPORTUNIDADE IGUAL TODOS, MAS PRÓPRIO PESSOA EXCLUÍDA VIVER SOZINHA TER DIREITO SÓ SEU. DIREITO CONQUISTAR PORQUE ESFORÇAR, PORQUE CORAGEM PERIGO.

Disponível em: <https://youtu.be/2kh63MoeZWU>

Se os outros – “esses invejosos” – não têm, é porque são incapazes e preguiçosos a que juntam ainda um injustificável mal agradecimento a seus “gestos generosos”. E, porque “mal agradecidos e invejosos”, são sempre vistos os oprimidos como seus inimigos potenciais a quem têm de observar e vigiar.

Não poderia deixar de ser assim. Se a humanização dos oprimidos é subversão, sua liberdade também o é. Daí a necessidade de seu constante controle. E quanto mais controlam aos oprimidos mais os transformam em “coisa”, em algo que é como se fosse inanimado.

Esta tendência da consciência opressora de inanimar tudo e todos, que se encontra em sua ânsia de posse se identifica indiscutivelmente com a tendência sadista. “El placer del dominio completo sobre otra persona (o sobre otra creatura animada) diz Fromm, es la esencia misma del impulso sádico. Otra manera de formular la misma idea es decir que el fin del sadismo es convertir un hombre en cosa, algo animado en algo inanimado, ya que mediante el control completo y absoluto el vivir pierde una cualidad esencial de la vida: la libertad”.¹⁵

O sadismo aparece, assim, como uma das características da consciência opressora, na sua visão necrófila do mundo. Por isto é que o seu amor é um amor às avessas – um amor à morte e não à vida.

Na medida em que, para dominar, se esforça

SE PESSOA TER-NÃO RIQUEZA PORQUE PESSOA INVEJOSA TAMBÉM PESSOAS PREGUIÇOSAS E TER PERFIL PESSOAS AGRADECER NADA QUANDO RECEBER AJUDA. FALAR QUE GRUPO PESSOAS INVEJOSAS TAMBÉM AGRADECER NADA É PERFIL NINGUÉM GOSTAR.

DIFERENTE ACONTECER PODER-NÃO. SE TER CRISE, LIBERTAR TAMBÉM. POR CAUSA PRECISAR CONTROLAR. SE OPRESSOR SEMPRE CONTROLAR OPRIMIDO JÁ SOFRER, OPRESSOR PENSAR SEMPRE OUTRO OBJETO OU PESSOA NÃO TER VIDA SENTIMENTO.

OPRESSOR TER CONSCIÊNCIA TUDO TAMBÉM PESSOAS TODAS IGUAIS, NÃO TER SENTIMENTO CONCORDAR TENDÊNCIA SADISTA. (APONTAR LEGENDA: TRECHO EM ESPANHOL)

S-A-D-I-S-M-O DENTRO GRUPO OPRESSOR, PORQUE MENTE TER
RELAÇÃO SENTIR BEM OUTRO TER-NÃO VALOR. POR CAUSA ÀS VEZES AMAR
TER-NÃO VIDA, CONSEGUIR-NÃO AMAR PESSOA.

IGUAL FORÇA OPRESSOR CRESCER TAMBÉM CRESCER ANSIEDADE,
MENTE TAMBÉM CONSCIÊNCIA INFLUÊNCIA.

Disponível em: https://youtu.be/oBQZZg_a-a0

¹⁵ Fromm, Erich – “El corazón del hombre” – Breviarios – Fondo de Cultura Económica – México – 1967 – pag 30 (os grifos são nossos).

¹⁵ F-R-O-M-M, E-R-I-C-H APONTAR LEGENDA FRASE EM ESPANHOL

Disponível em: <https://youtu.be/tDhxGMHrgYI>

por deter a ânsia de busca, a inquietação, o poder de criar, que caracterizam a vida, a consciência opressora mata a vida.

Daí que os dominadores vão se apropriando, cada vez mais, da ciência também, como instrumento para suas finalidades. Da tecnologia, como força indiscutível de manutenção da “ordem” opressora, com a qual manipulam e esmagam.¹⁶

Os oprimidos, como objetos, como “coisas”, não têm finalidades. As suas, são as finalidades que lhes prescrevem os opressores.

Problema de importância inegável a ser pensado no corpo destas considerações é o da adesão e conseqüente passagem que fazem representantes do polo opressor ao polo dos oprimidos. De sua adesão à luta destes por libertar-se.

Cabe a eles um papel fundamental, como sempre tem cabido na história desta luta.

Acontece, porém, que, ao passarem de exploradores ou de espectadores indiferentes da exploração – o que é uma convivência com ela – ao polo dos explorados, quase sempre levam consigo, condicionadas pela “cultura do silêncio”, toda a marca de sua origem. Seus preconceitos. Suas deformações, entre estas, a desconfiança no povo. Desconfiança de que o povo seja capaz de pensar certo. De querer. De saber.

Dêste modo, estão sempre correndo o risco de cair num outro tipo de generosidade tão funesto quanto o que criticamos nos dominadores.

POR CAUSA OPRESSOR SEMPRE ACREDITAR CIÊNCIA TAMBÉM PORQUE ENCONTRAR VÍNCULO PENSAMENTO. ENCONTRAR TECNOLOGIA ESTRATÉGIA MANIPULAR GRUPO OPRIMIDOS.

GRUPO OPRIMIDO TER-NÃO ESCOLHAS PORQUE TER-NÃO VIDA. TER-NÃO OBJETIVO VIDA PORQUE SEMPRE OBEDECER NUNCA ESCOLHER.

PRECISAR ACEITAR PROBLEMA IMPORTANTE TER: POSTURA OPRESSORA. PRECISAR ANALISAR SE ADQUIRIR OU LUTAR LIBERDADE TER.

RESPONSABILIDADE PRÓPRIA DELES IMPORTANTE IGUAL PASSADO ATÉ HOJE TER.

ACONTECER MOMENTO GRUPO SUPERIOR TROCAR GRUPO INFERIOR,
SEMPRE TER MENTE CULTURA SILÊNCIO. PRECONCEITOS, DIFICULDADES
TAMBÉM POVO DESCONFIAR. DESCONFIAR SE OPINIÃO POVO CERTA.

ACONTECER IGUAL PERIGO TER PROBLEMA IGUAL ANTES JÁ
EXPLICAR PORQUE NOVAMENTE FALSA AJUDAR.

Disponível em: <https://youtu.be/Ht0k8Hp34ic>

¹⁶A propósito das “formas dominantes de controle social”, ver Herbert Marcuse: “L’homme Unidimensionnel” e “Eros et Civilisation”. Les Edition De Minuit [?] – 1968 e 1962.

¹⁶OBJETIVO GRUPO DOMINANTE CONTROLE SOCIAL, VER AUTOR H-E-R-B-E-R-T M-A-R-C-U-S-E (APONTAR LEGENDA: “L’homme Unidimensionnel” e “Eros et Civilisation”. Les Edition De Minuit [?] – 1968 e 1962.

Disponível em: <https://youtu.be/aeWSHz3FdpY>

Se esta generosidade não se nutre, como no caso dos opressores, da ordem injusta que precisa ser mantida para justificá-la; se querem realmente transformá-la, na sua deformação, contudo, acreditam que devem ser os fazedores da transformação.

Comportam-se, assim, como quem não crê no povo, ainda que nele falem. E crer no povo é a condição prévia, indispensável à mudança revolucionária. Um humanista se reconhece mais por esta crença no povo, que o engaja, do que por mil ações sem ela.

Àqueles que se comprometem autênticamente com o povo é indispensável que se revejam constantemente. Esta adesão é de tal forma radical que não permite a quem a faz comportamentos ambíguos.

Fazer esta adesão e considerar-se proprietário do saber revolucionário, que deve, desta maneira, ser doado ou imposto ao povo, é manter-se como era antes.

Dizer-se comprometido com a libertação e não ser capaz de comungar com o povo, a quem continua considerando absolutamente ignorante é um doloroso equívoco.

Aproximar-se dele mas sentir, a cada passo, a cada dúvida, a cada expressão sua uma espécie de susto e pretender impor o seu “status” é manter-se nostálgico de sua origem.

A passagem de um polo a outro deve ter o sentido profundo do renascer. Os que passam têm de assumir uma forma nova de estar sendo; já não podem atuar como atuavam; já não podem permanecer como estavam sendo.

Será na sua convivência com os oprimidos,

SE OPRESSOR TER-NÃO INFLUENCIA IMPORTANTE AJUDAR OUTRO, TAMBÉM IMPORTANTE DIMINUIR INJUSTIÇA, JUSTIÇA ACIMA, SE VERDADE TRANSFORMAR PROBLEMA COMEÇAR ENTENDER RESPONSABILIDADE: PESSOA FAZER TRANSFORMAÇÃO.

VIVER ACREDITAR-NÃO POVO, MESMO AS VEZES FALAR. CRER POVO IMPORTANTE PORQUE COMEÇAR MUDANÇA DEPOIS TER REVOLUÇÃO. PESSOA ESTUDAR SOCIAL ACREDITAR PRECISAR TER DENTRO CONSEGUIR INCENTIVAR TRANSFORMAÇÃO.

PESSOA TER VÍNCULO POVO PRECISAR SEMPRE AUTOANÁLISE. MUDANÇA SÉRIA PORQUE PODER-NÃO CONTINUAR PERFIL 2: 1-DÚVIDA 2-PERFIL.

SE ADQUIRIR OU PENSAR SUPERIOR PORQUE CONHECE PROFUNDO REVOLUÇÃO, ACONTECER PROBLEMA IGUAL ANTES.

SE DEFENDER LIBERTAR POVO MAS DIÁLOGO TER-NÃO, ERRO GRAVE MAS PERCEBER-NÃO.

TER CONTATO COMEÇAR SENTIR EXPERIÊNCIA, MOMENTO DÚVIDA, TAMBÉM E OBJETIVO OBRIGAR CONTINUAR VÍNCULO MENTE PASSADO.

MOMENTO ABRIR MENTE PRECISAR SÉRIO TAMBÉM VERDADEIRO, PRECISAR LIBERDADE ADQUIRIR, NOVAS EXPERIÊNCIAS, ESQUECER PASSADO TAMBÉM FAZER DIFERENTE.

MOMENTO EXPERIÊNCIA JUNTO GRUPO OPRIMIDO CONCORDAR PERFIL, TER SOMENTE ÚNICA PERSPECTIVA VERDADE, CONSEGUIR ANALISAR TAMBÉM ENTENDER COMPORTAMENTO OPRIMIDO MOMENTO TER OPRESSOR.

JÁ EXPLICAR ANTES OPRIMIDO TER DENTRO SIMULTÂNEO PERFIL PORQUE IDENTIFICA OPRESSOR, ÀS VEZES CONCORDAR MEU PERFIL ÀS VEZES CONCORDAR PERFIL OUTRO. QUASE SEMPRE AINDA CAPAZ-NÃO DESCOBRIR OPRESSOR TER ESCOLHAS GRAVES DIANTE MOMENTO INFLUÊNCIA.

FATALISMO ÀS VEZES PARECER SIMPLES OU BOM PRÓPRIO PAÍS, MAS IDEIA ENGANAR OU FALSO. F-A-T-A-L-I-S-M-O ACONTECER PORQUE TER 2: 1-HISTÓRIA 2-SOCIOLOGIA, NADA JUNTO POVO.

QUASE SEMPRE MOSTRAR F-A-T-A-L-I-S-M-O CULPA FUTURO OU IDEIA NÃO PROFUNDA QUEM DEUS. ASSISTINDO MUNDO MÁGICO OU MITO DENTRO TER, CONSCIÊNCIA GRUPO OPRIMIDOS MAIORIA CAMPONESA MOSTRAR DEPENDÊNCIA, CONCORDAR SOFRIMENTO PORQUE EXPLICAR VONTADE DEUS GOSTAR SOFRIMENTO FAZER PESSOAS.

Disponível em: <https://youtu.be/YG8bTXQqh00>

sabendo-se também um deles – somente a um nível diferente de percepção da realidade – que poderão compreender as formas de ser e comportar-se dos oprimidos, que refletem, em momentos diversos, a estrutura da dominação.

Uma destas, de que já falamos rapidamente, é a dualidade existencial dos oprimidos que, “hospedando” ao opressor, cuja “sombra” eles “introjetam”, são eles e ao mesmo tempo são o outro. Daí que, quase sempre, enquanto não chegam a localizar ao opressor concretamente, como também enquanto não cheguem a ser “consciência para si” assumam atitudes fatalistas em face da situação concreta de opressão em que estão.¹⁷

Êste fatalismo, às vezes dá a impressão, em análises superficiais, de docilidade, como caráter nacional, o que é um engano. Êste fatalismo, alongado em docilidade, é fruto de uma situação histórica e sociológica e não um traço essencial da forma de ser do povo.

Quase sempre êste fatalismo está referido ao poder do destino ou da sina ou do fado – potências irremovíveis – ou a uma distorcida visão de Deus. Dentro do mundo mágico ou mítico em que se encontra a consciência oprimida, sobretudo camponesa, quase imersa na natureza¹⁸, encontra no sofrimento, produto da exploração em que está, a vontade de Deus, como se Êle fosse o fazedor desta desordem organizada.

MOMENTO CONVIVER JUNTO OPRIMIDOS - SE TER NÍVEL DIFERENTE CONSEGUIR PERCEBER REALIDADE - PODER ENTENDER ESTRATÉGIAS PRÓPRIA OPRIMIDAS MOSTRAR ESTRUTURA COMO DOMINAR (OCUPAÇÃO SOCIAL).

VÁRIAS JÁ EXPLICAR, MAS ESCOLHER D-U-A-L-I-D-AD-E E-X-I-S-T-E-N-C-I-A-L PRÓPRIA GRUPO OPRIMIDOS COPIA MODELO OPRESSOR IGUAL “SOMBRA” TER DUALIDADE PORQUE TER PERFIL TROCAR SEMPRE. ENTÃO, CONSEGUIR-NÃO PERCEBER Q-U-E-M- OPRESSOR TAMBÉM CAPAZ-NÃO PERCEBER CONSCIÊNCIA, ACONTECER F-A-T-A-L-I-S-M-O (MARCAR ESPAÇO) POR CAUSA MOMENTO OPRESSÃO.

AS VEZES PARECER, SE OLHAR SIMPLES - PROFUNDAR NÃO - CARINHO, MAS ANALISAR PROFUNDO SIGNIFICA ENGANO. ISTO, ACONTECER CARINHO HISTÓRIA (ATÉ HOJE) MOTIVO COMO HOJE POVO VIVE SOCIEDADE.

ISTO TER RELAÇÃO PODER CHEGAR OU DA VONTADE (COMPULSÓRIA) FORÇAS PRÓPRIA HOJEM OU PERSPECTIVA DIFERENTE DE DEUS. DENTRO MUNDO MÁGICO TER CONSCIÊNCIA PRÓPRIA GRUPO PESSOAS OPRIMIDAS, ESPECIALMENTE CAMPONESA, ESTAR PRESA RAÍZ GRUPO, TER TAMBÉM SOFRIMENTO, MOTIVO TER PESSOAS SUGANDO E TAMBÉM “PRÓPRIA VONTADE DEUS”, APONTAR DEUS RESPONSÁVEL TUDO.

Disponível em: https://youtu.be/_kGY5PJFdhM

¹⁷“O camponês, que é um dependente, começa a ter ânimo para superar sua dependência quando se da conta de sua dependência. Antes disto, segue o patrão e diz quase sempre: “que posso fazer, se sou um camponês?”. Palavras de um camponês durante entrevista com o autor.

¹⁸Ver Mendes, Cândido – “Memento dos Vivos – A esquerda católica no Brasil” – Tempo Brasileiro – Rio – 1966.

¹⁷TRABALHADOR AREA +ROÇA ELE É DEPENDENTE, COMEÇAR TER CORAGEM VENCER QUANDO PERCEBER DEPENDÊNCIA. ANTES NÃO TER CONSCIÊNCIA QUASE SEMPRE DIZER: EU TRABALHADOR + AREA ROÇA TADINHO POSSO FAZER O QUÊ? FRASE DE UM CAMPONÊS EM ENTREVISTA.

18- VER 1-M-E-N-D-E-S, 2- C-A-N-D-I-D-O (APONTAR LEGENDA: GRUPO E-S-Q-U-E-R-D-A CATÓLICA NO BRASIL, T-E-M-P-O B-R-A-S-I-L-E-I-R-O RIO ANO-1966.)

Disponível em: <https://youtu.be/I6Wj-p0QPsY>

Na imersão em que se encontram, não chegam os oprimidos a ver claramente a “ordem” que serve aos opressores que, de certa forma, “vivem” neles. “Ordem” que, frustrando-os no seu atuar, muitas vezes os levam, como salientou Fanon¹⁹, a exercer um tipo de violência horizontal com que agredem aos próprios companheiros oprimidos pelos motivos mais simples. É possível que, ao agirem assim, mais uma vez explicitem sua dualidade. Ao agredirem seus companheiros oprimidos estarão agredindo neles, indiretamente, ao opressor também, “hospedado” neles e nos outros. Agredem, como opressores, ao opressor nos oprimidos.

Há, por outro lado, em certo momento da experiência existencial dos oprimidos, uma irresistível atração pelo opressor. Pelos seus padrões de vida. Participar destes padrões constitui uma incontida aspiração. Na sua alienação querem, a todo custo, parecer com o opressor. Imitá-lo. Segui-lo. Isto se verifica, sobretudo, nos oprimidos de classe média, cujo anseio é serem iguais ao “homem ilustre” da chamada classe “superior”.

É interessante observar como Memmi,²⁰ [obs.: há nesta página, no rodapé, uma nota (incompleta) sem a indicação no texto. Entendo que é aqui] em uma excepcional análise da consciência colonizada, se refere à sua repulsa de colonizado ao colonizador, mesclada, contudo, de “apaixonada” atração por ele.

A autodesvalia é outra característica dos oprimidos. Resulta da introjeção que fazem

OPRIMIDOS TAMBÉM OPRESSORES PERCEBER VIDA DIFERENTE, OPRESSORES VER “O-R-D-E-M” CLARO PORQUE ESTAR LIGADOS. O-R-D-E-M ACONTECER PROBLEMA PORQUE TER-NÃO LÍDER, TODOS IGUAIS (HORIZONTAL), ALGUNS CONFUSÃO OUTROS POR MOTIVOS SIMPLES. TALVEZ MOSTRAR NOVAMENTE D-U-A-L-I-D-A-D-E. SE CONFUSÃO (BRIGAR) COMPANHEIROS OPRIMIDOS, ATRÁS TAMBÉM AUTO AGREDIR, AGREDIR TAMBÉM OPRESSOR DENTRO. AGREDIR OPRIMIDOS DENTRO TER DENTRO OPRESSOR.

OUTRO PERPECTIVA, PERCEBER EXPERIÊNCIA PRÓPRIA VIDA OPRIMIDOS, OPRIMIDO TER ATRAÇÃO OPRESSOR. POR CAUSA P-A-D-R-Ã-O VIDA. VER JEITO VIVER COMEÇAR COPIAR MODELO. MENTE TER VONTADE

PARECER OPRESSOR. COPIAR. ACOMPANHAR. MOSTRAR OPRIMIDOS C-L-A-S-S-E M-É-D-I-A VONTADE TER VIDA IGUAL HOMEM ILUSTRE (POMPA) PERCEBER CLASSE SUPERIOR.

AUTOR M-E-M-M-I ANALISAR PROFUNDO CONSCIÊNCIA COLONIZAR, MOSTRAR ATRÁS ÓDIO OPRIMIDO JÁ NÃO GOSTAR OPRESSOR, MAS MENTE MISTURAR ÓDIO TAMBÉM PAIXÃO.

A-U-T-O-D-E-S-V-A-L-I-A TAMBÉM CARACTERÍSTICA GRUPO OPRIMIDOS. MOTIVO TER DENTRO OPINIÃO ANALISAR GRUPO OPRESSORES.

Disponível em: https://youtu.be/WZ1_Vraf8os

¹⁹Fanon, Frantz – “Los condenados de la Tierra”.

²⁰Memmi, Albert –

¹⁹ LEGENDA FRASE EM ESPANHOL.

²⁰1- M-E-M-M-I 2-A-L-B-E-R-T

Disponível em: https://youtu.be/g3F7vIqCy_M

êles da visão que deles têm os opressores.

De tanto ouvirem de si mesmos que são incapazes, que nada sabem, que não podem saber, que são enfermos, indolentes, que não produzem em virtude de tudo isto, terminam por se convencerem de sua “incapacidade”. Falam de si como os que não sabem e do “doutor” como o que sabe e a quem devem escutar. Os critérios de saber que lhes são impostos são os convencionais.

Não se percebem, quase sempre, conhecendo, nas relações que estabelecem com o mundo e com os outros homens.

Dentro dos marcos concretos em que se fazem duais é natural que descreiam de si mesmos.²²

Não são poucos os camponeses que conhecemos em nossa experiência educativa que, após alguns momentos de discussão viva em torno de um tema que lhes é problematizado, param de repente e dizem ao educador: “Desculpe, nós devíamos estar calados e o senhor falando. O senhor é o que sabe; nós os que não sabemos”.

Muitas vezes insistem em que nenhuma diferença existe entre êles e o animal e, quando reconhecem alguma, é em vantagem do animal. “É mais livre do que nós”, dizem.

É impressionante observar como, com as

SEMPRE OUVIR INÚTIL, INCAPAZES, BURROS, DOENTES, FOLGADOS ACONTECER ASSUMIR “INCAPACIDADE”. ASSUMIR CLASSE INFERIOR – IGUAL INCAPAZ – OUTRO “DOUTOR” PRECISAR OBEDECER TAMBÉM ASSISTIR. SEMPRE PENSAR OBEDECER CALADO.

PERCEBER-NÃO DENTRO RELAÇÃO FAZER PARTE MUNDO PORQUE JUNTO OUTRAS PESSOAS.

PERCEBER REALIDADE DUAL (TROCAR) IGNORAR AUTOCONFIANÇA.

VÁRIOS CAMPONESES CONHECER JÁ MOMENTO EDUCAÇÃO (ENSINAR) DEPOIS DIÁLOGO, PEDIR DESCULPA PORQUE EXPLICAR CERTO FICAR CALADO E SENHOR FALANDO, O SENHOR SABER, NÓS SABER-NÃO NADA.

SEMPRE DEFENDER TER-NÃO DIFERENÇA GRUPO PRÓPRIO TAMBÉM ANIMAL, MOMENTO RECONHECER DIFERENÇA SEMPRE APONTAR ANIMAL MELHOR. FALAR: ANIMAL LIVRE, NÓS DIFERENTE.

IMPRESSIONANTE OBSERVAR COMO ALGUMAS DIFERENÇAS RELAÇÃO TER OPRESSÃO MOSTRAR D-E-S-V-A-L-I-A.

Disponível em: <https://youtu.be/Fioq2hIFmWY>

²¹“O camponês se sente inferior ao patrão porque este lhe aparece como o que tem o mérito de saber e dirigir” – Entrevista do autor com um camponês.

²²“Por que o senhor, disse certa vez camponês participante de um “círculo de cultura” ao educador, não explica primeiramente os quadros? [Referia-se às codificações] Assim, concluiu, nos custará menos e não nos doe a cabeça.”

²¹ CAMPONÊS SENTIR INFERIOR CHEFE, PORQUE PENSAR CHEFE TER INTELIGÊNCIA SABER CONTROLAR. ENTREVISTA CAMPONÊS.

²² “POR QUE OUTRO MOMENTO SENHOR FALOU CAMPONÊS VIVER C-Í-R-C-U-L-O CULTURAL, EDUCADOR, EXPLICAR-NÃO Q-U-A-D-R-O-S? REFERENTE CODIFICAÇÕES RESUME, MAIS FÁCIL EVITAR PROBLEMAS”

Disponível em: <https://youtu.be/a1fyxdG2Rmw>

primeiras alterações numa situação opressora, se verifica uma transformação nesta autodesvalia. Escutamos, certa vez, a um líder camponês dizer, em reunião, numa das unidades de produção – “asentamiento” – da experiência chilena de reforma agrária: “Diziam de nós que não produzíamos porque éramos “borrachos”, preguiçosos. Tudo mentira. Agora, que estamos respeitados como homens, vamos mostrar a todos que nunca fomos “borrachos”, nem preguiçosos. Éramos explorados, isto sim”, concluiu enfático.

Enquanto se encontra nítida sua ambiguidade, os oprimidos dificilmente lutam, nem sequer confiam em si mesmos. Têm uma crença difusa, mágica, na invulnerabilidade do opressor.²³ No seu poder de que sempre dá testemunho. Nos campos, sobretudo, se observa a fôrça mágica do poder do senhor.²⁴ É preciso que comecem a ver exemplos da vulnerabilidade do opressor para que, em si, vá operando-se convicção oposta à anterior. Enquanto isto não se verifica, continuarão abatidos, medrosos, esmagados.

ACONTECER PASSADO REUNIÃO LOCAL (PÓLO) TRABALHO – “A-S-E-N-T-A-M-I-E-N-T-O”, LÍDER CAMPONÊS PRÓPRIO CHILE MOMENTO R-E-F-O-R-M-A A-G-R-Á-R-I-A, HOMEM FALAR: PESSOAS FALAR NÓS NÃO FAZER NADA, NÓS PREGUIÇOSOS, NÓS “B-O-R-R-A-C-H-O-S. MENTIRA. AGORA RESPEITAR NÓS, MOSTRAR NÓS DIFERENTE, NÓS NÃO TER PREGUIÇA, NÓS B-O-R-R-A-C-H-O-S NÃO. PASSADO NÓS EXPLORADOS”.

PERCEBER SIMULTÂNEA, OPRIMIDOS ACEITAR, DIFICILMENTE LUTAR, CONFIAR-NÃO SI. ACREDITAR FIEL OPRESSOR. ACREDITAR PODER ASSISTIR OPRESSOR TER. MOMENTO TRABALHAR PERCEBER SENHOR TER PODER, CAMPONESES TER MEDO. PRECISAR PERCEBER FRAQUEZA OPRESSOR COMEÇAR PERDER MEDO. SE CONTINUAR OLHAR IGUAL, GRUPO CONTINUAR TRISTE, MEDO TER SEMPRE.

Disponível em: <https://youtu.be/DwKHt1WNgas>

²³“O camponês tem um medo quase instintivo do patrão.” [Entrevista com um camponês]

²⁴ Recentemente, em um país latinoamericano, segundo depoimento que nos foi dado por sociólogo amigo, um grupo de camponeses, armados, se apoderou do latifúndio. Por motivos de ordem tática, se pensou em manter o proprietário como refém. Nenhum camponês, contudo, conseguiu dar guarda a êle. Sua só presença os assustava. Possivelmente também a ação mesma de lutar contra o patrão lhes provocasse sentimento de culpa. O patrão, na verdade, estava “dentro” deles...

²³ TRABALHADOR+AREA+ROÇA TER MEDO I-N-S-T-I-N-T-I-V-O SENHOR, FRASE ENTREVISTA TRABALHADOR+AREA+ROÇA.

²⁴ RECENTEMENTE PAÍS LATINOAMERICANO AMIGO ÁREA SOCIOLOGIA DEPOIMENTO FALAR, GRUPO TRABALHADOR+ÁREA+RURAL INVADIU ÁREA+TERRA. GRUPO PENSAR ESTRATÉGIA DONO AREA FICAR PRESO. TRABALHADOR+ÁREA RURAL CONSEGUIR-NÃO VIGIAR. PRESENÇA DONO FAZER TRABALHADOR+ÁREA+RURAL SENTIR INQUIETAÇÃO,A-Ç-Ã-O LUTAR CONTRA DONO FAZER ELES SENTIR CULPA. PARECER DONO DENTRO.

Disponível em: <https://youtu.be/37zkr7Rod9U>

Até o momento em que os oprimidos não tomem consciência das razões de seu estado de opressão, “aceitam” fatalistamente a sua exploração. Mais ainda, provavelmente assumam posições passivas, alheias, com relação à necessidade de sua própria luta pela conquista da liberdade e de sua afirmação no mundo.

A pouco e pouco, porém, a tendência é assumir formas de ação rebelde. Num quefazer libertador, não se pode perder de vista esta maneira de ser dos oprimidos, nem esquecer este momento de despertar.

Dentro desta visão inautêntica de si e do mundo os oprimidos se sentem como se fossem uma “coisa” possuída pelo opressor. Enquanto, no seu afã de possuir, para este, como afirmamos, ser é ter à custa quase sempre dos que não têm, para os oprimidos, num momento de sua experiência existencial, ser nem sequer é ainda parecer com o opressor, mas é estar sob ele. É depender. Daí que os oprimidos sejam dependentes emocionais.*

É este caráter de dependência emocional e total dos oprimidos que os pode levar a manifestações que Fromm chama de necrófilas. De destruição da vida. Da sua ou da do outro, oprimido também.

ATÉ MOMENTO OPRIMIDOS AINDA ACORDAR-NÃO VIDA, CONTINUAR ACEITAR EXPLORAÇÃO. SE CONTINUAR MENTE FECHADA, SEMPRE PENSAR INFERIOR, TENTAR VITÓRIA CONSEGUIR-NÃO, CONSEGUIR-NÃO LIBERDADE.

EVOLUIR GRADATIVAMENTE FUTURO RÁPIDO ASSUMIR MUDANÇA. TENTAR LIBERDADE, PODER-NÃO PENSAR DESPREZAR ESTRUTURA OPRIMIDAS TAMBÉM ESQUECER-NÃO MOMENTO DESPERTAR.

OPRIMIDOS AINDA ACEITAR-NÃO CONFIANÇA PRÓPRIA, SENTIR IGUAL OBJETO PRÓPRIO OPRESSOR. TENTAR CONQUISTAR COISAS PRÓPRIAS PESSOAS NADA TER. OPRIMIDOS PROCURAR CONQUISTAR NÃO IGUAL OPRESSOR, MAS ACIMA DELE. DEPENDER. POR CAUSA OPRIMIDOS OBEDECER SEMPRE POR CAUSA EMOÇÕES.

AUTOR FROM EXPLICAR TER CARÁTER DEPENDÊNCIA EMOCIONAL PRÓPRIA OPRIMIDOS PENSAR IGUAL N-E-C-R-O-F-I-L-I-A. VIDA DESTRUIR. DESTRUIR VIDA PRÓPRIA, DESTRUIR VIDA OPRIMIDA TAMBÉM.

Disponível em: <https://youtu.be/pSD7ydo1MSA>

²⁵ “O campesino é um dependente. Não pode expressar o seu querer. Antes de descobrir sua dependência, sofre. Desabafa sua pena em casa, onde grita com os filhos, bate, desespera-se. Reclama da mulher. Acha tudo mal. Não desabafa sua pena com o patrão porque o considera um ser superior. Em muitos casos, o campesino desabafa sua pena, bebendo.” entrevista.

²⁵ TRABALHADOR +ÁREA+RURAL DEPENDENTE. NÃO-PODE EXPRESSAR VONTADE SUA.ANTES DESCOBRIR DEPENDÊNCIA SOFRER DENTRO CASA GRITAR FILHOS DESABAFO.RECLAMAR MULHER TUDO RUIM. RECLAMAR DONO NADA PORQUE PENSAR ELE SER SUPERIOR. ÀS VEZES TRABALHADOR+ÁREA+RURAL DESABAFA BATENDO.

Disponível em: https://youtu.be/c_ZU3NOrZ5A

Sòmente quando os oprimidos descobrem, nítidamente, como observa Fanon,²⁶ ao opressor e se engajam na luta por sua libertação começam a crer em si mesmos. Esta descoberta, porém, não pode ser feita a nível puramente intelectual, mas da ação. O que nos parece fundamental, contudo, é que esta ação não pode cingir-se a mero ativismo, mas estar associada a sério empenho de reflexão, para que seja praxis.

O diálogo crítico e liberador, por isto mesmo que supõe a ação, tem de ser feito com os oprimidos, qualquer seja o grau em que esteja a luta por sua libertação. Não um diálogo às escâncaras, que provoca a fúria e a repressão maior do opressor.

O que pode e deve variar, em função das condições históricas, em função do nível de percepção da realidade que tenham os oprimidos é o conteúdo do diálogo. Substituí-lo pelo antidiálogo, pela sloganização, pela verticalidade, pelos comunicados é pretender a libertação dos oprimidos com instrumentos da “domesticação”. Pretender a libertação deles sem a sua reflexão no ato desta libertação é transformá-los em objeto que se devesse salvar de um incêndio.

Os oprimidos, nos vários momentos de sua libertação, precisam reconhecer-se como homens, na sua vocação ontológica e histórica de ser mais. A reflexão e a ação se impõem, quando não se pretende, erroneamente, dicotomizar o conteúdo da forma histórica do ser hu-

MOMENTO OPRIMIDOS DESCOBRIR ENTENDER CLARO IGUAL AUTOR F-
A-N-O-N EXPLICAR LUTAR LIBERTAÇÃO COMEÇAR ACREDITAR SI. ISSO
PRECISAR SER AÇÃO (FAZER), PODER-NÃO SÓ PENSAR. FUNDAMENTAL SABER
QUE AÇÃO (FAZER) PODER-NÃO SÓ LUTAR, ESPECIALMENTE REFLETIR DEPOIS
SEMPRE PRATICAR.

DIÁLOGO CRÍTICO (OPINAR) LIBERTADOR, POR CAUSA SEMPRE
PRECISAR PROPOSTA MOSTRAR OPRIMIDOS QUALQUER LUTAR PRECISAR
FOCO LIBERTAÇÃO. NÃO DIÁLOGO NERVOSO, PORQUE SE FÚRIA OPRESSOR
TER RAIVA MAIOR (MAIS FORTE).

PRECISAR SEMPRE VARIAR (MUDAR AS VEZES) POR CAUSA MOMENTO
HISTÓRICO TAMBÉM PORQUE ANALISAR REALIDADE: CONTEÚDO DIÁLOGO.
SUBSTITUIR DIÁLOGO “IDEIAS PRONTAS” OU FRASES IGUAIS SEMPRE

TRANSFORMAR “D-O-M-E-S-T-I-C-A-Ç-Ã-O.” TENTAR LIBERTAR MAS POVO NÃO SABER, SIGNIFICA FALAR ESTES OBJETOS PRECISAR SALVAR.

OPRIMIDOS VÁRIOS MOMENTOS LIBERTAÇÃO PRECISAR ENTENDER HOMEM TER VOCAÇÃO (DOM) ONTOLÓGICA (EVOLUÇÃO SER HUMANO) TAMBÉM HISTÓRICO. REFLEXÃO TAMBÉM AÇÃO OPOSTAS SE TENTAR SEPARAR EXPERIÊNCIA VIDA PRÓPRIA SER HUMANO.

Disponível em: <https://youtu.be/znqyWO62UN8>

²⁶Fanon – obra citada.

²⁶F-A-N-O-N LIVRO CITADA

Disponível em: <https://youtu.be/mGYDqY44U9k>

mano.

Ao defendermos um permanente esforço de reflexão dos oprimidos sôbre suas condições concretas, não estamos pretendendo um jôgo divertido a nível puramente intelectual. Estamos convencidos, pelo contrário, de que a reflexão, se realmente reflexão, conduz à prática.

Por outro lado, se o momento já é o da ação, esta se fará autêntica praxis se o saber dela resultante se faz objeto da reflexão crítica. Neste sentido é que a praxis constitui a razão nova da consciência oprimida e que a revolução, que inaugura o momento histórico desta razão, não possa encontrar viabilidade fora dos níveis da consciência oprimida.

A não ser assim, a ação é puro ativismo.

Desta forma, nem um diletante jôgo de palavras vazias – quebra cabeça intelectual – que, por não ser reflexão verdadeira, não conduz à ação, nem ação pela ação. Mas ambas, ação e reflexão, como unidade que não deve ser dicotomizada.

Para isto, contudo, é preciso que creiamos nos homens oprimidos. Que os vejamos como capazes de pensar certo também.

Se esta crença nos falha abandonamos a idéia ou não a temos, do diálogo, da reflexão, da comunicação e caímos nos “slogans”, nos comunicados, nos depósitos, no dirigismo.

A ação política junto aos oprimidos tem de ser, no fundo, uma ação pedagógica no sentido autêntico da palavra, por isto mesmo, uma ação com êle. A sua dependên-

MOMENTO DEFENDER PRECISAR SEMPRE OPRIMIDOS ESFORÇAR
TAMBÉM REFLETIR VIDA, CONSIDERAR-NÃO (DISCORDAR) VIDA IGUAL JOGO
DIVERTIDO SOMENTE PRECISAR I-N-T-E-L-E-C-T-O. ASSUMIR REFLEXÃO
PRECISAR ACONTECER, PORQUE SE REFLETIR DEPOIS PRATICAR.

MOMENTO OUTRO, AÇÃO TER RESULTADO SE PRÁTICA DEPOIS FAZER
REFLEXÃO CRÍTICA. ACONTECER EXPERIÊNCIA MOTIVO NOVO CONSCIÊNCIA
OPRIMIDA, REVOLUÇÃO PODER-NÃO COMEÇAR TER PERSPECTIVA DIFERENTE.

SE FIZER IGUAL, AÇÃO PRÓPRIO A-T-I-V-I-S-M-O.

AÇÃO TAMBÉM REFLEXÃO IGUAL JOGO PALAVRAS, PALAVRAS SOZINHAS TER-NÃO ENCAIXAR. AÇÃO TAMBÉM REFLEXÃO SIMULTÂNEA, NUNCA SEPARAR.

SÓ TER SUCESSO SE ACREDITAR FORÇA OPRIMIDOS, PRECISAMOS ENTENDER CAPAZ PENSAR CORRETO.

SE ABANDONAR REFLEXÃO, DISCORDAR DIÁLOGO, REFLEXÃO, COMUNICAÇÃO DEPOIS COMEÇAR FOCAR S-L-O-G-A-N-S OU FRASES PRONTAS NÃO TER AÇÃO.

AÇÃO (FAZER) POLÍTICO JUNTO OPRIMIDOS PRECISAR TER ESTRUTURA IGUAL PEDAGOGIA, FAZER JUNTO.

Disponível em: <https://youtu.be/uy3iQWedPaA>

cia emocional, fruto da situação concreta de dominação em que se acham e que gera também a sua visão inautêntica do mundo, não pode ser aproveitada a não ser pelo opressor. Êste é que se serve desta dependência para criar mais dependência.

A ação libertadora, pelo contrário, reconhecendo esta dependência dos oprimidos como ponto vulnerável, deve tentar, através da reflexão e da ação, transformá-la em independência. Esta, porém, não é doação que uma liderança, por mais bem intencionada que seja lhes faça. Não podemos esquecer que a libertação dos oprimidos é libertação de homens e não de “coisa”. Por isto, se não é auto-libertação – ninguém se liberta sozinho – também não é libertação de uns feita por outros. Porque é fenômeno humano não se pode realizar com os homens pela metade, que êstes, inclusive, não existem e, quando os tentamos realizamos a sua deformação. Mas, deformados já estando, enquanto oprimidos, não pode a ação de sua libertação usar o mesmo procedimento empregado para sua deformação.

O caminho, por isso mesmo, para um trabalho libertador a ser realizado pela liderança revolucionária não é a “propaganda libertaria”. Não está no mero ato de “depositar” a crença da liberdade nos oprimidos, pensando conquistar a sua confiança, mas no dialogar com êles.

Precisamos estar convencidos de que o convencimento dos oprimidos de que devem lutar por sua libertação não é doação que lhes faça a lideran-

DEPENDÊNCIA EMOCIONAL, POR CAUSA MOMENTO DOMINAÇÃO (OCUPAÇÃO SOCIAL) PORQUE COMEÇAR ENTENDER ERRADO COMO MUNDO, PENSAR SOMENTE OPRESSOR PODER VIVER BEM. ISTO SIGNIFICA DEPENDER CONTINUAR SEMPRE.

AÇÃO LIBERTADOR, OPOSIÇÃO, PERCEBER OPRIMIDO DEPENDER REFLETIR TAMBÉM AGIR DEPENDÊNCIA TRANSFORMAR INDEPENDÊNCIA. LIDER PODER-NÃO DOAR, MESMO SE VERDADEIRO CORAÇÃO BOM. ESQUECER-NÃO LIBERTAÇÃO GRUPO OPRIMIDOS SIGNIFICA LIBERTAR CONSCIÊNCIA, LIBERTAR-NÃO OBJETO. POR CAUSA, LIBERTAR SOZINHO CAPAZ-NÃO, TAMBÉM PESSOA PODER-NÃO LIBERTAR OUTRO. LIBERTAR COMPLETO (TODO), PODER-NÃO LIBERDADE METADE HOMEM PORQUE

HOMEM METADE EXISTIR-NÃO. SE HOMENS OPRIMIDOS, PODER-NÃO LIBERTAR PORQUE PODER-NÃO FAZER LIBERTAÇÃO IGUAL ACONTECER PRISÃO MENTAL.

ESTRATÉGIA LIDERANÇA REVOLUCIONÁRIA FAZER TRABALHO LIBERTADOR VERDADEIRO PRECISAR PODER-NÃO SOMENTE FALAR, FALAR, FALAR... SÓ ACREDITAR NÃO LIBERTA, PRECISAR DIALOGAR TER CONFIANÇA CRESCER (DESENVOLVER).

NÓS PRECISAR ACREDITAR OPRIMIDOS LUTAR (MILITAR) QUERER LIBERTAÇÃO, LIDERANÇA REVOLUCIONÁRIA DOAÇÃO NÃO, MAS MOMENTO CONSCIÊNCIA UNIDA.

Disponível em: https://youtu.be/4_PDmlKfd-U

ça revolucionária, mas resultado de sua conscientização.

É necessário que a liderança revolucionária descubra esta obviedade: que seu convencimento da necessidade de lutar, que constitui uma dimensão indispensável do saber revolucionário, não lhe foi doado por ninguém, se é autêntico. Chegou a êste saber, que não é algo parado ou possível de ser transformado em conteúdo a ser depositado nos outros, por um ato total, de reflexão e de ação.

Foi a sua inserção lúcida na realidade, na situação histórica, que a levou à crítica desta mesma situação.

Assim também é necessário que os oprimidos, que não se engajam na luta sem estar convencidos e, se não se engajam, retiram as condições para ela, cheguem como sujeitos e não como objetos a êste convencimento.

É preciso que também se insiram criticamente na situação em que se encontram e de que se acham marcados. E isto a propaganda não faz. Se êste convencimento, sem o qual, repetamos, não é possível a luta, é indispensável à liderança revolucionária, que se constitui a partir dele, o é também aos oprimidos. A não ser que se pretenda fazer para êles a transformação e não com êles – somente como nos parece autêntica esta transformação.²⁷

Ao fazermos estas considerações outra coisa não estamos tentando, senão defender o caráter eminentemen-

LIDERANÇA REVOLUCIONÁRIA PRECISAR DESCOBRIR: CONSCIÊNCIA REVOLUCIONÁRIA NINGUÉM DOAR, PRÓPRIO A-U-T-Ê-N-T-I-C-O OU CONSCIÊNCIA. CAPAZ-NÃO DEPOSITAR (COLOCAR) DENTRO PESSOA.

PRECISAR INCLUIR MENTE SAÚDE BOA, ANALISAR HISTÓRIA ACONTECER PASSADO ATÉ ATUALIDADE (HOJE).

TAMBÉM PRECISAR OPRIMIDOS AINDA NÃO ESTAR JUNTO MILITAR (LUTA) ACREDITAR TODOS PESSOAS NÃO OBJETOS.

PRECISAR TAMBÉM OPINAR COMO VIDA TAMBÉM ANALISAR SE TER MARCAS. SE NÃO FIZER REFLEXÃO, COMO LUTAR? PRECISAR LIDERANÇA TAMBÉM OPRIMIDOS TER CONSCIÊNCIA. SE FIZER IGUAL, SIGNIFICA ACREDITAR SOMENTE TRANSFORMAÇÃO DESPREZAR PESSOAS.

MOMENTO OPINAR, NÓS TENTAR-NÃO FAZER DIFERENTE: DEFENDER
PEDAGÓGICO PRECISAR ACONTECER PEDAGOGIA.

Disponível em: https://youtu.be/nH_OrNjwjTQ

²⁸Fromm, Erich – “El corazón del hombre” – Breviarios – Fonde de Cultura – México – 1966 – pags.
54-55.

²⁸1-F-R-O-M-M 2-E-R-I-C-H APONTAR LEGENDA FRASE EM ESPANHOL.

Disponível em: <https://youtu.be/sjzSult-YI>

te pedagógico da revolução.

Se os líderes revolucionários de todos os tempos afirmam a necessidade do convencimento das massas oprimidas para que aceitem a luta pela libertação – o que de resto é óbvio – reconhecem implicitamente o sentido pedagógico desta luta. Muitos, porém, talvez por preconceitos naturais e explicáveis contra a pedagogia, terminam usando, na sua ação, métodos que são empregados na “educação” que serve ao opressor. Negam a ação pedagógica no processo libertário, mas usam a propaganda para convencer...

Desde o começo mesmo da luta pela humanização, pela superação da contradição opressor-oprimidos, é preciso que eles se vão convencendo de que esta luta exige deles, a partir do momento em que a aceitam, a sua responsabilidade total. É que esta luta não se justifica apenas em que passem a ter liberdade para comer, mas “liberdade para criar e construir, para admirar e aventurar-se. Tal liberdade requer que o indivíduo seja ativo e responsável, não um escravo nem uma peça bem alimentada da máquina. Não basta que os homens não sejam escravos; se as condições sociais fomentam a existência de autómatos, o resultado não é o amor à vida, mas o amor à morte”.

Os oprimidos, que se “formam” no amor à morte, que caracteriza o clima da opressão, devem encontrar, na sua luta, o caminho do amor à vida, que não está apenas no comer mais, se bem que implique nele também e dele não possa prescindir.

É como homens que os oprimidos têm de lutar e não como “coisas”. É precisamente porque reduzidos a “coisas”, na relação de opressão em que

SE LÍDERES REVOLUCIONÁRIOS QUALQUER ÉPOCA MOSTRAR NECESSIDADE (PRECISÃO) MASSA (GRUPO) OPRIMIDA FOCAR MILITAR (LUTA) LIBERTAÇÃO – SIM, CONCORDAR – RECONHECER ATRÁS PEDAGOGIA. VÁRIAS PESSOAS, TALVEZ, TER OPOSIÇÃO PEDAGOGIA, USAR ESTRATÉGIA IGUAL OPRESSOR TER MOMENTO “EDUCAÇÃO”. NEGAR (DISCORDAR) PEDAGOGIA MOMENTO LIBERTAÇÃO, TENTAR USAR FRASES CONVENCER.

JÁ INÍCIO PASSADO LUTAR H-U-M-A-N-I-Z-A-Ç-Ã-O, TENTAR SEPARAR OPRESSOR TAMBÉM OPRIMIDOS, PRECISAR ASSUMIR RESPONSABILIDADE LUTAR PRÓPRIO DELES. LUTAR TER-NÃO LIBERDADE SÓ COMER, MAS LIBERDADE PENSAR, CRIAR, ADMIRAR TAMBÉM VIVER. TER LIBERDADE

PRECISAR INDIVÍDUO (SER HUMANO) ATIVO TAMBÉM RESPONSÁVEL, ESCRAVO NÃO, MÁQUINA SER-NÃO. HOMEM NÃO ESCRAVO SE ESTRUTURA SOCIAL INCENTIVAR AMOR.

OPRIMIDOS FOCAR MORTE, PRÓPRIA OPRESSÃO, PRECISAR ENTENDER MOMENTO LUTA, FOCAR AMOR VIDA, AMOR NÃO SÓ COMER, MAS ESTÁ UNIDO E NÃO PODER SEPARAR IDEIA AMOR JUNTO COMER BEM.

IGUAL HOMEM OPRIMIDOS PRECISAR MILITAR (LUTAR), HOMENS TER VIDA, NÃO OBJETO. PORQUE SE ACEITAR IGUAL “COISAS” (OBJETOS) MOMENTO RELAÇÃO OPRESSÃO ATUAL SENTIR FORÇA NADA.

Disponível em: <https://youtu.be/raTMkaFbhuM>

²⁸ Fromm, Erich – “El corazón del hombre” – Breviarios – Fondo de Cultura – México – 1966 – pags. 54-55.

²⁸-F-R-O-M-M, -E-R-I-C-H APONTAR LEGENDA FRASE EM ESPANHOL.

Disponível em: <https://youtu.be/O4ELEWccKco>

PRÁTICA DIFERENTE TRABALHO ANTERIOR JÁ EXPLICAR: I-N-S-T-R-U-M-E-N-T-O E-D-U-C-A-D-O-R. LIDERANÇA REVOLUCIONÁRIA MANIPULAR ALUNOS PORQUE JÁ PRÓPRIA CONSCIÊNCIA.

PROFESSOR Á-L-V-A-R-O V-I-E-I-R-A P-I-N-T-O EXPLICAR “MÉTODO FORMA (JEITO) EXTERIOR (FORA) CONTROLAR CONSCIÊNCIA: I-N-T-E-N-C-I-O-N-A-L-I-D-A-D-E.” CONSCIÊNCIA PRECISAR CONTATO TER MUNDO SEMPRE SEPARAR-NÃO. ANALISAR ESTRUTURA CONSCIÊNCIA, PERCEBER CONSCIÊNCIA SIGNIFICA “CAMINHO P-A-R-A”, NÃO PRÓPRIO DELA, NÃO DENTRO DELA, MOSTRAR SIGNIFICADO CAPACIDADE IDEIAS. PROFESSOR BRASILEIRO CONTINUAR EXPLICAR, CONSCIÊNCIA IGUAL MÉTODO PORQUE PRECISAR ESFORÇAR MÁXIMA. ISTO (APONTAR) TER ESTRUTURA MÉTODO, AQUILO (APONTAR) ESSÊNCIA PRÓPRIA CONSCIÊNCIA SÓ TER DENTRO MENTE.”

Disponível em: <https://youtu.be/XzSeHWyoy0U>

²⁹No IV capítulo voltaremos pormenorizadamente a êste tema.

²⁹CAPÍTULO 4 EXPLICAR DETALHES.

Disponível em: <https://youtu.be/29dANJgHOXk>

tido de máxima generalidade. Tal é a raiz do método, assim como tal é a essência da consciência, que só existe enquanto faculdade abstrata e metodica.”³⁰

Porque assim é, a educação se faz co-intencionalidade.

Educador e educandos, co-intencionados à realidade, se encontram numa tarefa em que ambos são sujeitos no ato, não só de desvelá-la e, assim ganhar o seu conhecimento racional ou a sua razão, mas também de recriar êste conhecimento.

Ao alcançarem, na reflexão e na ação em comum, êste saber da realidade, se descobrem como seus refazedores permanentes.

Dêste modo, a presença dos oprimidos na busca de sua libertação, mais que pseudo-participação, é o que deve ser: engajamento.

EDUCAÇÃO SÓ FAZER JUNTO PESSOAS REFLETIR.

E-D-U-C-A-D-O-R TAMBÉM E-D-U-C-A-N-D-O-S, JUNTOS MOSTRAR REALIDADE, DOIS GRUPO, JUNTOS TENTAR DESCOBRIR E DEPOIS ADQUIRIR CONHECIMENTO (SABEDORIA) RACIONAL (NATURAL) OU RAZÃO, MAS TAMBÉM ORGANIZAR CONHECIMENTO.

QUANDO CONSEGUIR REFLEXÃO TAMBÉM AÇÃO, DESCOBRIR LIBERDADE PERCEBER SEMPRE FAZER, REFAZER IGUAL CICLO.

ENTÃO, PARTICIPAÇÃO OPRIMIDOS MOMENTO PROCURAR LIBERTAÇÃO, SÓ PENSAR NÃO, PARTICIPAR JUNTO: ENGAJAMENTO.

Disponível em: <https://youtu.be/mhFaDVh7CDw>

³⁰ Vieira Pinto, Álvaro – Trabalho ainda em elaboração sobre filosofia da ciência. Deixamos aqui o nosso agradecimento ao mestre brasileiro por nos haver permitido citá-lo antes da publicação de sua obra. Consideramos o trecho citado de grande importância para a compreensão de uma pedagogia da problematização, que estudaremos no capítulo seguinte.

³⁰ AUTOR Á-L-V-A-R-O V-I-E-I-R-A P-I-N-T-O ESCREVER TEMA FILOSOFIA ÁREA CIÊNCIA FALTAR CONCLUIR LIVRO MAS JÁ AGRADECER MESTRE BRASILEIRO LIBERAR USAR LIVRO ANTES CONCLUIR. FRASE CITADA IMPORTANTE(FAZER SINAL COM ÊNFASE), ENTENDER CLARO PEDAGOGIA AJUDAR RESOLVER PROBLEMAS CAPÍTULO PRÓXIMO ESTUDAREMOS.

Disponível em: <https://youtu.be/smVNxLv-jfk>

Apêndice B: Diário de Tradução Capítulo 1 do Livro “Pedagogia do oprimido”

Nota 1: Aos Início os estudos da tradução analisando o material recebido - Texto Fonte (TF) pela capa e título do livro. Na maioria das capas do livro na versão da língua portuguesa é encontrada a foto do Paulo Freire, acredito que o fato de usar essa foto não é somente pela notoriedade da pessoa do Freire, mas também por seus ideias que estão ali impressos. Em busca de algo mais concreto, pesquiso as capas dos livros traduzidos para outras línguas e dentre elas, a versão finlandesa trabalhou com a mesma proposta que a nossa em usar a foto do autor; na versão argentina tal qual na versão na versão dinamarquesa, o símbolo de militância - o punho cerrado - segurança um lápis; a versão uruguaia e italiana, ambas em tons de cores de abatimento, trabalharam com imagens que retrata a pobreza, a primeira, em preto e branco, apresenta o semblante de uma velha senhora que me remete o sofrimento de longas datas, de outra sorte, a segunda versão, em sépia, os rostos de jovens meninas entregues à sorte do destino.

Nota 2: Após buscar possíveis suspeitas na capa, analiso o léxico “pedagogia” inserido no título de uma forma mais superficial, mesmo sendo Pedagogia a minha primeira formação e tendo um atendimento mais abrangente da área, ainda espero encontrar um trocadilho da palavra para com o restante do título.

Nota 3: Logo no primeiro parágrafo da primeira do capítulo página percebo uma possível dificuldade em sinalizar “*daí que o consideremos como mera introdução, como simples aproximação a assunto que nos parece de importância fundamental.*” Mesmo não havendo necessidade de pesquisar o significado de cada em qualquer material externo, recorri ao mesmo para poder, através dos sinônimos, fazer uma organização frasal da sentença em Língua de Sinais. Como associo na Língua de Sinais que a “mera introdução” é apenas “aproximação” do estudo? Entre todas as possibilidades, entendo que usar os termos “refletir” e “desconfiar” serão as minhas melhores escolhas lexicais para esta sentença.

Nota 4: “*Mais uma vez os homens, desafiados pela dramaticidade da hora atual”.* De que dramaticidade Paulo Freire se refere? A hora atual são os dias da época? Para este primeiro momento vou anotando esses questionamentos na borda das páginas para que familiarize com a resposta e a pergunta não caia no esquecimento.

Nota 5: Na leitura do segundo parágrafo encontro uma das ideologias marxista mais disseminada em aulas de disciplinas filosóficas: o pouco saber de si (se referindo ao ser humano). Usarei esta como resposta da proposta de outro arquivo do TCC. Neste mesmo apontamento, encontro na continuação da frase “*posto cosmos*” e não consigo chegar em nenhuma resposta do significado desta expressão, após pesquisar percebo que se refere ao vasto universo frente a um ser (humano) tão minúsculo que pode ser um nada.

Nota 6: “*Ao instalar-se na quase, senão trágica descoberta do seu pouco saber de si, se fazem problema a eles mesmos.*” Vista a omissão como um dos procedimentos de tradução, escolho não sinalizar este termo.

Nota 7: Humanização aparece pela primeira vez no texto, conheço o significado da palavra, mas não sei como sinalizar, escolho referir como algo que há dentro do ser humano. Não encontrei nenhum sinal para este léxico.

Nota 6: “*O problema de sua humanização, apesar de sempre dever haver sido, de um ponto de vista axiológico, o seu problema central, assume, hoje, caráter de preocupação ineludível.*” Em uma mesma frase encontro dois termos, o primeiro ao pesquisar encontro como definição: axiologia é o estudo de valores, uma teoria do valor geral, compreendido no sentido moral. O segundo, conheço o significado, contudo não consigo estruturar uma sinalização que contemple o sentido do TF, escolho EVITAR PODER-NÃO para equivalência.

Nota 7: Uso de outro procedimento de tradução, a equivalência, para a frase “[...] dentro da história, num contexto real, concreto, objetivo, são possibilidades dos homens como seres inconclusos e conscientes de sua inconclusão”, defino que HOJE OU PASSADO HISTÓRIA

(ATÉ HOJE), MOSTRAR TALVEZ, TALVEZ... HOMEM NÃO SABER RECONHECER OLHAR DENTRO NADA para este momento são as minhas melhores escolhas.

Nota 8: *“Vocação”*: fiquei em dúvida se teria o mesmo sentido de dom, li e reli a frase, cogito positiva a minha suspeita. Mas, e *“vocação negada”*? Ao explorar o restante do parágrafo vejo que é negar a vocação recebida, negar e renegar o dom gratuito.

Nota 9: Comumente o verbo “ser” e “estar” não é sinalizado em LSB com sinais específicos, por se tratar desta vertente, farei o apontamento para legenda para a expressão “SER MAIS” que aparece pela primeira vez na segunda página do capítulo 1.

Nota 10: De outra sorte, a expressão “ser menos” que surge na terceira página traz um entendimento mais claro após a leitura de toda página, percebo então que é direcionado para as pessoas que tenho seu caráter (perfil) invadido.

Nota 11: O que é humanista? Na tentativa de abreviar minha pesquisa, pesquisei “o que é humanista” na plataforma de pesquisas externas, Google, e deparo com o resultado *“humanismo é a filosofia moral que coloca os humanos como os principais numa escala de importância, no centro do mundo. É uma perspectiva comum a uma grande variedade de posturas éticas que atribuem a maior importância à dignidade, aspirações e capacidades humanas, particularmente a racionalidade.”* Após análise desta definição, entendo que na frase *“e aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores”* partindo do pressuposto da moralidade uso esta premissa como base para a tradução do sentido através do léxico empatia.

Nota 12: A palavra generosidade aparece entre áspas indicado uma falsa generosidade, por isto uso a expressão “falsa ajuda” como tradução de sentido.

Nota 13: A *“ordem” social injusta é a fonte [...]*. Que ordem é esta? Uma regra ou um comando? Julgo ser a primeira opção.

Nota 14: “*Demitidos do mundo*”, “*esfarrapados do mundo*” e “*condenados da terra*” são expressões que percebo como particularidade da língua portuguesa não encontra um equivalente para a LSB, portanto me situo ao pobre que sempre é ajudado.

Nota 15: “*O grande problema está em como poderão os oprimidos, que “hospedam” ao opressor em si [...]*” mediante ao contexto, uso o léxico acostumar acatando o contexto elevado.

Nota 16: [...] chamamos de “aderência” ao opressor - o sinal do verbo adquirir no sentido de incorporação é usado neste contexto, pois se trata da incorporação de um perfil a uma pessoa.

Nota 17: Para o substantivo homem usado constantemente neste material, usarei o sinal de humano, visto que se trata de pessoas no sentido geral da humanidade e não de gênero.

Nota 18: Omito a primeira frase do primeiro parágrafo da oitava página, retorno a página 6 e a N16 - Nota 16 (deste diário) - e reitero de forma mais a sinalização para que compense estas frases de sentidos iguais e não fique notoriamente repetitiva.

Nota 18: O fim da página 09 que emenda à página 10 me deixou bastante sensível às minhas escolhas tradutórias. É um trecho que transmite bastante sentimento, contudo não consigo elaborar uma outras estratégia tradutória senão através de indagações para conseguir expressar em fidelidade o sentido proposto por Freire.

Nota 19: Apesar do sentido metafórico o trecho “*a libertação, por isto, é um parto. E um parto doloroso [...]*” da página 10, opto por manter essa intenção e apenas insiro a informação que seria reflexiva, ADQUIRIR TOTAL LIBERDADE IGUAL MÃE SOFRER PARTO.

Nota 20: Quem é Hegel? Preciso pesquisar sobre ele. Acredito que Freire usa das ideologias dele também em concordância com as suas, a citação ao final da página 10 aponta para essa realidade.

Nota 21: Para a intenção da ideia dialética tratada, escolho usar o comparativo de classes e para este momento adiciono CLASSE+SUPERIOR.

Nota 22: Objetivismo, subjetivismos e psicologismo surgem no texto, pesquiso e entendo que se trata, respectivamente de, obedecer um padrão, atitudes egocêntricas e o poder da influência da mente. O resultado se deu após pesquisas em dicionários e revistas da área da neurociência.

Nota 22: Encontro um trecho em espanhol, como proceder? Vou reportar o questionamento ao meu orientador.

Nota 22: O termo “*racionalização*” não ficou claro o seu uso, usarei a datilologia para citá-lo.

Nota 23: Lucáks é citado, não vejo necessidade de saber a vida dele, contudo pesquiso possível sinal pessoal para ele e não encontro nenhum, vou usar datilologia.

Nota 24: Diferentemente das 15 primeiras páginas, percebo que as informações começam a ficarem mais claras não havendo necessidade de fazer releitura para conseguir entender a intenção do autor.

Nota 25: “*Inauguram o desamor, não os desamados, mas os que não amaram, porque apenas se amaram.*” Nunca ouvido, busco por definição desta palavra, e encontro no Dicionário Online de Português: “*desafeição; diminuição da afeição; falta de amizade*” (grifo nosso) dada definição, escolho AMOR+DIMINUIR para definir o léxico.

Nota 26: “*Os que inauguram o terror não são os débeis*”, mesmo usando sinonímia para esta palavra que conheço, me sinto incapaz de estruturar a frase partindo do meu conhecimento, recorro novamente ao Dicionário Online de Português e escolho o adjetivo fraco para a interpretar a palavra da sentença.

Nota 27: Na frase “*quem inaugura a tiranía não são os tiranizados, mas os tiranos*” quais possíveis sinais definem melhor essas palavras? Mesmo recorrendo ao dicionário, dado

contexto, percebo que a relação da tirania descrito por Freire é intrínseca à opressão, portanto usarei o sinal opressão.

Nota 28: A palavra “hipocrisia” citada na página 21 está no mesmo contexto anterior ao citar a falsa generosidade, portanto usarei a relação dos sinais falsa e ajudar para construir esta sentença.

Nota 28: *“São sempre eles os “violentos”, os “bárbaros”, os “malvados”, os “ferozes”, quando reagem à violência dos opressores”*, uma gama de palavras sinônimas surgem. Prefiro não me ater ao significado específico de cada sinal, usarei violentos, covardes, maus e raivosos.

Nota 29: O autor inicia tratativa da “contradição” que faz uma relação direta à relação de grupos, visto que chegar nessa conclusão me demandou bastante tempo, permaneço com esta equivalência na tradução, até o momento é a minha melhor escolha para tal.

Nota 30: A libertação dos opressores passa pelo processo de libertá-los, mediante a relação que define que a libertação precisa iniciar pelo oprimidos, reflito: quem são (realmente) os opressores?

Nota 31:É bastante deprimente perceber as pessoas amando coisas e usando pessoas, percebo que além disto, o tratamento direto dos opressores aos oprimidos é algo asqueroso, a repúdia me traz à tona a época que este livro foi escrito, na época da Ditadura Militar, época onde “era tempos maus somente para bandidos”, vejo os oprimidos sendo tratados como se objetos fossem e de modo tendencioso percebo que (possivelmente) qualquer atitude de não concordância aos líderes poderia desencadear uma tratativa usada com “bandidos”.

Nota 32: Consciência necrófila”? Surge este termo referindo a satisfação dos opressores em fazer legado oprimindo aqueles que fazem parte da sua rotina opressora.

Nota 33: Mais uma citação em espanhol, desde o último ocorrido - N22 - tive um encontro com o orientador e decidi usar o apontamento para a legenda quando se tratar de trechos em língua estrangeira.

Nota 34: Quando se referiam aos oprimidos como pessoas ainda não livres o sinal PESSOA+SOFRER se encaixava melhor. Contudo, após este momento de libertação, vejo o sinal PESSOA+INFERIOR mais adequado.

Nota 35: Desde a N13 a palavra “ordem” tem aparecido com bastante frequência, isso reforça a minha reflexão que se refere a uma regra a ser brutalmente seguida, pois não sendo acatada gera violência entre seus pares.

Nota 36: Na última linha do penúltimo parágrafo da página 31, surge uma dúvida na frase: “[...] colonizado ao colonizador, mesclada, contudo, de “apaixonada” atração por êle”. Será que a palavra grafada realmente traz a intenção de paixão como atração pelo outro?

Nota 37: Um comovente testemunho é encontrado na narrativa da página 32 onde os oprimidos se convenceram realmente a subalternidade da sua figurante frente aos opressores.

Nota 38: Os oprimidos se colocavam em posição inferior aos animais, afirmando que até os animais são livres.

Nota 39: Autodesvalia, a sua definição é explicada no próprio contexto situacional, contudo não encontro no campo da sinonímia uma definição que abarca tal situação, usarei a datilologia.

Nota 40: É pontuada a necessidade da prática libertadora como ato exclusivo: a reflexão.

Nota 41: Em contrapartida à N34, após conversa com os meus colegas de classes e parceiros de TCC, que estão traduzindo os capítulos 2 e 3, combinamos um sinal específico para opressor, oprimido e opressão.

Nota 42: Antes de finalizar o capítulo, retorno às minhas indagações anteriormente anotadas e contemplo esclarecidas todas as minhas dúvidas. Em revisão, uso para várias páginas o áudio, como ato de concentração e é neste momento que noto a humanização como sinônimo da civilização.

Apêndice C: Sistema de Transcrição para a Libras (FELIPE, 2005)

As línguas de sinais têm características próprias e por isso vem sendo utilizado mais o vídeo para sua reprodução à distância. Existem sistemas de convenções para escrevê-las, mas como geralmente eles exigem um período de estudo para serem aprendidos, neste livro, estamos utilizando um "Sistema de notação em palavras".

Este sistema, que vem sendo adotado por pesquisadores de línguas de sinais em outros países e aqui no Brasil, tem este nome porque as palavras de uma língua oral-auditiva são utilizadas para representar aproximadamente os sinais.

Assim, a LIBRAS será representada a partir das seguintes convenções:

1. Os sinais da LIBRAS, para efeito de simplificação, serão representados por itens lexicais da Língua Portuguesa (LP) em letras maiúsculas.

Exemplos: CASA, ESTUDAR, CRIANÇA, etc.;

2. Um sinal, que é traduzido por duas ou mais palavras em língua portuguesa, será representado pelas palavras correspondentes separadas por hífen.

Exemplos: CORTAR-COM-FACA, QUERER-NÃO "não querer", MEIO-DIA, AINDA-NÃO, etc.;

3. Um sinal composto, formado por dois ou mais sinais, que será representado por duas ou mais palavras, mas com a ideia de uma única coisa, serão separados pelo símbolo [^].

Exemplos: CAVALO[^]LISTRA "zebra";

4. A datilologia (alfabeto manual), que é usada para expressar nome de pessoas, de localidades outras palavras que não possuem um sinal, está representada pela palavra separada, letra por letra por hífen.

Exemplos: J-O-Ã-O, A-N-E-S-T-E-S-I-A;

5. O sinal soletrado, ou seja, uma palavra da língua portuguesa que, por empréstimo, passou a pertencer à LIBRAS por ser expressa pelo alfabeto manual com uma incorporação de movimento próprio desta língua, está sendo representado pela datilologia do sinal em itálico.

Exemplos: *R-S* "reais", *A-C-H-O*, *QUM* "quem", *N-U-N-C-A*, etc.;

6. Na LIBRAS não há desinências para gêneros (masculino e feminino) e número (plural), o sinal, representado por palavra da língua portuguesa que possui estas marcas, está terminado com o símbolo @ para reforçar a idéia de ausência e não haver confusão.

Exemplos: AMIG@ “amiga(s) e amigo(s)”, FRI@ “fria(s) e frio(s)”, MUIT@ “muita(s) e muito(s)”, TOD@, “toda(s) e todo(s)”, EL@ “ela(s), ele(s)”, ME@ “minha(s) e meu(s)” etc;

7. Os traços não-manuais: expressões facial e corporal, que são feitos simultaneamente com um sinal, estão representados acima do sinal ao qual está acrescentando alguma idéia, que pode ser em relação ao:

a) tipo de frase ou advérbio de modo: interrogativa ou... i ... negativa ou ... neg ... etc

Para simplificação, serão utilizados, para a representação de frases nas formas exclamativas e interrogativas, os sinais de pontuação utilizados na escrita das línguas oral-auditivas, ou seja: !, ? e ?!

b) advérbio de modo ou um intensificador: muito rapidamente exp.f(expressão facial) "espantado" etc;

	interrogativa	exclamativo	muito
Exemplos:	NOME	ADMIRAR	LONGE

8. Os verbos que possuem concordância de gênero (pessoa, coisa, animal), através de classificadores, estão representados tipo de classificador em subscrito.

Exemplos: pessoaANDAR, veículoANDAR, coisa-arredondadaCOLOCAR, etc;

9. Os verbos que possuem concordância de lugar ou número-pessoal, através do movimento direcionado, estão representados pela palavra correspondente com uma letra em subscrito que indicará:

a) a variável para o lugar:

i = ponto próximo à 1ª pessoa,

j = ponto próximo à 2ª pessoa,

k = pontos próximos à 3ª pessoa,

e = esquerda,

d = direita;

b) as pessoas gramaticais:

1s, 2s, 3s = 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular;

1d, 2d, 3d = 1a, 2a e 3a pessoas do dual;

1p, 2p, 3p = 1a, 2a e 3a pessoas do plural;

Exemplos: 1s DAR2S "eu dou para "você",

2sPERGUNTAR3P "você pergunta para eles/elas",

kdANDARke "andar da direita (d) para à esquerda (e).

10. Às vezes há uma marca de plural pela repetição do sinal. Esta marca será representada por uma cruz no lado direito acima do sinal que está sendo repetido:

Exemplo: GAROTA +

11. Quando um sinal, que geralmente é feito somente com uma das mãos, ou dois sinais estão sendo feitos pelas duas mãos simultaneamente, serão representados um abaixo do outro com indicação das mãos: direita (md) e esquerda (me),

Exemplos: IGUAL (md) PESSO@-MUIT@ANDAR (me)

IGUAL (me) PESSOA-EM-PÉ (md)

Estas convenções vem sendo utilizadas para poder representar, linearmente, uma língua espaço-visual, que é tridimensional. Felipe (1988, 1991,1993,1994,1995,1996)